FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 1967

ANO 46.º — NÚMERO 15 863

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363
TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA

Adiamento da admissão da Inglaterra na C. E. E. — prevê a Imprensa britânica

LONDRES, 16 — (F. P.) — Para o «Daily Telegraph» torna-se evidente que Harold Wilson e o chanceler Kiesinger chegaram á conclusão de que a eventual adesão da Grã-Bretanha á C. E. E. depara com «dificuldades excepcionais», de tal ordem que a candidatura britanica poderá sofrer um atraso de «alguns anos».

Quanto ao «Sun», normalmente pró-trabalhista, diz que tanto do lado francês como do lado alemão teria ficado assente não levantar o problema da entrada da Grã-Bretanha na C. E. E. antes do mês de Julho. A impressão em Bonn — acrescenta o jornal — é de que a França e a Alemanha procuram demorar

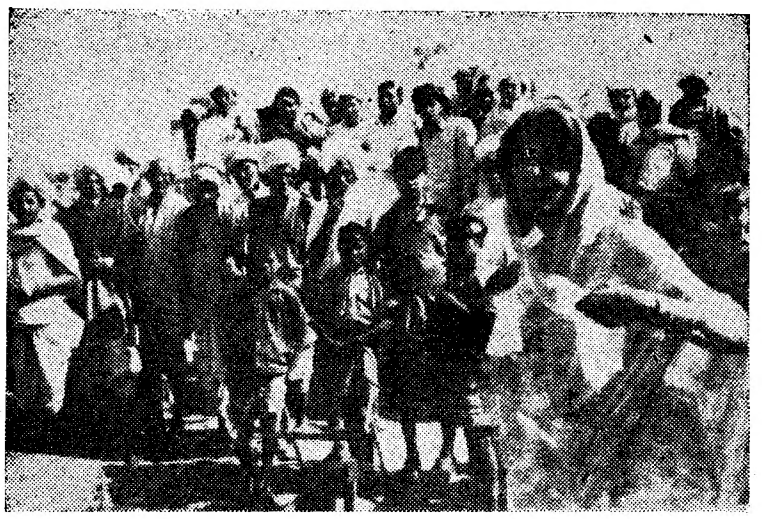
(Continua na 15.ª página)

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRÃO

OS AMERICANOS E OS ALIADOS

O Governo dos Estados Unidos mais de uma vez afirmou que não está na disposição de concluir um tratado para evitar a disseminação das armas nucleares com a União Soviética, desde que o respectivo projecto não consiga a aprovação prévia dos seus aliados da N. A. T. O. Por isso se têm realizado reuniões do Conselho do Atlântico (com a assistência do representante da França) nas quais o problema tem sido objecto de ampla discussão. O representante americano nesse Conselho, Harlan Cleveland, não se tem poupado a esforços para conseguir a aprovação dos seus colegas, sem ver coroados de êxito os seus esforços. Entretanto, com a próxima reunião da Comissão dos Dezoito, a urgência de chegar a uma conclusão tornou-se elemento fundamental dos debates e consultas entre os diversos Governos. Os aliados dos americanos na N. A. T. O. não ocultam o receio de serem obrigados a tomar precipitadamente resoluções susceptíveis de afectar o seu futuro. Uma vez posta a sua assinatura no tratado, negociado pelos Estados Unidos e pela União Soviética com o concurso da Grã-Bretanha, criar-se-á uma situação irreversível, da qual só se libertariam pela denuncia do que vão subscrever.

Por outro lado, a questão da utilização da energia atómica para fins pacificos está estreitamente relacionada com a limitação do numero de paises possuidores de armas nucleares, sendo quase impossível separar os dois aspectos do problema universal do átomo. Este tornou-se motivo de preocupação para todos os povos desde que se conheceram as suas primeiras manifestações em Hiroshima. Procura-se, desde então, estabelecer a regra jurídica para limitar os perigos que a Humanidade corre, mas esse objectivo não se conseguirá sem criar divergências e desigualdades, contra as quais se levantam protestos compreensíveis.



A marani de Jaipur discursando durante a campanha eleitoral indiana. A marani dirige o Partido Swatantra (Partido da Liberdade)

Desapareceram nas Filipinas quatro aviões

MANILA, 16 — (A. N. I.) — Foram dados como desaparecidos quatro aviões militares filipinos «F-86», a jacto, que hoje de manhã, tinham partido para um voo de treino sobre as montanhas de Zambales, na costa ocidental da ilha de Luzon.

Cada avião transportava apenas o piloto e tinha gasolina para duas horas e meia de voo.

Presume-se que os aparelhos filipinos, que voavam em formação, tenham embatido nalgum ponto das montanhas, com 2800 metros de altura, ou caído no Mar do Sul da China.

A China é acusada pela «Pravda» de preparar na U. R. S. S. uma revolução favorável a Mao

MOSCOVO, 16 — (A.N.I.) — A U. R. S. S. acusa a China continental de preparar a rotura formal das relações entre os dois países e uma revolução na União Soviética, favorável a Mao Tsé Tung.

Num artigo de quatro mil palavras, a «Pravda», orgão oficial do Partido Comunista soviético e o jornal de maior influência, ataca em termos violentos os dirigentes de Pequim, acusando Mao de «aniquilar» os chineses que se lhe opõem e de empregar «tropas de assalto» para pôr em prática as suas ideias.

Mao — prossegue a «Pravda» — apoiou reivindicações territoriais contra a U. R. S. S. e «apunhalou pelas costas» o Vietnam do Norte, ao rejeitar a adesão a uma frente comunista comum contra os Estados Unidos.

O jornal afirma ainda:

«Não há duvida de que o grupo de Mao não poderá continuar indefinidamente a enganar o povo chinês e os comunistas chineses.

«Mao e a sua camarilha estão, sem duvida, a tentar cumprir a sua ameaça de transferir para a arena internacional os métodos de desordem política dos «guardas vermelhos».

«A propaganda chinesa está a pedir ao povo russo a derrocada do actual sistema e o içar da bandeira de Mao Tsé Tung na própria Praça Vermelha».

A ALBÂNIA CRIOU A SUA «GUARDA VERMELHA»

VIENA, 16 — (R.) — Segundo notícias recebidas nesta capital, a Albânia criou um movimento re-

(Continua na 15.ª página)

De Gaulle responsabiliza os Estados Unidos pela guerra do Vietnam

PARIS, *Fevereiro* — As razões do rompimento entre Paris e Washington são numerosas e conhecidas. Entre elas avulta a guerra do Vietnam. Neste ponto o general de Gaulle ergue-se, implacável, contra a política dos Estados Unidos. Não se trata, apenas, de simples divergências de opinião ou críticas e polémicas. O que aquele diz a respeito da política americana no Sueste asiático constitui a sua mais severa condenação.

A tese americana

A tese americana é conhecida. Se os seus autores insistem nela é por saberem que a guerra que fazem precisa de fundamentos morais. Se intervieram no Vietnam, dizem, foi para repelir a agressão comunista, vinda do Norte. Sem isso, o seu acto teria um carácter de agressão, ao passo que, assim, estão a lutar para salvaguardar a liberdade do povo do Vietnam do Sul. Por outro lado, se aumenta o seu esforço militar, se os americanos se mostram decididos a levá-lo muito longe, com todos os riscos que essa acção representa para a paz é porque aos seus olhos a ameaça vinda do Norte é cada vez maior.

A partir desta tese supõem que

(Continua na página seguinte)

por ATTICUS

Foi pedido na O. N. U. um estudo abrangendo territórios portugueses

NOVA YORK, 16 — (R.). — A União Soviética juntou-se á Tanzania e á Síria ao pedir um estudo da O. N. U. sobre as actividades de interesses emonómicos estrangeiros no Sul da África.

O delegado soviético, Pavel Shakhov, declarou anteontem, na comissão especial sobre o colonialismo, que o estudo devia abranger a Rodésia, o Sudoeste Africano e territórios portugueses.

M. A. Foum, da Tanzania, e Rafic Jouejati, da Síria, também pediram que uma investigação especial fosse realizada acerca de bases militares em territórios dependentes. Nenhum território podia usufruir de verdadeira independência enquanto tais bases existissem — afirmou o delagado sírio.

VISADO PELA CENSURA

Nota do dia

DOUTRINA

Não é o conflito em si que nos interessa, apesar de reconhecermos o interesse público de que se reveste. E' a lição que se tira dele, a doutrina que se estabelece e pela qual há muito tempo nos batemos, sem encontrar eco em órgãos de informação que deviam secundar-nos, na defesa de direitos constantemente menosprezados por quem tinha o dever de os respeitar. Um prezado colega nosso, no pleno uso de direitos que constam apenas dos textos legais, mas que na prática não têm efectivamente validade, atreveu-se a criticar determinadas atitudes, deliberações e declarações provenientes de um importante departamento do Estado que, tal como acontece com outros serviços públicos, se considera intangível e ao abrigo de toda a crítica. «O que existe hoje, em certas esferas — escreve o referido colega com pleno conhecimento de causa —, é uma excessiva sensibilidade a qualquer crítica ou observação por mais justificada que seja». Ora, o referido departamento ripostou em termos considerados impróprios, «por descabidas insinuações e falta de respeito pelos direitos da Imprensa». E o nosso prezado colega deu-lhe a resposta adequada, da qual extraímos, para que se estabeleça doutrina a tal respeito, este pedacinho de oiro que põe a questão no seu verdadeiro pé: «No estilo que mais nos apraz, com ironia ou sem ela, tem a Imprensa o direito e o dever de debater problemas de interesse público como o que foi tratado no nosso artigo do dia...». Esta é que é a doutrina a sustentar e na defesa da qual temos feito figura de D. Quixote, batendo-nos contra moinhos que nem sempre são de vento, mas de paciência e de direitos indevidamente postergados. E se outra tivesse sido a atitude de quem tem o encargo de orientar a opinião pública, procurando conciliar o interesse colectivo com o prestígio e a missão tradicional da Imprensa, outro galo nos cantaria hoje...

32 PÁGINAS HOJE

VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA FAP

De ontem para hoje

Os prémios da Formação Profissional

O ministro da Educação Nacional presidiu ontem no Palácio da Independência, sede da Mocidade Portuguesa, á distribuição de prémios do XVI Concurso Nacional de Formação Profissional por aquela organização realizado. No uso da palavra, o comissário nacional da M. P. disse «que, do ponto de vista educativo, a realização dos concursos de trabalho constitui uma afirmação á juventude de que a valorização humana de cada um se pode obter não só através de uma conveniente preparação puramente intelectual mas também por meio de um apuramento das qualidades técnicas e das virtudes que na sua oficina atinjam os que pertencem á classe operária.» E depois: Parece hoje especialmente importante para os Portugueses atingir-se uma adequada solução do duplo problema que temos de enfrentar—o do aumento do numero e do nivel profissional dos nossos técnicos, com vista a suportarmos dignamente a concorrência á escala internacional e também o de conseguirmos imprimir o ritmo conveniente á promoção e desenvolvimento do Ultramar Português.» Acentuou ainda que na fase inicial do concurso participaram 150 jovens operários, depois do que foram entregues os prémios aos três primeiros classificados. E, com as insignias de cavaleiro da Ordem de Instrução Publica foram condecorados os mestres Gomes Pereira e António de Sousa. E, no final, disse o sr. ministro da Educação Nacional que os concursos de trabalho oferecem a nota simpática de colocar lado a lado estudantes e não estudantes, irmanados todos num esforço comum para serem melhores e mais uteis á sociedade e ao País. A terminar, referiu-se á colaboração, bem vincada nesta iniciativa, entre a escola e a industria e afirmou que a M. P. se encontra sempre de braços abertos para manter viva e fecunda essa colaboração.

«HOME INTERNATIONAL»

O general Costa Macedo, presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, recebeu ontem o produto da venda organizada pelo «Home International» a favor da mesma instituição. A cerimónia da entrega efectuou-se na residência da sr.ª embaixatriz do Canadá, estando presentes D. Vera Franco Nogueira e todas as embaixatrizes que deram a sua colaboração á venda, senhoras da Cruz Vermelha e outras personalidades. A venda rendeu 848 402$60, tendo sido entregue ao sr. gen. Costa Macedo 424 201$30 e igual importancia á vice-presidente da «Home International», madame Demoustier.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província da Guiné, o furriel miliciano António José Sucena Pinto e os soldados 62198/65, Joaquim Neto Sousa; 85042/65, José Rodrigues; e 820434/66 Adelino Mendes.

A CRIANÇA E O AUTOMÓVEL

Na Aldeia Nova, junto da Maia, vivia Fernando Pereira Lopes. Dez anos e muitas esperanças e sonhos de seus pais enternecidos. Mas sonhos e esperanças foram cortadas cerces por um automóvel que ontem o colheu perto da residência. Era guiado pelo sr. José Soares de Castro, de Famalicão. Ainda o levaram ao Hospital de S. João, mas chegou lá já morto. Esperanças e sonhos findaram, mas a ternura transformou-se em dor bem aguda e saudade perene.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu no Palácio Nacional de Belém, os srs. eng.º Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publicas; deputado José Vicente de Abreu; marquês de Sá da Bandeira, contra-almirante Paulo Teixeira Viana, comandante Soares de Melo, e eng.ºs D. Segismundo Saldanha e Saldanha Lopes, da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, e Jorge Ferreira.

CONSELHO DE MINISTROS

Sob a presidência do sr. ministro de Estado reuniu-se ontem, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, que tratou de problemas correntes das suas atribuições.

A REFLORESTAÇÃO DO PAÍS

Na Associação Industrial Portuguesa efectuou ontem a sua primeira conferência o dr. Jack C. Westoby, director adjunto da Divisão jectivo e alvo da Economia Florestal», A conferência realizou-se no autditório da Feira Internacional de Lisboa, tendo o conferencista sido apresentado pelo eng.º Vasco de Quevedo, estando presentes também os eng.ºs José Alves, director dos Serviços Florestais, e António Carneiro representante do director do Fundo de Fomento Florestal. O dr. Westoby proferirá nova conferência amanhã, no mesmo local. A presença de tão destacada personalidade reveste-se de significado particular no panorama económico português, em virtude das profundas repercussões que terá tanto para a Lavoura como para a Industria, o estudo e realização de um vasto programa de reflorestação das terras de uso não agrário, no ambito do III Plano de Fomento. Por isso, as empresas industriais de dois grandes sectores consumidores de material lenhoso — os produtores de pastas de celulose e de aglomerados de madeira — conscientes da envergadura e urgência do problema da reflorestação e, nomeadamente, dos seus aspectos económicos e financeiros, tomaram a iniciativa de convidar a vir a Portugal o sr. dr. Westoby, que é um dos maiores peritos mundiais neste domínio.

HOMENAGEM A AMÁLIA

Amália Rodrigues foi homenageada ontem á noite com aquela musica dolente que traduz toda a grandeza e profundidade da terra alentejana. No jantar da Tábua Rasa, com a colaboração do grupo coral da Casa do Alentejo, Amália Rodrigues recebeu a homenagem de muitos admiradores, tendo falado o dr. Luís de Oliveira Guimarães e o escritor Charles Oulmon. E nas salas da Casa do Alentejo reboaram, em homenagem á maior intérprete do fado, os ecos de canções alentejanas.

MICAU
a sua sobremesa

Fernandinhos Pobres

Está a despertar grande interesse — e regista já muitas inscrições — a canasta-bridge que, no próximo dia 23, se efectua no Hotel Embaixador a favor da benemérita obra dos «Fernandinhos Pobres».

No CARTAXO o «DIARIO DE LISBOA» está á venda na CASA PEDRO ALVES, SUC., RUA DO BATALHOZ.

De Gaulle responsabiliza os Estados Unidos pela guerra no Vietnam

(Continuação da página anterior)

encontraram a base moral para os seus actos. Por isso partem do princípio de que demolir a tese equivale a demolir a política.

A contratese de de Gaulle

De todos os críticos estrangeiros da política americana, apenas o general de Gaulle tomou contra ela posição nítida e firme. Para ele não se trata, como para Thant, de combater as ideias dos americanos mas de fazer, contra elas, uma acusação cerrada no plano internacional. Por isso se não limita a rejeitar a tese dos Estados Unidos e censura, com veemência, o conjunto da sua política asiática.

Raramente na vida internacional poderá citar-se um caso como este em que um Chefe de Estado fala com inteira franqueza, da política de outro Estado. As suas expressões são tão violentas que equivalem a uma intervenção antiamericana no conflito vietnamita. Para a levar até ás ultimas consequências só lhe falta recorrer ás armas.

Uma acusação concreta

Os termos empregados pelo general de Gaulle nos seus discursos de fim do ano constituem um verdadeiro requisitório contra os Estados Unidos e a sua política. Naquele que proferiu em 31 de Dezembro, pela Rádio, ao falar da guerra do Vietnam disse: «Trata-se de uma guerra injusta porque resulta da intervenção armada dos Estados Unidos em território vietnamita, e deplorável pois com ela uma grande potência está a destruir um pequeno país». Para dar maior ressonancia ás suas palavras aproveitou a recepção oficial do Ano Novo e repetiu aquela interpretação, em termos que, embora mais moderados, foram bastante explícitos. Referiu-se energicamente á guerra «desencadeada no território do Vietnam» e lançou um apelo directo á paz dizendo: «De todas as aspirações comuns aos povos, neste momento nenhuma passa além da de acabar com uma provação deplorável».

O general vai mais longe do que o secretário-geral da O. N. U., acusando directamente os Estados Unidos de responsáveis pela guerra e pela sua duração, não apenas para que o oiça o povo francês mas as representações diplomáticas estrangeiras em Paris, pois, ao referir-se ao «conflito desencadeado no Vietnam» toda a gente entendeu que se referia aos Estados Unidos.

A mais grave acusação

Há, porém, mais. O general de Gaulle aproveitou a recepção ao corpo diplomático, no dia de Ano Novo, para formular contra os americanos as mais severas acusações. Além de os responsabilizar pela guerra e pela sua duração, responsabilizou-os também pela falta de segurança no mundo. «Muitos sintomas — disse ele — davam a entender que, depois de duas conflagrações atrozes chegara o momento de iniciar uma era de colaboração internacional com vista ao progresso geral. Essa vitória do bom-senso foi impedida pela eclosão do conflito militar no Vietnam».

Por outras palavras, quis ele dizer que tudo corria bem e o mundo caminhava para a paz e o progresso, quando a guerra do Vietnam deteve essa caminhada feliz e a sua evolução se paralisou devido á duração da mesma guerra. Para o general de Gaulle, a origem de todo o mal são os Estados Unidos. Nunca uma acusação tão grave foi formulada contra a grande democracia de além-Atlantico que se considera guardião da paz e da liberdade no mundo.

ATTICUS

Uma criança gravemente queimada

VISEU, 16 — Recolheu ao Hospital da Misericórdia, a pequenita Maria de Fátima de Jesus Francisco de 3 anos, residente em Santo Estêvão, que caiu ao fogo e ficou gravemente queimada.

— Deu entrada no mesmo hospital Beatriz Rosa Pereira, de 19 anos, desta cidade, que, sem se saber se desastradamente ou não, ingeriu uma substancia tóxica.

LUGARES VAGOS

para militares desmobilizados

Os militares desmobilizados, expedicionários ao Ultramar, com menos de 35 anos de idade, que possuam o curso geral de comércio ou frequência, ou habilitações equivalentes, que desejem tentar a sua admissão como escriturários, devem dirigir-se á secretaria-geral da Liga dos Combatentes, na Rua João Pereira da Rosa, 18, das 10 ás 13 ou das 15 ás 18 horas, onde lhes serão prestadas todas as informações.

ARTES PLÁSTICAS

O Salão dos Humoristas, em Paris, vai reabrir

Teve foros de acontecimento o Salão de Humoristas, em Paris. Depois, como os tempos não eram propícios ao humorismo nem este é compreendido pelos que não desejam ser criticados nem que se riam de seus defeitos, o Salão dos Humoristas fechou.

Afinal, agora, após longos anos de interrupção, o Salão dos Humoristas recomeçou as suas actividades. Reabriu as portas no dia 12 do corrente e ficará aberto ao publico até o dia 12 de Março. Trata-se do 48.º salão e, se no passado, apareceram ali desenhos de Foraim, Caran d'Ache, Sem e Poulbot, este salão presta homenagem a Jean Bellus, recentemente falecido.

O salão efectua-se no palácio de Saint-Ouen, há pouco restaurado pelo município de Paris.

Ora diga-nos...

—Que país gostaria de conhecer?

● *Acácio Dias («faço tudo») disse-nos:*

— Se pudesse sair de Portugal seria só para ver as chinesas. Gostaria de ir á China...

— Olhe que a China é muito longe... Então as portuguesas não lhe agradam?

— Não são fininhas. São muito gordas...

● *Gaiato, que não gosta de estudar, afirmou-nos o irrequieto Vítor Matoso:*

— Gostaria de visitar a Espanha. Ouço dizer tão mal dos espanhóis, que, na verdade, gostaria de os ver de perto. Será verdade?

—Não. Isso foi antigamente...

—Também me quer parecer. Pois está decidido: quando for mais crescidito, darei um pulo até Espanha. Talvez me case com uma espanhola...

● *Por ultimo, disse-nos o sr. Orlando Rodrigues, ardina:*

— Gostaria imenso de ver os arranha-céus de Nova York.

— Sim...?

— É verdade. Desde pequenino que tenho esse sonho. Mas é um sonho, sei-o bem... Talvez nunca consiga ir á América. Viver lá? Não: ver e voltar aqui ao Bairro Alto.

A CIDADE

RESENHA DE FACTOS QUOTIDIANOS

Perguntar por perguntar

● **Na Praça Paiva Couceiro existe uma garagem muito utilizada, durante a noite, para recolha de táxis. O que nada tem de especial, pois há outras em diversos locais da cidade. Acontece, no entanto, que os motoristas conversam em voz alta, deixam os motores a trabalhar enquanto são rendidos, batem com as portas e produzem, enfim, um ruído excessivo, que não deixa descansar quem ali mora. Pergunta-se: será indispensável melhor policiamento da área, para garantir o repouso dos habitantes?**

● **Há, na cidade, muitos tapumes montados sobre os passeios, para proteger a construção ou reparação de prédios, de maneira que nem sempre acautela os interesses dos peões. Na Calçada da Estrela, por exemplo, há um tapume que ocupa o passeio todo, obrigando os transeuntes a mudar de passeio ou a seguir pelo meio duma rua, como se sabe, estreita e concorrida. Não haveria possibilidade de conciliar a protecção das obras com o trânsito normal dos peões?**

● **As operações «Stop», cuja necessidade e cujos benefícios ninguém põe em causa, dão por vezes origem a grandes «engarrafamentos», como há pouco se observou à saída da auto-estrada. A aglomeração de automóveis tem ainda o inconveniente de prevenir, à distância, os possíveis delinquentes. Ocorre, por isso perguntar: será difícil escolher outras horas, para a realização das operações «stop», e além disso empregar neles maior número de postos e agentes, de forma a evitar os «engarrafamentos»?**

VAI SER HOMENAGEADO O CHEFE-AJUDANTE DOMINGOS PAIS QUE ATINGE O LIMITE DE IDADE NO B. S. B.

Atinge no domingo o limite de idade o chefe-ajudante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, sr. Domingos Pais, que entrou para a corporação em 1917. Figura muito conhecida e prestigiosa do B. S. B. e detentor de uma exemplar folha de serviços, dela se destacam numerosos louvores pela sua acção em variadas emergências.

O chefe-ajudante sr. Domingos Pais demonstrou sempre, a par de excepcional competência na profissão que abraçou, uma dedicação sem limites pela causa publica recordando-se, entre outros serviços notáveis, a sua intervenção humanitária durante a revolução de 7 de Fevereiro de 1927 e nos incêndios do Banco Nacional Ultramarino no Asilo dos Velhos, em Marvila, e nos teatros D. Maria II e Variedades.

Também foi destacada a sua acção aquando da tragédia da Hidalita, tendo demonstrado então, e uma vez mais, um extraordinário espírito de sacrifício pela nobre missão que escolheu, servindo de exemplo válido a toda uma corporação. Possui as medalhas de cobre, prata e ouro de Comportamento Exemplar.

A fim de marcar por forma indelével a passagem do chefe-ajudante sr. Domingos Pais pelo B. S. B., o respectivo comando vai prestar expressiva homenagem a este dedicado servidor da corporação, efectuando-se, para o efeito, um jantar de homenagem áquele graduado no restaurante Castanheira de Moura, no dia 22, pelas 20 horas.

QUEM PERDEU?

— Encontra-se depositado na 3.ª Repartição do Comando-Geral da G. N. R., no Carmo, um porta-moedas de senhora com determinada importancia, que foi encontrado no dia 12 do corrente, na Rua do Carmo, o qual será entregue a quem provar pertencer-lhe.

A matrícula de ciclomotores e a respectiva carta de condução

reguladas por portaria ministerial

Dando plena execução ao disposto no decreto de Julho de 1966, que introduziu algumas modificações no Código de Estrada, o Ministério das Comunicações enviou agora para o «Diário do Governo» uma portaria que regulamenta a matrícula de ciclomotores e a obtenção da respectiva carta de condução. Destina-se ainda a esclarecer duvidas que surgiram quanto á interpretação da lei

Assim, determina-se:

— Desde que os veículos não sejam matriculados como ciclomotores até 31 de Agosto do ano corrente, serão considerados velocípedes com motor, sejam quais forem as suas características, aplicando-se-lhes nesse caso a legislação referente a velocípedes com motor.

— Os condutores de veículos que não sejam matriculados como ciclomotores estão habilitados a conduzi-los mediante licença passada pelos Municípios.

— As Camaras devem proceder á matrícula dos veículos como velocípedes com motor, pelo menos até áquela data, embora com características de ciclomotores e desde que os seus titulares não pretendam ser matriculados nessa espécie.

— Durante a fase inicial (até fim de Agosto), a matrícula dos ciclomotores deverá fazer-se nas direcções de Viação, após o que terão de conduzir com carta passada por aquelas direcções.

— Até 30 de Agosto próximo não é obrigatória a matrícula dos veículos que tenham as características de ciclomotores como tais, mas apenas como velocípedes com motor.

— A partir dessa data, ou de data posterior a fixar, os ciclomotores serão matriculados segundo regras a dimanar do Ministério das Comunicações.

— Enquanto a matrícula como ciclomotores não for obrigatória, estes veículos continuam a poder ser conduzidos por titulares de licenças de condução de velocípedes passadas pelas Camaras Municipais; no entanto, se forem matriculados durante a fase inicial como ciclomotores, só poderão ser conduzidos por titulares de cartas de condução a passar pelas direcções de Viação.

— Posteriormente áquela data, as cartas de condução são obtidas por simples troca das actuais licenças de condução de velocípedes.

Despedida de contingentes da Polícia Militar que vão seguir para o Ultramar

No Regimento de Lanceiros n.º 2 (Polícia Militar) efectuou-se, ao meio-dia, a cerimónia de despedida de um contingente da P. M. e de um outro independente que vão seguir para o Ultramar.

Perante a formatura geral dos efectivos daquela unidade, procedeu-se á entrega solene dos guiões aos comandantes dos contingentes expedicionários, seguindo-se uma alocução do sr. tenente-coronel Emiliano Fernandes, comandante do regimento.

Pouco depois, houve o desfile em continência dos efectivos em parada, concluindo a cerimónia com um almoço de confraternização.

«Diário de Lisboa»

O presidente da mesa da assembleia geral da Tertúlia «Festa Brava» teve a amabilidade de participar ao «Diário de Lisboa» a aprovação, por aclamação, de um voto de louvor e reconhecimento ao nosso jornal «pelos relevantes serviços prestados na defesa e incremento da tauromaquia em Portugal».

Palestras para jovens no Museu de Arte Antiga

O professor sr. dr. Rio Carvalho profere amanhã a 10.ª palestra da série para jovens intitulada «Aproximação das Artes através da História». O tema a abordar será «O surto de arte moderna: o Simbolismo, o modern style, a pintura pós-impressionista».

A título experimental, a palestra será ás 18 e 45, e a entrada, que é livre, faz-se pela Rua das Janelas Verdes.

ROTARY CLUBE DE LISBOA-NORTE

O Rotary Clube de Lisboa-Norte reune-se hoje, pelas 20 e 30, no Hotel Flórida, ao jantar. O companheiro Alberto Nunes de Carvalho, do Rotary Clube de Lisboa, fará uma palestra intitulada «A conquista do espaço».

Novos corpos gerentes

Tertúlia «Festa Brava»

A Tertúlia «Festa Brava» elegeu os novos gerentes para o ano corrente. Presidem á assembleia geral, á direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. João Mega, Manuel Casqueiro Haderer e Domingos Mega.

Notícias de Setúbal

Encontrado morto

SETÚBAL, 16 — Apareceu morto na escada do prédio n.º 16 da Avenida 22 de Dezembro o sr. Bernardo Teófilo Coelho, de 77 anos, viuvo, marceneiro, que residia na Rua Ladislau Parreira, 54. Não há suspeita de crime.

Julgamento

Efectua-se no próximo dia 23, no tribunal desta cidade, a audiência do julgamento do sr. Maximiano de Almeida, de 54 anos, casado, ex-funcionário da Junta Central das Casas dos Pescadores nesta cidade, que se encontra detido, acusado de ter praticado um desvio de cerca de mil contos.

Beneficência

A Companhia de Cimentos «Secil» manifestou mais uma vez o carinho que sempre lhe têm merecido as instituições de beneficência desta cidade ao oferecer ao Asilo da Infância Desvalida cem camas de ferro, sessenta colchões e igual numero de cobertores e de almofadas e cento e vinte lençóis, tudo no valor de cerca de cem contos.

Automóvel roubado

O sr. Luís Fernandes Paixão Malheiro, residente nesta cidade, queixou-se á P.V.T. de que lhe roubaram o automóvel marca «Austin», de cor vermelha, com a matrícula FG-49-72.

TICAU
a sua sobremesa

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES COMENTÁRIOS

CONFERÊNCIA do prof. Donati na Faculdade de Direito

O doutor Donati, catedrático da Faculdade de Direito de Roma e presidente da Associação Internacional do Direito de Seguros, proferirá em francês, na Faculdade de Direito de Lisboa, no próximo dia 20, ás 11 horas, uma conferência subordinada ao tema «Problemas e Perspectivas do Direito dos Seguros». A entrada é livre.

Visita de estudo

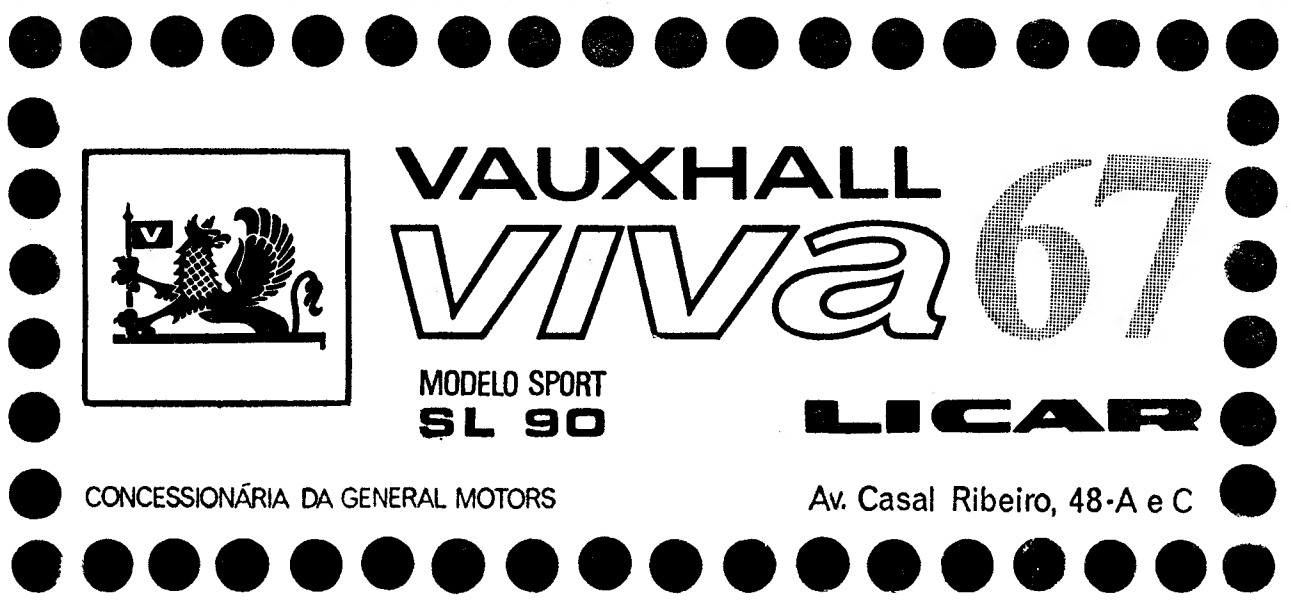
de alunos do 5.º ano de um curso de Engenharia Civil do Instituto Superior Técnico

Obedecendo a um plano de contactos com os problemas práticos, inerentes á sua futura profissão, os alunos do 5.º ano do curso de Engenharia Civil, do Instituto Superior Técnico, vão promover uma visita de estudo, no próximo dia 17, a estaleiros (conduzidos por Construções Técnicas, Lda.) de construção civil de um hangar para clinquer, na fábrica da Companhia de Cimento Tejo em Alhandra, e da futura Central Térmica do Carregado, da Empresa Termoeléctrica Portuguesa.

Esta visita vai facultar aos estudantes de engenharia uma visão dos aspectos infra e superestruturais inerentes às Construções Civis, nome da cadeira em que se integra. Os estudantes serão acompanhados pelos srs. prof. Costa Lobo e assistente dr. Xavier Rodrigues.

EXERCÍCIOS de fogos reais próximo de Évora

ÉVORA, 16 — O Regimento de Infantaria 16 promove amanhã e depois, das 8 ás 18 horas, exercícios de fogos reais numa zona a cerca de quatro quilómetros a nascente de Évora e assim delimitada: Carreira de Tiro — Evaristo — Vale Melhorado — Nossa Senhora do Carmo.



A representação da peça de Bru[illegible] no Teatro Monumental

Continua em cena, no Teatro Monumental, o grande espectáculo de Carlos Avilez, «A Maluquinha de Arroios», o acontecimento artístico que o publico exige em cartaz. Até domingo, os que ainda não puderam assistir a este magnífico espectáculo, têm ainda oportunidade de o fazer. Trata-se, na verdade, de uma peça excepcional, com Mirita Casimiro á frente de um grande elenco: Fernanda Coimbra, Luísa Neto, Maria do Céu Guerra, Julia Babo, Marília Costa, Santos Manuel, João Vasco, Ruy de Matos, João Pedro Cascais, Augusto Leal, Ricardo Fragoso, António Arsénio, José David e, ainda, Glicínia Quartin, na protagonista. O cenário e os figurinos são de Jorge Marcel, a coreografia de Águeda Sena e a encenação de Carlos Avilez. Trata-se de um espectáculo do Teatro Experimental de Cascais, patrocinado pela Junta de Turismo da Costa do Sol e subsidiado pelo Fundo de Teatro. «A Maluquinha de Arroios», original de André Brun, é para maiores de 17 anos.

Vai representar-se um original de Orlando Vitorino

Com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, Vasco Morgado vai apresentar, no Monumental, dentro de dias, a peça de Orlando Vitorino, «Tongatabu», que será desempenhada por Augusto de Figueiredo e Ivone Moura. Trata-se de um espectáculo que exige do público especial atenção, dado que se trata da história de uma mulher e de um homem, que, quando já não têm segredos entre si, são capazes de imaginar as mais terríveis crueldades. Esta peça será representada em condições especiais, pois o seu sentido artístico não é compatível com quaisquer concessões comerciais.

O Amor e a Coroa

Acaba de sair o 4.º volume

A DAMA BRANCA DOS HABSBURGOS

por Paul Morand

Na mesma colecção:

1 — AS LOBAS DO ESCORIAL
2 — OS REIS LOUCOS DA BAVIERA
3 — AS LEOAS DE OURO DA ETIÓPIA

Cada volume 30$00

LIVRARIA BERTRAND

COLISEU

SABADO, 18

A TARDE, ás 16 horas
Entrada gratuita ás crianças dos 6 aos 10 anos

A NOITE, ás 21 e 30
Podem assistir crianças a partir dos 6 anos

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

Bilhetes á venda

ESTÁ EM DIA COM OS PRIMEIROS SOCORROS?

Quando a criança se engasga e começa a tossir, que é que faz? Bate-lhe nas costas até cessar a crise? Por favor, não faça isso. Leia nas «Selecções» de Fevereiro — que já se encontra á venda — o que é velho e novo em matéria de primeiros socorros. Aprenda a ajudar em vez de piorar involuntàriamente a situação. Poderá então salvar se aprender a maneira como o deve fazer. «Selecções» é uma distribuição exclusiva da Livraria Bertrand

UMA HISTÓRIA AVENTUROSA... HERÓICA... DE MAIOR GRANDEZA... MAIS EXCITANTE... MAIS TURBULENTA... DO QUE O OCEANO ÍNDICO, ONDE NASCEU!

A GRANDE E ESPECTACULAR SUPER-PRODUÇÃO

SURCOUF, O MAIOR DE TODOS

SIM, O MAIOR DE TODOS, PORQUE ROBERT SURCOUF, ORGULHO DA MARINHA FRANCESA, FOI DE FACTO UM VERDADEIRO REI E SENHOR DO OCEANO ÍNDICO, ONDE AS SUAS PROEZAS, AMOR AO PERIGO E ÉPICAS FAÇANHAS SE TORNARAM LENDÁRIAS!

GERARD BARRAY
ANTONELA LUALDI
TERENCE MORGAN
GENEVIEVE CASILE

REALIZAÇÃO DE
SERGIO BERGONZELLI

em TECHNISCOPE
EASTMANCOLOR

UM EXCLUSIVO DE
SONORO FILME

(MAIORES DE 12 ANOS)

HOJE GRANDE E SENSACIONAL ESTREIA **POLITEAMA**

TÃO ESPANTOSA AUDÁCIA NUNCA SE VIU NA REVELAÇÃO DE PAIXÕES INSACIÁVEIS...

2.ª SEMANA

ERA INEVITÁVEL ISTO: OUTRO ÊXITO TOTAL

COM A TALENTOSA VEDETA

UMA RAJADA DE ALTA EMOÇÃO NUM FILME FEITO COM «GARRA»

A ODISSEIA DE UMA MULHER VÍTIMA DOS TRÁGICOS CIÚMES PROVOCADOS PELA IRRESISTÍVEL FASCINAÇÃO DA SUA PERIGOSA BELEZA...

LUXUOSA REALIZAÇÃO — ADMIRÁVEIS CANÇÕES

LOTAÇÕES ESGOTADAS!

EASTMANCOLOR
MAIORES 17 ANOS

EXCLUSIVO DA
IMPERIAL FILMES

O FILME DE QUE TODOS FALAM

HOJE, NO ODEON

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

FUTEBOL — INTER-REAL — Antes tivemos três minutos de Mendelsohn. Depois, foi a massa compacta, ululante, a transbordar das bancadas, a própria camara, habituada já àquelas andanças, parece pasmada, move-se com lentidão, não sei, quase uma centena de milhar de gargantas...

Os fotógrafos preparam-se para registar o momento, torná-lo indelével, dar-lhe uma ilusão de permanência. Levantam a gola dos sobretudos. Batem os pés. Está frio. Formam-se pequenas, rápidas espirais de vapor de água da boca e das narinas. Qualquer coisa como 1 grau negativo.

A' volta do campo, em roda-pé, a industria e o comércio não perdem pitada. Grandes letreiros perfilam-se diante das camaras de televisão como as «girls» diante do fotógrafo, como as amadoras rainhas de beleza, guerrilheiras do seu breve momento juvenil...

Lá estão os frigoríficos, os aperitivos, os relógios, refrescos, vinhos, fiambre, panelas de pressão, artigos eléctricos — um mundo de coisas, coisas que se alimentam do mundo, dos homens — e do futebol...

O relator é Alves dos Santos. Procura interferir o mínimo nas jogadas. Poucas palavras. Eu, cronista, também jogo com os ouvidos. Do relato de Alves dos Santos retiro grande proveito, como se verá noutro local: dezassete máximas, fora as que perdi na primeira parte.

A realização só não foi impecável por não ter proporcionado vistas de amplas zonas do campo, o que impediu o telespectador de fazer uma ideia da manobra de equipa, embora dando-lhe completa ideia da manobra individual, do corpo a corpo, do apuro técnico. Mas repararam na cegueira da camara pela bola? Não se apartou dela um só instante, colada á relva, no céu junto das nuvens, com ela a dar voltas e reviravoltas, a descrever arcos, a entrar com ela pela baliza dentro... Autêntica paixão, caramba!

INTERLÚDIO — *Encher espaço, ás vezes, é um problema para os jornais. Como o é encher tempo na Rádio ou na Televisão.*

Claro que o ideal consiste em encher tempo de maneira util e agradável — e não com serradura. Não será difícil atingir esse objectivo desde que o programa se subordine o menos possível á improvisação.

Acontece que, nos ultimos tempos, se está a usar e abusar dos desenhos animados. Por tudo e por nada, aí os temos a denunciar a tal improvisação a que me refiro. Ontem, por exemplo, o «cão xerife» tomou á sua conta nada menos de quinze minutos. Mesmo para «xerife» é demasiado...

Claro que nem me quero referir agora ao valor educativo de alguns desenhos des...animados... Nem ás legendas para meninos que ainda não sabem ler... Isso é outra história.

SABER OUVIR — Aquilo que vai ler-se em seguida não foi extraído do «Príncipe» de Machiavelli. Nem sequer foi dito para passar á posteridade. Trata-se, nada mais, nada menos, de algumas expressões utilizadas por Alves dos Santos, no decorrer da 2.ª parte do

(Continua na 8.ª página)

HOJE PODE VER...

● **Às 22 e 25: Série de aventuras**

Os telespectadores podem ver, esta noite, o 2.º episódio da série de aventuras «O Maioral», com James Drury, Lee J. Cobb, Dong McClure, Gary Clark e Roberta Shore.

Gabriel Bacquier e Erna Spoorenberg

cantarão amanhã o «Orfeo» de Gluck

A temporada de ópera de 1967 do Teatro Nacional de S. Carlos prossegue amanhã cantando-se a primeira ópera da série francesa desta temporada: «Orfeo», de Gluck.

Obra de grande beleza musical e particular importancia na história do teatro lírico, o «Orfeo», de Gluck, será dirigido pelo maestro francês Jean Fournet e interpretado por um elenco de grande categoria: o barítono Gabriel Bacquier, um dos mais reputados cantores franceses de carreira internacional, no papel de «Orfeo», e a célebre cantora holandesa Erna Spoorenberg, uma das mais belas vozes do mundo lírico de hoje, no papel de «Euridice». O papel de «Amor» será interpretado por uma outra distinta cantora: Jane Berbié. Gabriel Bacquier, que o publico já pôde apreciar e aplaudir em temporadas anteriores, nas óperas «Carmen» e «A Hora Espanhola», tem nesta ópera de Gluck uma das suas mais perfeitas interpretações. Erna Spoorenberg, cantora de excelente voz e admirável escola, é a primeira vez que nos visita e chega até nós precedida de um prestígio internacional, que já a guindou a um dos primeiros planos nos maiores teatros líricos da Europa.

Colaboram no espectáculo a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, o Coro do Teatro de S. Carlos, ensaiado pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali, e o regista Louis Erlo. Os cenários são de Alfredo Furiga.

O IMPREVISTO DE UMA EXCITANTE "OPERAÇÃO" EXECUTADA COM PERÍCIA POR PROFISSIONAIS DO CRIME!

TONY RANDALL
SENTA BERGER
HERBERT LOM
WILFRID HYDE-WHITE
e
TERRY-THOMAS

Maiores 12 anos

UM FILME

O NOSSO AGENTE EM MARRAKESH

um exclusivo AS

Argumento PETER YELDHAM (MARRAKESH)
Produção HARRY ALAN TOWERS

AMANHÃ EM ESTREIA NO EDEN

ESPECTÁCULO PARA CRIANÇAS

MAIORES DE 4 ANOS, PELO

TEATRO DO GERIFALTO

(Subsidiado pelo Fundo de Teatro)

DOMINGO, ÀS 16 HORAS, no

TEATRO AVENIDA

(cedido pela Empresa Rey Colaço-Robles Monteiro)

A HISTÓRIA DO GANSO DE OURO

Uma engraçadíssima peça de Correia Alves

BILHETES À VENDA

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

Divertidas peripécias e situações equívocas num famoso Hotel de Paris...

ALEC GUINNESS GINA LOLLOBRIGIDA

ROBERT MORLEY

HOTEL PARAISO

(HOTEL PARADISO)

SEM "RESERVAS"...

A MELHOR COMÉDIA DO ANO!

Argumento de

JEAN-CLAUDE CARRIERE e PETER GLENVILLE

Baseado na peça

«L'HOTEL DU LIBRE ECHANGE»

de GEORGES FEYDEAU

Produção e Realização de

PETER GLENVILLE

PANAVISION e METROCOLOR

Maiores de 17 anos

AMANHÃ DIVERTIDA ESTREIA SÃO LUIZ e ALVALADE

FLORBELA QUEIROZ

MARIA VITÓRIA

«Junca» Emp Teatral Ld
Telef 36 17 40

EM 2 SESSÕES às 20.45 e 23 h.

EM PLENO EXITO
A GRANDE, ALEGRE E POPULARÍSSIMA REVISTA

DE VENTO EM POPA!

PELO MAIS SIMPATICO DE TODOS OS ELENCOS, com

Florbela Queiroz, Humberto Madeira, Carlos Coelho, Manuela Maria Natalina José, Octávio Matos e a grande atracção brasileira Maria Helena

Espec para aa. Maiores 17 anos

CARLOS COELHO

Teatro MONUMENTAL

SÓ ATÉ DOMINGO
VASCO MORGADO
apresenta
HOJE, ás 21.45, o espectáculo de CARLOS AVILEZ

«A MALUQUINHA DE ARROIOS»

original de ANDRÉ BRUN
com **MIRITA CASIMIRO** á frente de um grande elenco: **Fernanda Coimbra, Luísa Neto, Maria do Céu Guerra, Júlia Babo, Marília Costa, Santos Manuel, João Vasco, Ruy de Matos, João Pedro Cascais, Augusto Leal, Ricardo Fragoso, António Arsénio, José David** e ainda **GLICÍNIA QUARTIN**, na protagonista. Encenação de **CARLOS AVILEZ** ✲ Um espectáculo do **Teatro Experimental de Cascais** patrocinado pela Junta de Turismo da Costa do Sol e subsidiado pelo Fundo de Teatro

ESTUDANTES 50 % DE DESCONTO mediante identificação nas bilheteiras
Sábado, tarde popular ás 15 30 n.

TEATRO
CAPITÓLIO

A NOITE
2 SESSÕES

AS 20.45 E 23 HORAS
A MARAVILHOSA REVISTA

QUEM TEM BOCA VAI A ROMA!

UM EXITO POPULAR
QUE A CRÍTICA ESPECIALIZADA APLAUDIU E SALIENTOU!
UM CARTAZ DE ESTRELAS E AS MELHORES ATRACÇÕES!
ADULTOS

CASA DA COMÉDIA

Hoje pelas 22 h.
Estreia

AS NOITES BRANCAS de DOSTOIEVSKY

Direcção de **Norberto Barroca**
Visite o clube e torne-se sócio
R. S. Francisco Borja, n.º 24
Espectáculo maiores 12 anos

Em CANEÇAS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSÉ AUGUSTO DE MELO BROCHADO.

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA, EM

2ª SEMANA

O MAIS COTADO ESPECTÁCULO DA ACTUALIDADE

ADULTOS

anouk aimee
jean-louis trintignant
pierre barouh

RANK FILMES

um homem e uma mulher

(un homme et une femme)

GRANDE PRÉMIO DE CANNES
PRÉMIO ESPECIAL DA O. C. I. C.
GRANDE PRÉMIO DA COMISSÃO SUPERIOR TÉC. PARA FOTOGRAFIA

«...NÃO HESITAMOS, POIS, EM CONSIDERAR O FILME DE CLAUDE LELOUCH COMO UMA DAS MAIS BELAS E SENSÍVEIS OBRAS DO NOSSO TEMPO...»
O SÉCULO

«...TÈCNICAMENTE, O FILME É EXCELENTE, COMO ESPECTÁCULO, UM ACHADO...»
DIÁRIO DE LISBOA

«...«UM HOMEM E UMA MULHER» SERÁ CONSIDERADO COMO O PRIMEIRO VERDADEIRO FILME DE AMOR...»
L'EXPRESS

«...É O FILME DE UMA VIDA... A OBRA QUE IRROMPE NA HORA SUPREMA DA INSPIRAÇÃO DO ARTISTA »
DIARIO POPULAR

Um filme de claude lelouch com valerie lagrange . simone paris
music composed by francis lai
eastman color produced by les films 13 distributed by united artists
Music composed by **francis lai**

estúdio 444

(ADULTOS)

HOJE, ÀS 21,45 • ESTREIA

GRANDE REALIZAÇÃO DE CARL DREYER

UM CLÁSSICO QUE VOLTA AO CINEMA!

A DESCRIÇÃO OUSADA DA LUTA DE UMA MULHER PELO AMOR!

Gertrudes

com
NINA PENS RODE
e
BENDT ROTHE

UM TEMA APLAUDIDO POR UNS E CONDENADO POR OUTROS!

EXCLUSIVO
DOPERFILME

— **PRÉMIO «BODIL»** — Óscar dinamarquês para o melhor filme do ano
— **Presente no Festival Int. de Arte Cinematográfica de Lisboa - 1966**

ROMA
ADULTOS

AMANHÃ, ÀS 21,45 • ESTREIA

UM EXCLUSIVO
TALMA FILMES

O RAPTO DE ZELDA

JEAN-PAUL BELMONDO
GERALDINE CHAPLIN

REALIZAÇÃO DE
JACQUES DERAY

UMA «SOCIEDADE» ESTRANHA: UM IRMÃO E UMA IRMÃ...
UM OBJECTIVO TENTADOR: UMA JOVEM MILIONÁRIA...
UM GRITO DE ANGUSTIA! UMA HISTÓRIA DE AMOR!
UM «GOLPE» DE SENSAÇÃO!

SOPHIE DAUMIER
ANALIA GADE
GABRIELE FERZETTI
ADOLFO CELI
GEORGES GERET
AKIM TAMIROFF
FOTOGRAFIA EM CINEMASCOPE

AVIS
-ADULTOS

AMANHÃ, ÀS 21,45 • ESTREIA

EXCLUSIVO
FILMES OCIDENTE

A Aranha Branca

«L'ARAIGNÉE BLANCHE»

A ÚLTIMA PALAVRA EM ACÇÃO! «SUSPENSE»! EMOÇÃO! PODER DE CHOQUE!

O «BEST-SELLER» POLICIAL
WEINERT-WILTON

com

JOACHIM FUCHSBERGER * KARIN DOR * CHRIS HOWLAND * HORST FRANK

REALIZAÇÃO DE **HARALD REINL**

NÃO ACONSELHAVEL A PESSOAS EXCESSIVAMENTE NERVOSAS

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

MONUMENTAL

Os próximos espectáculos

O próximo espectáculo no Teatro Monumental, será constituído pela ousada tentativa de Vasco Morgado de pôr em cena, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, uma peça estranha e original, que põe á prova a sua confiança no público e a sua fé na arte teatral. Trata-se de um espectáculo requintado mas cruel, artístico mas emocionante. «Tougatabu». O autor e encenador é Orlando Vitorino, estando o desempenho a cargo do grande comediante Augusto de Figueiredo e da nova mas talentosa actriz Ivone de Moura. A cenografia pertence a Pinto de Campos.

Também dentro de dias, Vasco Morgado leva á cena, no Monumental, mais um espectáculo de grande nível artístico: a comédia espanhola, de Alonso Millan, «A Casa da Irene», numa adaptação de Henrique Santana. «A Casa da Irene» é uma comédia de situações, um conflito de graça, que conta a história espirituosa de um homem casado, envolvido numa aventura amorosa, cheia de peripécias. Henrique Santana, em mais um desempenho ao nível dos seus melhores, será o protagonista, secundado por Irene Isidro, Aida Baptista, Costinha, Manuel Santos Carvalho, Margarida Mauperrin e Alberto Vilar.

TEATRO VILLARET

Uma peça dramática

Interpretado por um valioso elenco, do qual fazem parte grandes nomes do nosso teatro, está em cena, todas as noites, em duas sessões, ás 21 e ás 23 horas, no moderno e confortável Teatro Villaret, o drama em três actos «O Ídolo», original do dramaturgo norte-americano Clifford Odets, em tradução de Belchior Viegas. «O Ídolo», que conta a história de um actor de cinema que farto de servir os interesses dos produtores de Hollywood, se suicida, por lhe parecer ser essa a única maneira de poder «viver» com a sua consciência, foi dirigida por Rogério Paulo, que também é o protagonista, e reune em cena Eunice Muñoz, a titular da CêPêCê, Maria Lalande e, por ordem de entrada em cena, João Perry, Rogério Paulo, Madalena Braga, Gilberto Gonçalves, Canto e Castro, Costa Ferreira, José de Castro, Henriqueta Maya e Luís de Campos. Com cenários de Teresa Paulo, «O Ídolo», que a Fundação Calouste Gulbenkian subsidia, proporciona um desconto especial de 50% aos estudantes.

CAPITOLIO

Uma revista deslumbrante

Um dos grandes atractivos da fabulosa revista moderna, «Quem tem boca vai a Roma», em cena no Capitólio, são as lindíssimas mulheres que emolduram o mais belo espectáculo até hoje produzido por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado e patenteado em palcos de Portugal. Todas as noites, centenas de pessoas acorrem ao Capitólio, para admirar a excepcional revista que se guindou ao plano mais destacado da actualidade artística, interpretada por um elenco de estrelas, com especial realce para Eugénio Salvador, José Viana, Lígia Teles, Mariema, Helena Vieira, Luís Horta, Linda Silva, Palmira Ferreira, Vítor Mendes e as notáveis atracções internacionais Ana Monica, Vicky e The Roller's Stars, á frente de um cartaz em que avulta um elegante friso de discípulas, bailarinas inglesas, francesas e portuguesas, bailarinos e, ainda, a moderna orquestra de Carlos Dias. Com poema de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinho, música de João Nobre e Carlos Dias, coreografia de Mariano Franco, figurinos de Mário Alberto, montagem de Hemani e Rui Martins, encenação de Salvador e todo o luxo e requinte que distinguem as produções de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, prossegue, pois, todas as noites, no Capitólio, a brilhante carreira de «Quem tem boca vai a Roma».

A B C

Uma revista popular

Apesar de se encontrar em ultimas representações, não diminui o interesse e o êxito da revista «Mini-Saias». Escrita por Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, musicada por João Nobre e Ferrer Trindade, «Mini-Saias» é um espectáculo pleno de alegria e colorido. O elenco é composto por Ivone Silva, Artur Semedo, Leónia Mendes, António Anjos, a atracção Beatriz da Conceição, Lurdes Lima, Orlando Fernandes, no «compére», as discípulas Tânia Mota e Fernanda Rodrigues e um gracioso corpo de baile. «Mini-Saias», em ultimos sessões, apresenta-se ás 20 e 45 e ás 23 horas, e, no dia 20, será apresentado em Setubal.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Uma estrela sem nome» no Mundial

É uma pequena obra-prima da cinematografia francesa o belo filme «Uma estrela sem nome», que o cinema Mundial ontem estreou, com o maior agrado do público, que se rendeu a mais esta expressiva afirmação artística de um dos melhores realizadores modernos — Henri Colpi, que a Casa da Imprensa revelou, há dois anos, como cineasta, exibindo no seu Festival de Cinema essa extraordinária película «Uma tão longa ausência», que conquistou tantos prémios internacionais.

No seu novo trabalho, em que consolida o enorme prestígio adquirido («Uma estrela sem nome» reúne todas as qualidades artísticas patenteadas em grande dimensão naquela outro filme), Colpi revela um mundo de experiências curiosas (e válidas), que provocam funda discussão: outra vez o realizador nos dá a medida de uma força cinematográfica que soube definir com essa linguagem própria do destino dos grandes autores. Obra suavíssima, em que as sugestões literárias adquirem um relevo de certo modo singular, o filme tem, todavia, um sopro de poesia absoluta — e resolve-se mesmo numa atmosfera poética, que atinge momentos de beleza pura, tão pura como a água cristalina que escorre da pequena fonte do amoroso jardinzito de uma humilde casa de uma pequena cidade romena (em tudo isto há uma transparência lírica verdadeiramente excepcional).

«Mona», no título original, fica como um filme antológico, na medida em que lhe poderemos encontrar algumas propostas artísticas originais sobre os problemas da espessura humana. Sem desvendar pròpriamente possibilidades maiores nos caminhos de uma arte inteiramente moderna, como sucedera em «Uma tão longa ausência», Colpi conseguiu, no entanto, uma obra capaz de lutar contra o tempo. A partitura musical, de Georges Delerne, que muito acentua as principais sequências, exerce influência poderosa na película, que se impõe como testemunho de estética cinematográfica. Por outro lado, a história fantástica e romântica é enquadrada em locais de repousante beleza, que a câmara quase imóvel captou, com fotografia admirável de Aurel Samson. Tudo se congregou, com efeito, para proporcionar ao publico uma sublime densidade emotiva.

«Uma estrela sem nome» — ou uma noite de amor, descoberto com coisas novas e diferentes — é uma história banal, é certo, mas que as personagens fazem transcender, em resultado da forma como se ligam aos problemas. Colpi aproveitou-a de um romance de Mihail Sebastian — e ele próprio a adaptou brilhantemente, assinando ainda os diálogos embebidos da pureza poética que caracteriza as curtas horas de um amor vivido com intensidade numa pitoresca cidade da Roménia, entre Bucareste e Sinaia. Marina Vlady, estonteante de beleza e de doçura, compõe muito bem a bela e jovem mulher que, ao querer fugir de uma vida de ócio e de tédio, surge na noite, para revelar o amor a um jovem apaixonado da astronomia, que sonha e passeia o seu pensamento entre os astros. É Claude Rich que interpreta, magistralmente, com dramatismo, o papel desse tímido professor de liceu, que tem assestados sobre si os olhos da cidade e acaba por se completar inteiramente ao descobrir o amor á sombra das estrelas que o apaixonavam. Mas, na manhã primaveril, Mona», que era demasiado bela para passear o seu vestido de noite por aquelas paragens, «confiou-o» novamente aos milhões de anos do infinito, deixando o seu perfume mavioso por toda a cidade e, especialmente, num coração que desabrochara para o céu de outra esperança... — *Visor 60.*

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título — «Surcouf, o maior de todos».
Produção — Francesa.
Intérpretes — Gerard Barray, Terence Morgan, Antonela Lualdi e Geneviève Caside.
Género — Aventuras nos mares.
Distribuição — Sonoro Filme
Processo — «Techniscope» e «eastmancolor».
Classificação — 12 anos.

No Estúdio 444

Título — «Gertrudes».
Produção — Dinamarquesa.
Realização — Carl Dreyer.
Intérpretes — Nina Pens e Bendt Rothe.
Género — Dramático.
Distribuição — Doperfilme.
Processo—Normal, preto e branco
Classificação — 17 anos.

«Paris já está a arder?», no Império

Há algumas semanas já que em vários cinemas da capital francesa se exibe o filme «Paris já está a arder?», de René Clément. Ao mesmo tempo que isso acontecia em França, sucedia o mesmo noutras partes do Mundo, incluindo a América. Tanto em França como nos Estados Unidos, embora por motivos diferentes, a fita suscitou polémicas, já não diremos puramente cinematográficas, mas, em todo o caso, polémicas... Os jornais franceses, por exemplo, contestaram muito a posição do general von Cholitz no caso da projectada destruição de Paris, que constituiu, a certa altura, um dos aspectos da derrocada hitleriana, que parecia querer sepultar consigo, como um símbolo, uma das mais gratas e mais europeias das imagens do Mundo. Contestou-se, por outro lado, nos Estados Unidos, a versão feita em língua inglesa, a qual, segundo alguns, respeita certas conveniências gratas á posição americana nesta questão. Ontem, finalmente, aquela obra cinematográfica apareceu em Lisboa, não com tanta gala como a que assinalou a sua estreia em Paris, mas, mesmo assim, com a presença do Chefe do Estado, de membros do Governo e do corpo diplomático, artistas, individualidades da nossa vida financeira e, enfim, de todos aqueles que não perdem uma estreia de gala, em especial quando ela se destina a fins de beneficência.

No caso de «Paris já está a arder?», o beneficiado foi o Instituto Português de Reumatologia, que, com a ajuda das platéias a cem escudos, viu aumentados os seus proventos e a sua capacidade de realização da obra que se propõe desenvolver.

*

É bem verdade que vinte anos são muito pouco tempo na História do Mundo, embora possam ter alguma coisa de peso no desanuviar das paixões que ensombram a vida dos seres. O que nos pode admirar, antes de mais, é que René Clément se tenha proposto fazer obra de História quando estão vivas, na grande maioria, as pessoas que foram espectadoras ou participaram nos sangrentos acontecimentos da ultima guerra.

Para nós, os que não atingimos ainda os trinta anos, e porque vimos em Portugal só muito por alto estes acontecimentos nos tocam, embora as nossas convicções pela liberdade, pela paz e pelo respeito dos povos e das nações não precisem de nos segredar que certas loucuras deste século constituem verdadeiras barbaridades da consciência. Outro tanto se não passará com os que têm agora quarenta ou mais anos — e são vivos, como, por exemplo, Eisenhower e de Gaulle. Esses e todos os da sua geração conhecem os acontecimentos por experiência própria. Daí o grave risco que o realizador quis correr. Em França, porque tratou da libertação do seu país numa hora crucial, na Alemanha porque a encontra talvez redimida, vencida e ensinada pelo passado (e ninguém deseja hoje ferir a sensibilidade patriótica dos alemães), noutros países porque desejam ver a sua participação na guerra tratada de forma que só ilustre os seus brios nacionais. Ter René Clément conseguido passar por cima de tudo isto com independência, mas bom senso e equilíbrio, não é pouco do que se poderá dizer da sua obra. Para chegar a tal fim, ele deixa

(Continua na 23.ª página)

TEATRO
ABC
Telef. 366745
ÚLTIMOS DIAS
HOJE às 20.45 e 23 horas
JOSÉ MIGUEL apresenta
«MINI-SAIAS»
(ADULTOS)

Beatriz da Conceição
SÓ ATÉ DIA 19
DIA 20 EM SETÚBAL
BREVEMENTE A REVISTA «Sete Colinas»

TV DIA A DIA

(Continuação da 5.ª página)

desafio Inter-Real. As frases referem-se a incidências do jogo, mas os espíritos lúcidos e interessados encontrarão nelas vasta matéria para meditação.

●

As «faltas» são quase sempre prenuncios de falta de forças.

●

A subtileza pode mascarar a obstrução.

●

Contra o tecnicismo de uns, o poder de pernas de outros.

●

Infundir respeito para quebrar o ímpeto.

●

Aproveita-se esplêndidamente uma aberta...

●

Homens em linha na linha da bola.

●

Tem terreno aberto, infiltra-se.

●

Um toque é o suficiente para desequilibrar.

●

Um «furioso» incita...

●

Superioridade na vigilancia e na destruição.

●

Manter pelo menos a desvantagem mínima.

●

Jogar em estoicismo.

●

Tempo de salto — muito importante.

●

Fraca, articulação — superioridade do adversário.

●

Espírito de combatividade ao serviço de uma organização.

●

Fazer do golo a base da actuação.

●

Cortar todos os caminhos da bola.

NOITE DE TEATRO — «A AMEAÇA» — Chego ao fim. Fecho os olhos (pobres dos meus olhos!). Procuro não sei quê. Procuro entender. Descobrir uma fresta por onde o raio de luz possa entrar e ferir de morte a escuridão.

Porque eu não acredito que alguém tenha escrito aquilo e atrever-se, depois, a chamar-lhe Teatro. Não escreveu aquilo Figueiredo de Barros. Nem ele nem ninguém. Pelo menos recuso-me a aceitar que aquilo, antes de estar ali, tenha estado na cabeça de quem quer que seja. Na cabeça, na alma, no sangue ou sei eu lá onde vive no artista o poema, o quadro, o drama.

No entanto, aquele tema tinha mãos para agarrar uma caneta. Ninguém nasce para nascer já morto. E a «Ameaça» de Figueiredo de Barros não estava morta á partida.

Reparem: numa cidade dos Estados Unidos (porquê nos Estados Unidos?) grassa uma perigosa intoxicação alimentar. Aproxima-se a meia-noite, hora a que as crianças festejam o aniversário da cidade. Todas irão comer as suas guloseimas e, a seguir, todas seguirão para o banco do hospital, a grande velocidade.

Reunem-se os sábios com o presidente da Câmara para discutir se devem ou não lançar um alarme geral.

Aqui julgava eu que se firmava a tese da peça. O autor viria discutir connosco se deve dizer-se á cidade, ao país, a verdade, só a verdade e nada mais que a verdade; discutir se a verdade, se o tomar consciência de determinado perigo, pode ser ou não benéfico para a comunidade; se calar não será ás vezes, melhor. .

Não era isto. Nada disto. Aquele problema resolve-se de uma penada: o conhecimento da «ameaça» iria causar o pânico, logo havia era que descobrir a origem da intoxicação e aplicar a pastilha. Todo o interesse reside agora na maneira como se irá processar a pesquisa da toxina. Mas este problema também se resolve, e em questão de minutos: por acaso o cientista descobre-a num boneco feito de pão, tradicionalmente comido naquela data. Vitória, vitória, acabou-se a história, a cidade, livre da ameaça com tanta facilidade, pode comer e viver tranquilamente, os «sábios» velam...

O diálogo foi, geralmente, frouxo, embora fosse visível, de quando em quando, uma certa desenvoltura, uma certa facilidade de construção. Mas foi, também, visível que Figueiredo de Barros lavrava uma terra que não conhecia: adivinha-se o seu constrangimento nas reuniões dos médicos, no ambiente de hospital e de laboratório. Impossibilitado — não descortino a razão — de levar até ás máximas consequências a tese proposta logo de início? Não sei. O que sei é que Figueiredo de Barros não atingiu a lebre — e depois entreteve-se todo o resto do tempo a dar tiros indiscriminadamente, como os meninos que esperneiam quando não lhe satisfazem a vontade...

Com um tema falhado, os actores têm, necessàriamente, de falhar. Todos procuraram cumprir — eis um daqueles «chavões» a que terei ás vezes de recorrer. Agora, por exemplo. — *M. C.*

AVENIDA
Tel 320379
Às 21.45 horas (Adultos)
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES do grande êxito
«SENHORA NA BOCA DO LIXO»
de JORGE ANDRADE
NO SÁBADO, ás 16 h., ultima tarde com SENHORA NA BOCA DO LIXO.
Às 21.45 h., estreia de O CAMARADA MIÚSSOV, de V. KATAIEV

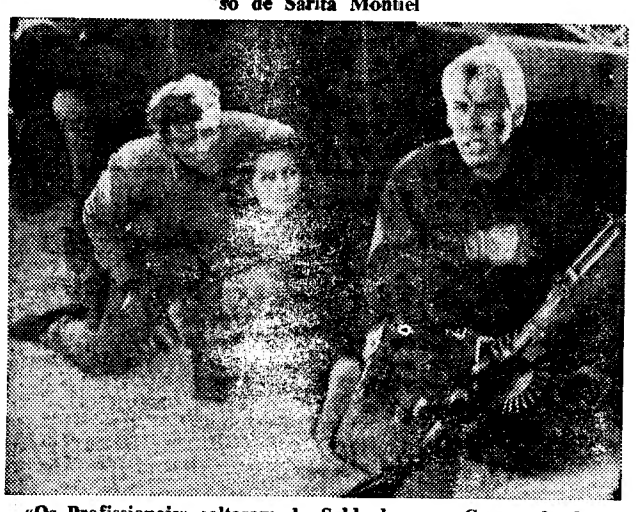
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
2 SESSÕES, ás 21 e ás 23 horas (ADULTOS)
50 % de desconto para estudantes
A CêPêCê — Companhia Portuguesa de Comediantes, subsidiada pela Fundação Gulbenkian, apresenta
A PEÇA QUE TEM QUE SER VISTA!
Interpretada por um grande elenco
O ÍDOLO
«THE BIG KNIFE»

LOTES
PARA MORADIAS EM CASCAIS
PREÇOS DESDE 50 CONTOS
ÓPTIMA SITUAÇÃO, JUNTO DO CONJUNTO TURÍSTICO E O AERÓDROMO DE TIRES, BEM SERVIDO DE TRANSPORTES COLECTIVOS PARA AS PRAIAS DE SANTO AMARO, CARCAVELOS, PAREDE, ESTORIL, CASCAIS, ETC.
PROP. BARAONA & BARAONA
Estrada Marginal, Lote J. M. E.-2.º C — CASCAIS
Tel. 28 23 45 e 28 23 88

Uma das grandes epopeias da II Guerra Mundial foi, incontestàvelmente, a luta travada para impedir a consumação da terrível ordem de Hitler: Paris deve ser arrasada! E, graças ao cinema, é-nos possível reconstituir hoje a grande odisseia desse período. «Paris, já está a arder?» é o filme que agora se estreou no IMPÉRIO, em rigoroso exclusivo de época, e que o público acolheu entusiàsticamente. Dirigido por René Clément, e com um «cast» fabuloso (Delon, Montand, Belmondo, Chakiris, Signoret, Welles, etc., etc.), o filme do IMPÉRIO é a grande sensação da temporada

SÃO JORGE: lotações esgotadas. «Um Homem e uma Mulher», justamente galardoado no festival de Cannes, agita neste momento a população que em Lisboa frequenta o cinema. A estreia de Claude Lelouche como realizador proporcionou espectacular recuperação a Anouk Aimée que nos surge ao lado de dois extraordinários actores: Jean Louis Trintignant e Pierre Barouth. A revista «Film Français» de 10 deste mês, no seu balanço de 1966, informa-nos que um único filme ultrapassou em Paris o elevado número de 750 mil espectadores: «Um Homem e uma Mulher»

O sucesso que a semana passada tinhamos previsto para «Rainha do Amor», o último filme de Sarita Montiel, que está a ser exibido no ODEON, foi largamente ultrapassado. Entra agora em 2.ª semana, com lotações sempre esgotadas, filme que o público aguardava com ansiedade. Sarita Montiel, afastada há alguns tempos das nossas salas, teve um regresso triunfal e merecido. A popular actriz espanhola continua a aliar à sua extraordinára beleza uma magnifica voz e, as belas canções deste filme confirmam, uma vez mais, o seu talento. Os nossos parabéns ao ODEON por este feliz regresso de Sarita Montiel



«Os Profissionais» saltaram do Saldanha para Campo de Ourique, prosseguindo no EUROPA, moderno e acolhedor cinema, uma carreira bem merecida, pois se trata de um filme perfeitamente conseguido e com condições de agrado para um publico bastante heterogéneo. Recorda-se que uma das grandezas deste filme de Richard Brooks reside no enorme «cast»: Burt Lancaster, Lee Marvin, Robert Ryan, Jack Palance, Ralph Bellamy e Claudia Cardinale

os filmes de EXITO da semana

SE os governos arrecadam fabulosas somas com o espectáculo de cinema (através de impostos de toda a ordem), é justo que o auxiliem contribuindo com verbas para a sua expansão nacional.

Quase sempre são discutíveis em todo o mundo as formas de auxílio a produtores ou realizadores, dado que as repartições, comissões, conselhos, etc., têm dificuldade em evitar apadrinhamentos ou tutorias.

Mas uma coisa é certa nalguns países: o dinheiro não fica no fundo da arca e os homens de cinema não apodrecem na inactividade. Lembramos aqui o exemplo francês, cuja cinematografia, em permanente desenvolvimento, tem revelado constantemente novos realizadores.

Baseados numa informação do boletim da União de Grémios dos Espectáculos, informaremos que no ano de 1966 o Governo da França continuou a olhar o cinema e acreditar nele como meio de divulgação da cultura e rendosa fonte de receita, concedendo elevadas verbas que permitiram o seu prestígio internacional. Para a expansão do filme francês no estrangeiro (subsídios a filmes de fundo) despenderam-se cerca de 44 mil contos; para a produção de documentários quase 22 mil contos; para a continuidade dos jornais de actualidade aproximadamente 20 mil contos.

Foi desta forma possível garantir a existência de um cinema nacional com verbas obtidas através dos impostos arrecadados nas salas de espectáculos. Quer isto dizer que o Governo francês está atento a uma indústria que emprega milhares de pessoas, investindo nela capitais cujo juro é francamente compensador.

Portanto: boa e inteligente política administrativa.

O realizador da semana

Nas origens do cinema há um certo número de nomes que, como em qualquer forma de arte, perdurarão indefinidamente. A maior parte já desapareceu (como Eisenstein, Griffith, Sjöström, Feuillade, Murnau, etc., etc.), mas entre os vivos ainda contamos com Carl Dreyer, Dovjenko, Gance, Chaplin, Lang, apenas para citar alguns dos mais conhecidos.

Destes últimos falemos de Carl Dreyer, não só porque corre agora entre nós o seu último filme («Gertrudes», no Estúdio 444), mas também porque a sua obra é quase desconhecida da maioria do nosso público.

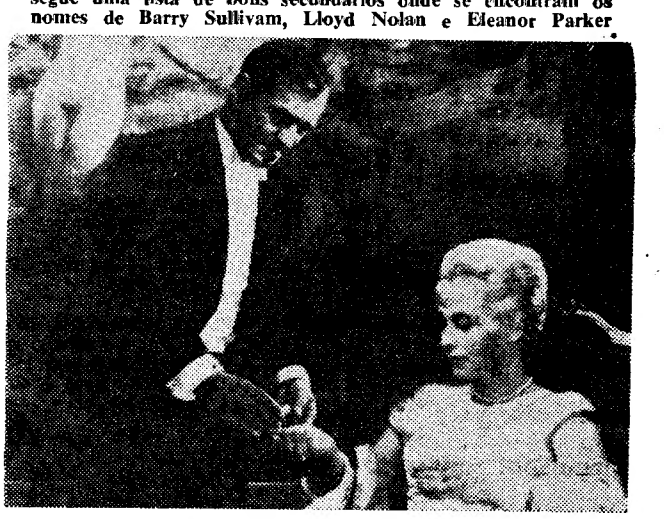
Para a biografia de Dreyer quase que bastaria citar, e analisar, o seu filme «Joana d'Arc», considerado unânimente pela crítica como um dos «dez mais belos filmes do mundo», tal é a sua importância para a história do cinema. Mas para melhor situar a obra de Dreyer no seu contexto ideológico talvez seja elucidativo recorrer às suas próprias afirmações. Diz ele: «Existe uma estreita semelhança entre uma obra de arte e um ser humano: ambos têm uma alma — que se manifesta no estilo. Pelo estilo o criador funde os diferentes elementos da sua obra e obriga o público a ver o assunto com os seus próprios olhos».

Depois de uma breve passagem pelo jornalismo Dreyer inicia os seus primeiros passos no cinema. E em 1912 inicia a sua fase de argumentista (Dinesen), que se prolongará até 1918. Data de 1920 o seu primeiro filme, «O Presidente». A partir daí, e até 1932, algumas obras-primas saíram das suas mãos («Joana d'Arc», «Vampiro», «Ordet»). Depois de uma pausa de 10 anos regressa aos estúdios e as obras que apresenta só nos vêm provar que o seu génio não tinha envelhecido. E toda a série de filmes que dirigiu nesta segunda fase demonstram claramente que Dreyer continua a ser o esteta e o humanista da época heróica do cinema.

O cinema ROMA apresentará amanhã, um filme francês com a assinatura de Jacques Deray, «O rapto de Zelda», assinalado como um dos mais importantes filmes de acção da temporada. Um elenco notável «vive» a história da jovem tentadora milionária: Jean-Paul Belmondo, Geraldine Chaplin, Sophia Daumier, Gabriel Fazetti, Akim Tamiroff, etc. «O rapto de Zelda», é um filme a assinalar entre as estreias da semana

A Fox apresentou esta semana no TIVOLI um filme que nos sugere a famosa «Patrulha da Alvorada». Os heróis do ar debatem-se com as suas máquinas frágeis numa guerra feita de golpes de sorte e de temeridades. «Ambição de Glória» (The Blue Max) tem a realização de John Guillermin filmada a cores e em scope. Nos principais intérpretes encontramos Georges Peppard, a bela e discutida Ursula Andress, o veterano James Mason e um grupo de bons secundários

O MONUMENTAL acaba de estrear um filme com extraordinária actualidade, cujo tema toca milhares de pessoas identificadas com o problema que se lhes coloca nesta realização de Robert Gist. «Espero-te no Inferno querida» (An American Dream) revela-nos com certo realismo a vida e os dramas dum casal moderno esquecido do meio social americano. Nos principais papéis Stuart Whitman e Janet Leigh a que se segue uma lista de bons secundários onde se encontram os nomes de Barry Sullivam, Lloyd Nolan e Eleanor Parker



O público português vai ter oportunidade de contactar com um dos maiores realizadores da história do cinema: Carl Dreyer (o realizador da semana), graças à louvável iniciativa do ESTÚDIO 444, que decidiu incluir na sua programação «Gertrudes» (Gertrud), a última obra do genial realizador. «Gertrudes» segue a linha temática e simbólica das grandes obras de Dreyer, que considera a verdade artística tirada da vida real e purificada dos seus aspectos secundários. A história de uma mulher, que procura no amor todo o motivo da sua existência, é analisada por Dreyer com a sua extraordinária lucidez

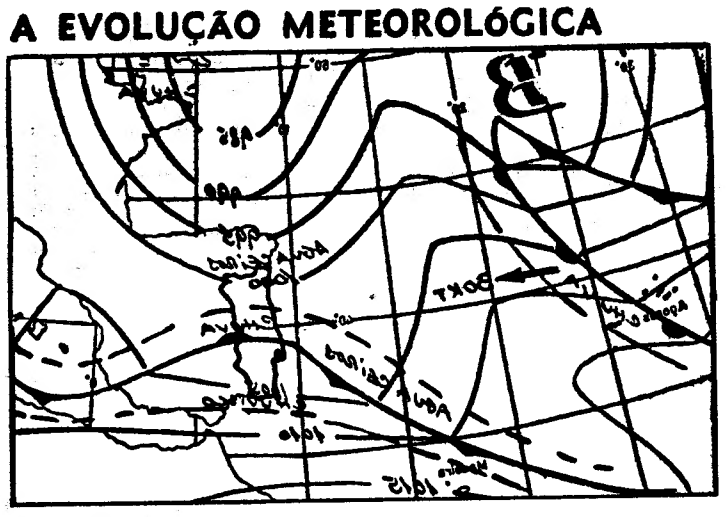
Qualquer duvida que pudesse subsistir no espírito do espectador mais renitente está amplamente ultrapassada pelo enorme êxito que «Uma Réstia de Azul» está a alcançar no ESTUDIO. Verdadeiro panfleto contra o racismo (localizado nos Estados Unidos), mas visto por um prisma totalmente novo, «Uma Réstia de Azul» reune ainda todas as qualidades essenciais a uma grande obra de cinema. Seria injusto ignorar as fabulosas interpretações de Sidney Poitier, Shelley Winters e Elizabeth Hartman (uma estreante cheia de talento), que completam, de uma maneira perfeita, este belo filme

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 11°,5; na água do mar, 12°,2.
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 18°,7; mínima: Penhas da Saúde, —3°.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognósticos para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)

B — Depressão (baixas pressões)

— isóboras (imb)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 17 — Deverá manter-se a influência da corrente de oeste.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto; vento moderado ou forte de noroeste, por vezes com rajadas; chuva, passando a regime de aguaceiros.

SOL ☀ AMANHÃ *Nascer ás 8 e 27 Ocaso ás 19 e 16*

MARES

PREIA-MAR: **Dia 16** — Às 8 e 11 (3,4 m); 20 e 37 (3,3 m). **Dia 17** — Às 8 e 56 (3,2 m); 21 e 38 (3,1 m). **Dia 18** — Às 10 e 10 (3,1 m); 22 e 45 (3,1 m).

BAIXA-MAR: **Dia 16** — Às 1 e 42 (1,4 m); 14 e 05 (1,5 m). **Dia 17** — Às 2 e 32 (1,6 m); 15 e 03 (1,6 m). **Dia 18** — Às 3 e 40 (1,7 m); 16 e 17 (1,8 m).

FASES DA LUA

Amanhã — Dia 24 — Dia 3 — Dia 11

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 16 — (L.) — O comando-chefe das Forças Armadas em Moçambique distribuiu o seguinte boletim informativo, referente á primeira quinzena do corrente mês:

«Durante o período coberto por este boletim, a actividade das forças militares, bem como a das milícias, foi grande, quer no aspecto quantitativo, quer em superfície.

Além das actividades habituais de patrulhamento, protecção das populações, escoltas, etc., destacam-se as operações de maior vulto, cujos nomes de código são «Buçaco» e «Careca», no distrito do Niassa, e «Martelada», «Trolha» e «Bigode», no distrito de Cabo Delgado.

Durante estas operações foram infligidas 81 baixas aos terroristas, sendo capturados 176 elementos, assim como armamento de origem russa e chinesa, e material diverso.

A actividade dos bandoleiros foi mais intensa no distrito do Niassa e teve também por alvo as populações, cuja adesão procura conquistar por todos os meios. Utilizaram minas e armadilhas, algumas das quais foram detectadas e levantadas pelas forças militares e elementos das milícias.

No final do período, na região de Messandaluz, distrito de Tete, elementos do «Coremo», vindos do estrangeiro, destruiram parte de um acampamento de trabalhadores que procediam á construção de um edifício para a administração.

As forças militares e as milícias reagiram imediatamente, pondo o inimigo em fuga e capturando alguns dos malfeitores.

Durante este período, as forças militares não sofreram baixas.»

PRÉDIO

EM ODIVELAS

Construção recente, em cimento armado, revestido a marmorite, composto de r/chão e 3 andares com 2 inq. por piso, tendo cada habitação 3 casas soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa e grande hall. Rendimento 59.520$00. Todo alugado com rendas baixas. Preço 900 contos. Facilita-se parte

«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3-2.º — Telefs 36 93 84/5/6

Diario de Lisbôa

COIMBRA

O «V Centenário» da «Real República Trunfé Kopos»

No sábado, a «Real Republica Trunfé Kopos» comemora o seu V Centenário *(que, na gíria académica, equivale a cinco anos), com um importante programa, que será cumprido integralmente.*

Assim, haverá um jantar no qual tomarão parte alguns professores universitários, representantes das outras republicas *e dos organismos académicos, todos os antigos* republicos *e ainda os amigos que queiram visitar a* republica *nesse dia.*

Para que os festejos decorram com o maior brilhantismo, e a exemplo dos anos anteriores, não se têm poupado a esforços o trunfo-mor, *Rui Manuel dos Reis Martins, e os restantes* trunfões: *José Alberto Linhares Vieira, Abílio Gomes Travessas, José Eduardo Linhares de Castro, João da Silva Rocha, Carlos Alberto Maia Soares Calheiros, Henrique Jorge Campos Cunha, Artur Augusto Sá da Costa, António Domingos Vila Verde, José Manuel Couto Moreira Amorim, Viriato Miranda Varela dos Santos e Mário David.*

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

Foi eleita a nova direcção da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, que ficou constituída pelos srs. prof. dr. Américo da Costa Ramalho, presidente; prof.ª dr.ª D. Maria Helena da Rocha Pereira, drs. Valter de Sousa Medeiros, Manuel de Oliveira Pulquério, cónego dr. Brito Cardoso, dr. Bairrão Oleiro e dr.ª Maria de Jesus Gomes.

Empréstimo de milhares de contos para melhoria dos transportes colectivos

• Foi sugerida na reunião camarária a construção de um hipódromo

Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. eng.º Araujo Vieira, por solicitação do conselho de administração dos Serviços Municipalizados, foi autorizado a outorgar, em nome da edilidade, o contrato a celebrar com o Fundo Especial dos Transportes Terrestres para um financiamento de 19 500 contos aos referidos Serviços, para melhoria dos transportes colectivos.

O sr. eng.º Araujo Vieira deu conhecimento de que, tendo recebido dois ofícios dos Serviços de Turismo, manifestando o seu interesse pela construção de um hipódromo e do horto municipal, para isso apontava os terrenos da Escola de Regentes Agrícolas, na Bencanta. Ali se dirigiu o presidente do Município, acompanhado pelo vice-presidente, sr. prof. dr. Neto Murta. Trocaram impressões com o director da Escola, o qual manifestou a melhor boa vontade em colaborar, dentro do que for estabelecido pelo Ministério da Educação.

Depois de apreciados esses importantes problemas, foi deliberado que o presidente da Câmara prossiga nas diligências para que tal alvitre chegue a bom termo. O sr. eng.º Araujo Vieira, com esclarecimentos do sr. prof. dr. Neto Murta, informou ainda que, no decorrer da visita ao director da Escola de Regentes Agrícolas, foi levantada a ideia de se criar, naquele estabelecimento de ensino, uma escola agrícola «piloto», especialmente no sector frutícola, dada a existência de bom terreno para o efeito. A Câmara apoiou a ideia e deu poderes ao presidente para prosseguir nas diligências necessárias.

Foram ainda tratados vários assuntos e aprovados o estudo e o projecto da ligação da Rua Nicolau Chanterene á Rua Adolfo Coelho, no bairro da T.S.F.

III Encontro de Teologia para Leigos

Por iniciativa do Instituto São Tomás — Fátima (Dominicanos), decorrerá amanhã, no sábado e no domingo, na União de Grémios de Lojistas, o III Encontro de Teologia para Leigos, subordinado ao tema «A fé em questão».

Eis o programa: amanhã, ás 18 e 15, introdução; ás 18 e 45, «A fé em questão», por fr. Louis Charlier; ás 21 e 30, «Afinal, para que te serve a fé?», por fr. Raimundo de Oliveira; depois de amanhã, ás 18 e 45, «A fé, dom e tarefa», por fr. Bernardo Domingues; ás 21 e 30, «Agonia das religiões e sobrevivência da fé?», por fr. Mateus Peres; domingo, ás 9 e 15, «Será a igreja precisa para a vivência da fé?», por fr. Bento Domingues. As inscrições fazem-se na sede do C.A.D.C.

Exposição de Actividades da E. F. T. A.

Vamos ter oportunidade de apreciar, no seu vasto conjunto, a Exposição de Actividades da E.F.T.A., que esteve patente ao publico em Lisboa.

A iniciativa deve-se á comissão administrativa da Associação Académica, que, por intermédio da sua comissão cultural, promoverá um ciclo de conferências sobre assuntos económicos durante o período da exposição, a qual será inaugurada no dia 21 na Faculdade de Medicina.

Os nomes dos oradores e os temas das conferências serão anunciados oportunamente.

Espectáculos para hoje

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A Bíblia» (12 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «O alfabeto do crime» (12 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «Férias no Harém» (12 anos).

SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Quo Vadis» (12 anos).

Farmácias de serviço

Rainha Santa — Rua da Figueira da Foz (Tel. 24737).

Donato — Rua Ferreira Borges (Tel. 22603).

Cruz Viegas — Rua do Brasil (Tel. 22961).

Cruz e Costa — Rua Dr. António de Vasconcelos (Tel. 26046).

Notícias da Figueira da Foz

Estão quase concluídas as instalações de uma nova indústria

FIGUEIRA DA FOZ, 16 — Uma fábrica de agar-agar, que será a primeira e unica, está a ser construída no lugar dos Armazéns, da freguesia de Lavos, no sul do concelho, pela firma Sicomol.

A moderna unidade fabril, bem localizada, destina-se á laboração de agar-agar, espécie de geleia a partir de algas marinhas para produtos químicos. Esses vegetais encontram-se em qualquer época do ano na nossa orla marítima em quantidade e em diversos tons, fixados em rochas ou espalhados pela areia á beira-mar, conhecido por algas castanho e algas vermelhas. Algumas, pelo seu valor comercial, são muito procuradas para determinados fins industriais.

Sendo a zona marítima da Figueira a mais privilegiada para a fecundação dessas plantas, é esse o motivo por que os técnicos escolheram aquele lugar no sul do concelho para a localização da referida fábrica.

A este grande empreendimento está ligado, entre outros, o sr. prof. dr. Bissaia Barreto, um dos primeiros e principais entusiastas por esta exploração industrial — unica no País.

Turistas estrangeiros

Estiveram nesta cidade, de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro do ano findo. 17 498 turistas estrangeiros; nos meses de Verão, de Junho a Setembro, 12 890, assim distribuídos: 4282; 3056, com estadias de 10, 15 e 20 dias; espanhóis, 2878, com a estadia de 30 e 60 dias; americanos, 705; alemães 599; belgas, 418; holandeses, 208; brasileiros, 158; e os restantes, 5194 divididos por 26 outros países.

Palácio Sotto Mayor

Adquiridos, pela Sociedade Figueira-Praia, proprietária do Casino-Peninsular o palácio Sotto Maior e todos os seus terrenos, segundo nos informaram, o importante imóvel, vai ser adaptado a um hotel de luxo.

Colóquio em Leiria sobre técnicas de venda

LEIRIA, 16 — Organizada pela direcção do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Leiria, em colaboração com a Federação Regional do Sul dos Sindicatos dos Caixeiros, efectua-se esta noite, pelas 21 e 30, na sede do sindicato de Leiria, uma sessão de esclarecimentos sobre técnicas de venda — relação entre vendedor e comprador — seguida de colóquio.

Orientará a sessão o sr. dr. Renato Félix dos Santos, professor da especialidade da Escola Comercial Patrício Prazeres, que expressamente se desloca a esta cidade acompanhado da direcção da Federação dos Caixeiros do Sul.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA ao concelho do Seixal

Publicou-se hoje no «Diário do Governo» o regulamento do serviço de abastecimento de água ao concelho do Seixal.

Novo presidente da Delegação de Turismo da Madeira

O cargo de presidente da Delegação de Turismo da Madeira vai ser exercido, em comissão de serviço, pelo arquitecto sr. Carlos Alberto Lameiro, que actualmente desempenha as funções de chefe da Repartição das Actividades Turísticas do Comissariado do Turismo.

O arquitecto sr. Carlos Lameiro exercerá, cumulativamente, o cargo de director da Escola Hoteleira da Madeira, a qual, em homenagem ao falecido presidente da Delegação de Turismo, passará a designar-se Escola Hoteleira Rafael Basto Machado.

DIÁRIO DE EVA

A MULHER E A LEI

Depois de termos falado aqui, na semana passada, da sucessão legítima, diremos hoje qualquer coisa que possa interessar ás leitoras — e aos leitores — sobre a sucessão legitimária. Esta é a que se caracteriza pela existência de uma legítima: porção de bens dos quais o testador não pode dispor porque se destinam, por força da lei, a certos familiares.

Quais são estes familiares — que, precisamente, se chamam herdeiros legitimários — e que parte da herança lhes é obrigatóriamente destinada? São herdeiros desse tipo os descendentes e os ascendentes, e a sua legítima varia consoante o grau. O novo Código Civil, que entrará em vigor no dia 1 de Junho próximo, também alterou o regime da sucessão legitimária — e é a esse futuro novo regime que aqui nos reportamos.

Assim, de acordo com ele, a legítima dos filhos é de metade, se existir um só, e de dois terços, se existirem dois ou mais. Os descendentes de outros graus (netos, bisnetos, etc.) têm direito à legítima que caberia ao seu ascendente — metade ou um terço pois, conforme os casos —, repartindo-o depois tal como se se tratasse de sucessão legítima.

Quanto à legítima dos ascendentes, ela é de metade tratando-se dos pais e de um terço tratando-se de avós, bisavós, etc.

Note-se que para o cálculo da legítima se deve atender não só ao valor dos bens existentes no património do autor da sucessão à data da sua morte, como ainda aos valores doados, às despesas sujeitas á colação e ás dívidas da herança, não podendo ainda o testador impor encargos sobre a legítima, nem designar os bens que a devem preencher contra a vontade do herdeiro.

Porém, há casos em que o «de cujus», o autor da sucessão, pode não deixar quaisquer bens aos herdeiros legitimários, fazendo testamento em que expressamente declare a causa da deserdação, e privando-os assim da legítima. Porém, ele só o pode fazer — isto é: só pode deserdar os seus ascendentes ou descendentes — quando se verificarem algumas das seguintes ocorrências:

1) Ter sido o sucessível (herdeiro legotimário) condenado por algum crime doloso cometido contra a pessoa, bens ou honra do autor da sucessão, ou do seu cônjuge, ou de algum descendente, ascendente, adoptante ou adoptado, desde que ao crime corresponda pena superior a seis anos de prisão;

2) Ter sido o sucessível condenado por denúncia caluniosa ou falso testemunho contra as mesmas pessoas;

3) Ter o sucessível, sem justa causa, recusado ao autor da sucessão ou ao seu cônjuge os devidos alimentos.

O deserdado pode impugnar a deserdação, com fundamento na inexistência da causa invocada, no prazo de dois anos a contar da abertura do testamento.

AO CORRER DO TEMPO

Há dias, peguei de novo em «Cartas a um Poeta», de Rainer Maria Rilke, e reli-o. A sua leitura fez-me tanto bem que o levei para a minha mesa-de-cabeceira a fim de o ter á mão em qualquer altura da noite. Que mundos nos descobre esse poeta, como aprendemos com ele a profunda grandeza da vida espiritual! O poeta do indefinível, da morte e da solidão leva-nos, através de um poder suave de persuasão, a analisarmo-nos, a aceitar o incognoscível que existe em nós e em nosso redor e a amá-lo como motivo de aperfeiçoamento.

Afirmava ele: «Só uma coisa é necessária: a solidão... E o seu crescimento é doloroso como o das crianças e triste como a ante-Primavera. Caminhar em si próprio e, durante horas, não encontrar ninguém, a isto é que é preciso chegar.»

A solidão não proíbe a comunicação com os outros, antes proporciona um mais profundo e lúcido contacto. O poeta revelava aos seus leitores o fruto das suas lucubrações, da exploração da sua alma e da vida. Através destas «Cartas a um Poeta» exprimiu não só valiosos conceitos sobre a valorização espiritual como a força irradiante da sua simpatia humana. Através de leitura atenta sentimo-nos rodeada por aquela, mais dentro de nós próprios e, por paradoxo, menos sós. Com o Poeta comungamos nas mesmas ideias, de idêntico amor pelas coisas.

EVA

TAUROMAQUIA

Tertulia «Festa Brava»

Em assembleia geral foram eleitos na Tertulia «Festa Brava», para a direcção os srs. Manuel Casqueiro e Fausto Calado Alves, presidente e vice-presidente; Fernando Alves, secretário; António Vieira, tesoureiro; António Calabaça, José Maria Gris e Vítor Rodrigues Alves, vogais; Aníbal Tapadinhas e Fernando Camacho, delegado á Federação e suplente; Lopes Mega e Pita Valente, presidente e vice-presidente da assembleia geral; Domingos Lopes Mega e Antero Olaio, presidente e secretário do conselho fiscal, e Alberto Clisio da Silva, relator.

Luís Miguel da Veiga

Sobrinho e neto de grandes e ilustres cavaleiros, tem o jovem Luís Miguel da Veiga a pesada responsabilidade de manter íntegro o prestígio alcançado pelos seus antepassados durante algumas décadas. Ciente dessa responsabilidade e confiante nos seus vastos recursos natos, Luís Miguel da Veiga tem vindo a intensificar a preparação de três cavalos recentemente adquiridos, que julga poder apresentar na temporada que se avizinha juntamente com os que possuia.

A rainha Fabíola consola uma anciã que sofreu queimaduras durante o incêndia num asilo, próximo de Bruxelas, e do qual resultaram trinta mortos

Curiosidades

Os principais idiomas falados no mundo são:

1 — O chinês — que não é um idioma, mas um conjunto de quatro línguas (entre as quais se distingue o mandarinizo e o cantonês — e uns 200 dialectos).

2 — O inglês — o idioma mais generalizado no mundo.

3 — O russo — grupo de línguas eslavas faladas na Russia.

4 — O hindi — na India e Paquistão.

5 — O espanhol — na Espanha e América espanhola, nas Filipinas, no Norte de Africa e no Levante.

6 — O alemão — na Alemanha, Austria, Suiça e terras vizinhas.

7 — O japonês — no Japão e parte da Coreia e Manchuria.

8 — O português — no Brasil, Portugal e Províncias Ultramarinas.

9 — O francês — na França, Bélgica, Suiça, Canadá, Haiti, etc.

10 — O bengali — na India e Paquistão.

11 — O árabe — no Norte de Africa e no Levante.

12 — O italiano — na Itália e suas antigas colónias.

PEIXE

REDE DE FRIO

A Sociedade MENEZES & ANJOS, LDA., na sequência da sua já conhecida actividade, informa que continua a fornecer ARMÁRIOS FRIGORÍFICOS aos estabelecimentos que estejam interessados na distribuição de produtos congelados: PEIXE, FILETES DE PEIXE, CARNES, VEGETAIS, AVES, etc.

Procura-se, assim, continuar a bem servir o público, ideia que, em hora feliz, tem vindo a ser anunciada como sendo o pensamento do MINISTÉRIO DA ECONOMIA.

As firmas interessadas, em qualquer ponto do País, deverão dirigir a sua correspondência para:

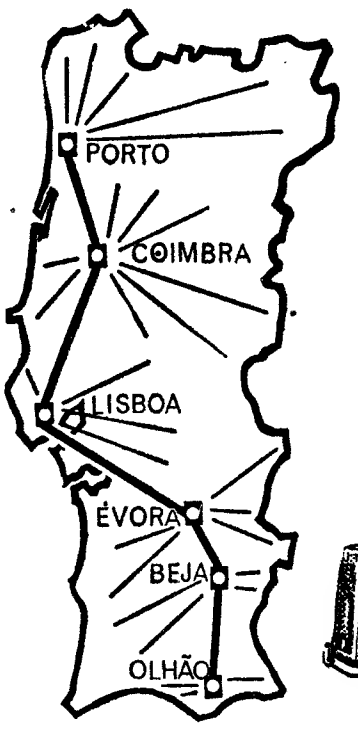
MENEZES & ANJOS, LDA.
RUA DE S. MAMEDE AO CALDAS, N.º 11, 4º - DTO.
LISBOA

PEIXE

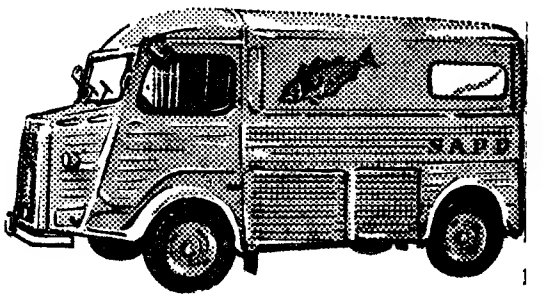
CONGELADO E FRESCO

NUMA LARGA REDE DE DISTRIBUIÇÃO

EM TODO O PAÍS



LOCALIZAÇÃO DOS CARROS-PEIXARIAS



ZONA DE CASCAIS:
1 — Fontainhas, Alvide, Abuxarda, Amoreira
2 — Alcabideche, Alcoitão, Manique, Bicesse
3 — Bairro da Torre, Esc. Municipal de Cascais
4 — Galiza
5 — Murtal, S. Pedro do Estoril
6 — Parede
10 — S. Domingos de Rana, Albarraque
11 — Nova Oeiras, Porto Salvo
12 — Carcavelos, Sassoeiros, Arneiro
16 — Caxias (Bairro Dr. Oliveira Salazar)
22 — Paço de Arcos

DISTRITO DE SETUBAL:
13 — Costa de Caparica
14 — Laranjeiro (Cova da Piedade)
18 — Almada (junto ao edifício do Liceu)
20 — Fogueteiro — Seixal
21 — Cova da Piedade
24 — Pragal - (Almada)
25 — Seixal
26 — Paio Pires
27 — Moita
32 — Barreiro

OUTRAS LOCALIDADES:
7 — Olhão
8 — Olhão
9 — Coimbra
15 — Coimbra
19 — Linda - a - Velha, Carnaxide, Linda-a-Pastora
23 — Queluz
28 — Olival-Norte, Sacavém
29 — Évora
30 — Évora
31 — Carriche, Odivelas

SAPP

SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE PEIXE AO PAÍS

Vai aumentar a capacidade do armazenamento do porto de Lisboa

A fim de aumentar a capacidade de armazenamento do porto de Lisboa, a A. G. P. L. vai construir, em frente á estação marítima de Alcântara, um armazém com uma área coberta de 6 mil metros quadrados.

A obra, já iniciada, e com um prazo de acabamento de 120 dias, ocupa o espaço até aqui destinado a depósito de automóveis e outros

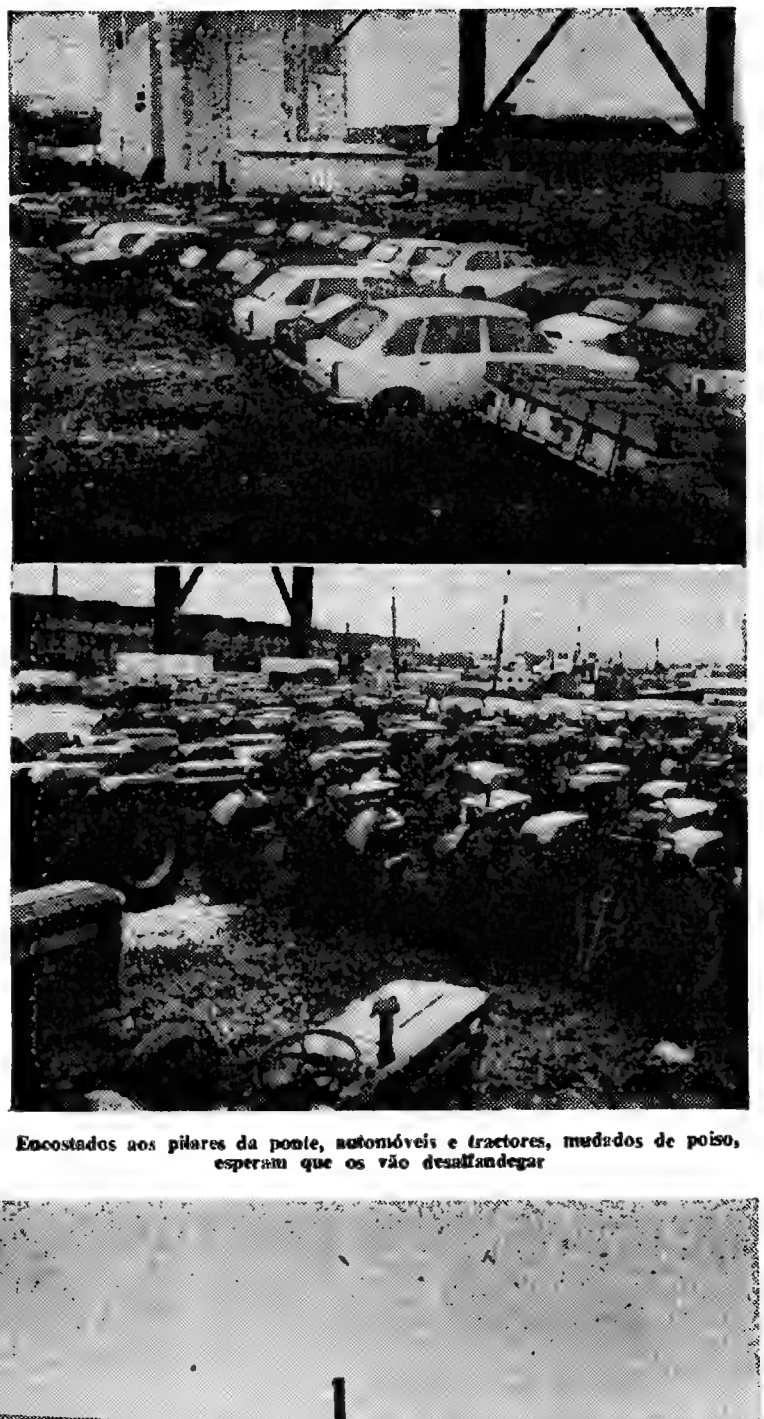
UM NOVO ARMAZÉM EM ALCÂNTARA DENTRO DE 120 DIAS

veículos que aguardam libertação alfandegária.

Segundo nos informaram da secção de Engenharia da A. G. P. L. o novo armazém destina-se, no entanto, a carga geral.

— Trata-se de uma disposição que se impunha a fim de se aumentar a capacidade de armazenamento do porto de Lisboa — disse um informador da referida secção responsável pela obra.

Entretanto, para que os trabalhos principiassem, cerca de uma centena de automóveis e tractores foram dali transferidos para um ponto mais a oeste, sob a ponte, junto ás antigas instalações da United Stats Steel Company.



Encostados aos pilares da ponte, automóveis e tractores, mudados de poiso, esperam que os vão desalfandegar

É este o local onde vai erguer-se o novo armazém

LEVERKUSEN, FIBRAS SINTÉTICAS — 3

O homem do fato sintético

por PEDRO ALVIM

O arranha-céus tem vinte e nove andares. O elevador é rápido: em menos de um minuto ficamos no piso vigésimo quinto. Somos introduzidos numa sala envidraçada e breve nos sentamos a uma mesa em forma de «U». O dr. Franz Linden, no topo, tem uma palavra para todos nós. Depois, Rudolf Oehlke, pronuncia-se sobre o dinamismo dos sintéticos. Situa-os no presente e no futuro... Nós temos os olhos na vidraça, longa e longa. Mas nada, nada se vê. Há nevoeiro em Leverkusen. Um tom cinza húmido adere ao vidro. São dez horas da manhã e o exterior equivale a nada.

Falando em português, afirma Rudolf Oehlke:

— Preparamo-nos para colocar nos mercados internacionais novos fios «dralon» com características ainda desconhecidas do publico...

O nevoeiro mantém-se ainda. Sentimo-nos protegidos pela vidraça. Foi nesse momento que, desviando os olhos do orador, reparei numa tapeçaria de Luçart no outro extremo da sala. Pendia, rígida, da parede: azul, verde e amarelo.

E Rudolf:

— Fios finos de «alto volume». Os «tricots» e tecidos de alto volume são feitos de duas variedades de fibras acrílicas: a fibra «dralon» normal, com apenas 1 por cento de encolhimento na fervura, e a fibra «dralon» especial com forte contracção (20 a 22 por cento) quando fervida ou vaporizada.

São 10 e 15. Agora — uma chaminé alta rompeu o nevoeiro. A surpresa toca-me. Os meus olhos estão para além da vidraça.

— ...Se as fibras acrílicas contraíveis forem trabalhadas em determinada proporção de mistura com fibras acrílicas normais, e se os tecidos e artigos de malha feitos com elas sofrerem acção de fervura ou vaporização, as fibras contraíveis encolhem-se e as não contraíveis encrespam-se. Daí resultam os fios chamados de alto volume...

Outra chaminé surge. O nevoeiro, lentamente, vai sendo estilhaçado. Fria — a vidraça mantém-se. Mas o exterior impõe-se pouco a pouco. Ao longe desenham-se (esboçam-se...) os telhados de complexos fabris.

As fibras são juventude e futuro

E Rudolf, indiferente ao cenário que vai surgindo:

— ...*Softalon* é o nome de um novo material que consta de fios de «Perlon» muito encaracolados, produzidos por um processo especial, dotados de elevada extensibilidade, para meias, «pull-overs», roupa interior...

Agora é já o rio que se vê no horizonte. Todo o céu está tocado de chaminés. Estamos cercados de produção. Só a vidraça é que ainda nos defende. Lanço um olhar para a tapeçaria de Luçart...

Há ainda a voz de Rudolf:

— As fibras derrotam os materiais antigos. Há estofos para veículos. Pelúcias para móveis e tecidos para decorações. Toalhas de mesa. Alcatifas. Cortinados. Cobertores, tapetes — e roupa «para deitar fora», destinada a uso em vagões-camas e hospitais...

E Rudolf, no fim da sua exposição, aponta para o Luçart das três cores (azul, verde, amarelo) e diz com um sorriso:

— Aquela tapeçaria é feita de «dralon».

● **Do alto do arranha-céus...**

Estamos agora todos erguidos, junto á vidraça. O nevoeiro desapa-

(Continua na 19.ª página)

A inauguração do novo Q. G. da N. A. T. O. em território português

A composição da força naval mista da N. A. T. O. que chega ao Tejo na próxima terça-feira, por motivo da inauguração do quartel general da zona Iberlant, próximo de Sintra, é a seguinte: contratorpedeiros, americanos «Zellars» e «Mc Clay»; e holandês «Limburg»; e fragata britânica «Merwick», com um total de 962 oficiais, sargentos e praças.

Na quarta-feira, depois de uma conferência de Imprensa, ás 10 e 30, a bordo do contra-torpedeiro holandês «Limburg», efectuar-se-á com toda a solenidade, numa vivenda em Mem-Martins, e com a presença de membros do Governo português e do Corpo Diplomático, a cerimónia da inauguração do novo Q. G. do Iberlant, que ficará ali até ser definitivamente instalado próximo de S. Julião da Barra.

A força mista da N. A. T. O., que vem sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra holandês F. Visee, deixa o Tejo no dia 24, durante a manhã.

SÃO SÓ 15 DIAS!!

CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

DESDE 30$00

RESTOS DE COLECÇÕES

SAPATARIA LISBONENSE

RUA AUGUSTA, 202 ● RUA DA ASSUNÇÃO, 57

UMA GRANDIOSA ROMAGEM ASSINALARÁ EM NOVA LISBOA O CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE NORTON DE MATOS

NOVA LISBOA, 16 — (L.) — Continuam a chegar á Camara Municipal desta cidade novas e entusiásticas adesões das mais diversas entidades e organismos no sentido da sua participação activa nas manifestações enquadradas no programa comemorativo do centenário do nascimento de Norton de Matos. Esta atitude da população de Nova Lisboa e de outros pontos do distrito garante que deverão revestir-se da maior grandiosidade, não só a romagem junto do monumento, como também o desfile das actividades em que muitos milhares de pessoas e numerosas viaturas se integrarão, em merecida homenagem ao fundador da cidade, que se firmou como um dos mais notáveis governadores de Angola.

Na romagem, junto do monumento, será colocado, no sopé da estátua de Norton de Matos, um motivo alegórico, de bronze, oferta dos funcionários que com ele serviram em Angola.

Está garantida a participação das forças militares da guarnição, que, além de abrirem o desfile, prestarão guarda de honra junto do monumento.

Bairros de pescadores

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António foi autorizada a ceder, gratuitamente, á Junta Central das Casas dos Pescadores, cinco parcelas de terreno municipal com a área total de 759 m², situadas na praia de Monte Gordo, destinadas á construção de um bairro de casas para habitação de beneficiários daquele organismo.

ZEBÚ

AGORA NOS CFÉS
PORTUGAL E BRAILEI

AS – 3

ico

LVIM

eu ó nevoei-
me. Os meus
além da vi-

orílicas
adas em de-
de mistura
ormais, e se
e malha fei-
n acção de
o, as fibras
e e as não
se. Daí re-
dos de alto

urge. O ne-
vai sendo

e futuro

a vidraça
xterior im-
. Ao longe
m-se...) os
s fabris.

ao cenário

ne de um
ta de fios
aracolados,
cesso espe-
extensibili-
vers», rou-

ue se vê no
u está to-
tamos cer-
á a vidraça
nde. Lanço
peçaria de

olf:
os mate-
para veí-
veis e te-
Toalhas de
los. Cober-
«para dei-
so em va-

da sua ex-
o Luçart
ul, verde,
um sorriso;
é feita de

a-céus...
erguidos,
iro desap-

ágina)

Um aspecto da cerimónia da posse

Tomou posse o novo director do Instituto Superior de Agronomia

— prof. eng.º Raul Cabral

Na Reitoria da Universidade Técnica, no I. S. C. E. F., foi esta manhã empossado o novo director do Instituto Superior de Agronomia, prof. eng.º Raul Vasco Garcia Cabral. Após o secretário da Universidade Técnica ter lido o auto de posse, que foi conferida pelo reitor da mesma Universidade, prof. eng.º Herculano de Carvalho, o prof. eng.º Raul Cabral fez o compromisso de honra e assinou o respectivo auto.

Falou em seguida o reitor da Universidade Técnica, que agradeceu ao novo director do Instituto Superior de Agronomia o ter acedido ao convite que lhe foi feito, afirmando que era desnecessário traçar o seu elogio. Não obstante, pôs em relevo as suas qualidades de autêntico investigador, que tem vivido exclusivamente para a Ciência e que já lhe deu um valioso contributo, lembrando alguns dos mais importantes aspectos da sua carreira universitária.

O prof. eng.º Herculano de Carvalho afirmou que a investigação também evolucionou e ela é hoje um excelente treino para cargos de direcção — recordando os professores que estiveram á frente do I. S. de Agronomia, dos quais destacou nomeadamente os nomes dos profs. eng.os Manuel de Sousa Câmara e André Navarro, director cessante. Finalmente, o reitor da Universidade Técnica pôs em relevo que o empossado ia encontrar alguns problemas difíceis e que certamente conseguiria vencer, com o indispensável apoio dos seus colegas — prometendo também o melhor da sua colaboração, assim como a do Ministério da Educação Nacional, nesse sentido.

Usou, depois, da palavra o prof. eng.º Raul Cabral, que começou por agradecer a nomeação para o cargo e as palavras que lhe tinham sido dirigidas e lembrou também o nome de alguns dos seus antecessores, especialmente o do prof. Manuel de Sousa da Câmara, a quem prestou homenagem. O novo director do I. S. de Agronomia disse, em seguida, estar ciente da delicadeza da sua missão, «que envolve não só problemas próprios e comuns a qualquer escola superior, como os específicos, mas complexos, derivados de uma exploração agrícola integrada no ensino».

Conto com a boa compreensão e um apoio concreto do Governo — disse o prof. eng.º Raul Cabral

Após outras breves considerações o prof. eng.º Raul Cabral afirmou não ser aquela a ocasião própria para apresentar qualquer plano de realizações, mas que tinha vários apelos a fazer:

— Em primeiro lugar, conto com a boa compreensão e um apoio concreto do Governo para os diversos e difíceis problemas que todos nós gostaríamos de ver solucionados a bem do Ensino Superior Agrícola e Florestal, em ordem não só a uma preparação técnica mais adequada dos seus futuros diplomados, como para o desenvolvimento da indispensável investigação científica exercida pelo corpo docente. Estou inteiramente certo de que todos os meus colegas e — porque não dizê-lo também — toda a classe agronómica e silvícola terão o mesmo desejo que eu: que o Instituto Superior de Agronomia se distinga por um escol para a formação integral dos seus diplomados, a fim de, todos juntos, contribuirmos eficaz e activamente para o engrandecimento do País. Para tanto, espero confiante que todos os colegas docentes compreendam e ajudem o novo director, vendo nele um colaborador e amigo atento aos problemas que lhe apresentam, pois que acima de tudo só deseja a harmonia, o bem comum e a promoção da sua Escola. Apelo também para uma cooperação mais estreita entre o Instituto e as outras Escolas, nomeadamente da Universidade Técnica, e bem assim com os diversos serviços de vários Ministérios, em especial os do Ministério da Economia, com os quais temos tantas afinidades. Manifesto igualmente este desejo ás entidades particulares. Finalmente, dirijo também o meu pensamento aos caros estudantes. Que eles e nós nos esforcemos por constituir como que uma família onde reine o respeito, a confiança e compreensão recíprocas, para que o ambiente universitário seja propício ao trabalho de todos.

Ao acto estiveram presentes o secretário de Estado da Agricultura, eng.º Vitória Pires; vice-reitor, prof. dr. António Maria Godinho, directores de todos os Institutos Superiores da Universidade Técnica, muitos professores catedráticos e outros elementos do corpo docente e o director do Instituto Britânico, de que o empossado foi bolseiro, tendo-se doutorado em 1945 na Universidade de Cambridge.

A Casa de Macau em Lisboa oferece hoje um jantar de homenagem ao prof. eng.º Raul Cabral.

P. S. P. DOS AÇORES

Foi nomeado comandante da P. S. P. de Ponta Delgada o capitão Aníbal Jacinto de Freitas.

É urgente a mecanização da vitivinicultura duriense

– afirmou o deputado eng. Virgílio Cruz na sessão de hoje da Assembleia Nacional

Continuaram esta tarde, sob a presidência do sr. prof. Mário de Figueiredo, secretariado pelos srs. drs. Cid Proença e Mário Bento, os trabalhos da Assembleia Nacional, que está a discutir, na generalidade, a legislação proposta para o futuro Regime Jurídico da Caça.

No período de antes da ordem do dia, o sr. eng.º Virgílio Cruz, deputado por Vila Real, ocupou-se da crise com que se debate a lavoura duriense, cuja produção vinícola ocupa desde há séculos lugar de relevo na economia portuguesa e posição da maior importancia na nossa balança comercial (no ano findo, só a exportação directa de vinho do Porto rendeu em divisas cerca de meio milhão de contos e as vendas no mercado interno excederam os 120 mil contos). Afirmou:

— Mas o encarecimento dos factores de produção, principalmente a enorme subida dos salários rurais, compromete os actuais sistemas de exploração da vinha no solo duriense que se apoiava em mão-de-obra abundante e barata. Com a carestia dos custos de produção e o retrocesso dos preços de venda dos vinhos de pasto nos ultimos anos, o lavrador duriense atingiu um insuportável depauperamento económico. E, em consequência da ausência de rendimentos e da falta de horizontes que a agricultura oferece, o campo continua a despovoar-se e a empobrecer.

Disse impor-se uma mecanização em termos realistas e eficientes, para fazer face, em condições económicas, á crise de mão-de-obra, estando já feitos, pelas entidades competentes, os necessários estudos e ensaios, requeridos pela Federação dos Vinicultores, com vista a abrir novos horizontes á futura agricultura duriense. Preconizou a criação de nucelos de mecanização constituídos por lavradores, para assim se obter uma utilização rendosa do equipamento e os menores custos de produção, dado que grande parte do Douro é região de pequena propriedade e de monocultura. E ponderou:

— Urge traçar os rumos a seguir no campo da mecanização das operações vitivinícolas do Douro, definir as bases do apoio técnico e financeiro, mentalizar e esclarecer os lavradores e, se necessário, legislar de acordo com as necessidades criadas pelas directrizes a seguir, para entrar abertamente nas realizações e alcançar a curto prazo um numero de objectivos bem determinados. A criação das infra-estruturas e meios necessários e, principalmente, a organização da motomecanização de grupos das pequenas e médias propriedades em moldes realistas, económicos e de bom rendimento, terá que passar a ser uma das tarefas de grande importancia na política agrária contemporeanea. Uma organização assente em nucleos de mecanização virá salvar o Douro da grande escassez e carestia de mão-de-obra, garantindo, assim, pela mecanização daquilo que for possível nas operações de cultivo e fabrico, o presente da vitivinicultura do Douro e a preparação do futuro.

Medidas que se reclamam

O sr. eng.º Virgílio Cruz, em face da urgência em concretizar soluções, pediu aos serviços oficiais para passarem a uma actuação rápida e eficiente, confiando-se á Casa do Douro as tarefas de organizar os serviços de mecanização da vitivinicultura duriense e de, á margem da sua actividade normal, pôr em funcionamento nucleos de estratégicamente localizados. Sublinhou que essa utilização exige mão-de-obra preparada, surgerindo a criação de um nucleo de formação profissional acelerada, a par de á Escola Agro-Industrial da Régua se concederem os meios necessários para a formação e aperfeiçoamento agrícola, especialmente orientada á vitivinícultura, a fim de atingir eficientemente os objectivos para que foi criada. E terminou:

— Na Região Demarcada do Douro vivem centenas de milhares de portugueses espalhados por 169 freguesias dos distritos de Vila Real, Bragança, Guarda e Viseu, todos carecendo de apoio do Governo pois só com ele conseguirão vencer a grande crise que atravessam. Para que a viticinícultura duriense sobreviva e depois prospera, há que enfrentar os seus problemas com firmeza e persistência. O da escassez de mão-de-obra é dos mais agudos. Por isso é necessário e urgente que as entidades oficiais procedam á indicação segura das máquinas e equipamento a utilizar e fa-

(Continua na 17.ª página)

Anouk Aimé, intérprete de «Um homem e uma mulher»

Anouk Aimee premiada com o «Globo de Oiro» pela sua interpretação em «Um homem e uma mulher»

HOLLYWOOD, 16 — (A. N. I.) — Paul Scofield e Anouk Aimee receberam o «Globo de Oiro», prémio atribuido pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood ao melhor actor dramático e á melhor actriz dramática de 1966. O actor inglês foi galardoado pelo seu desempenho no filme «Um homem para todas as estações» e Anouk Aimee pelo seu papel em «Um homem e uma mulher», actualmente em exibição em Lisboa, no cinema S. Jorge.

O filme «Um homem para todas as estações» recebeu também o «Globo de Oiro» destinado á melhor película dramática do ano e ao seu director, Fred Zinneman, foi entregue a estatueta destinada ao melhor ralizador.

As relações médico-doente têm de adaptar-se às realidades do nosso tempo

— afirmou o prof. Miller Guerra na Academia das Ciências de Lisboa

Sob a presidência do prof. Amorim Ferreira, efectuou-se hoje a reunião da classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, estando presentes muitos académicos, a fim de ouvirem uma comunicação do prof. Miller Guerra, catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, sobre «A deontologia ante o progresso das ciências médicas».

O ilustre professor começou por salientar que, como outros sectores da vida sócio-profissional, a Medicina sofreu nos ultimos decénios transformações profundas, provocadas por três factores: o científico-técnico, o político-económico e o sócio-psicológico. Os três são inseparáveis, pois embora o movimento seja impelido principalmente pelo progresso científico, este encadeia-se com os outros factores, de modo que se estabelecem relações e influências recíprocas dificilmente analisáveis por vezes.

Uma das consequências do novo condicionalismo observa-se no terreno da moral profissional, ou seja, da deontologia, conjunto de regras e normas de carácter ético que regem a prática médica desde tempos antigos. O encontro das novas ideias e estruturas científico-técnicas com os preceitos deontológicos, suscita dificuldades e até atritos, devidos á inadequação, transitória ou persistente, da realidade com as normas de conduta.

A título de exemplo, encarou três aspectos da Medicina contemporânea que se reflectem na deontologia: o segredo médico a questão posta á consciência e á lei ética pelas técnicas de reanimação (conceito de morte, legitimidade da transplantação de órgãos), e os aspectos médicos das práticas contraceptivas, deixando outras questões para a próxima comunicação (relações do médico com os serviços administrativos hospitalares, com os tribunais e com as instituições médico-sociais).

O prof. Miller Guerra concluiu a sua comunicação afirmando que a relação pessoal do médico com o doente, segundo os conceitos tradicionais, tem hoje de ser olhada sob um ângulo mais aberto que a situe dentro da sociedade moderna: embora mantendo o respeito pelas regras da prática médica que são herança do passado, é necessário adaptá-las ás novas realidades para que assim o indivíduo e a sociedade benef'ciem plenamente do assombroso progresso da Medicina.

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1870
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS,
UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Desperdiçar não é grandeza.
Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

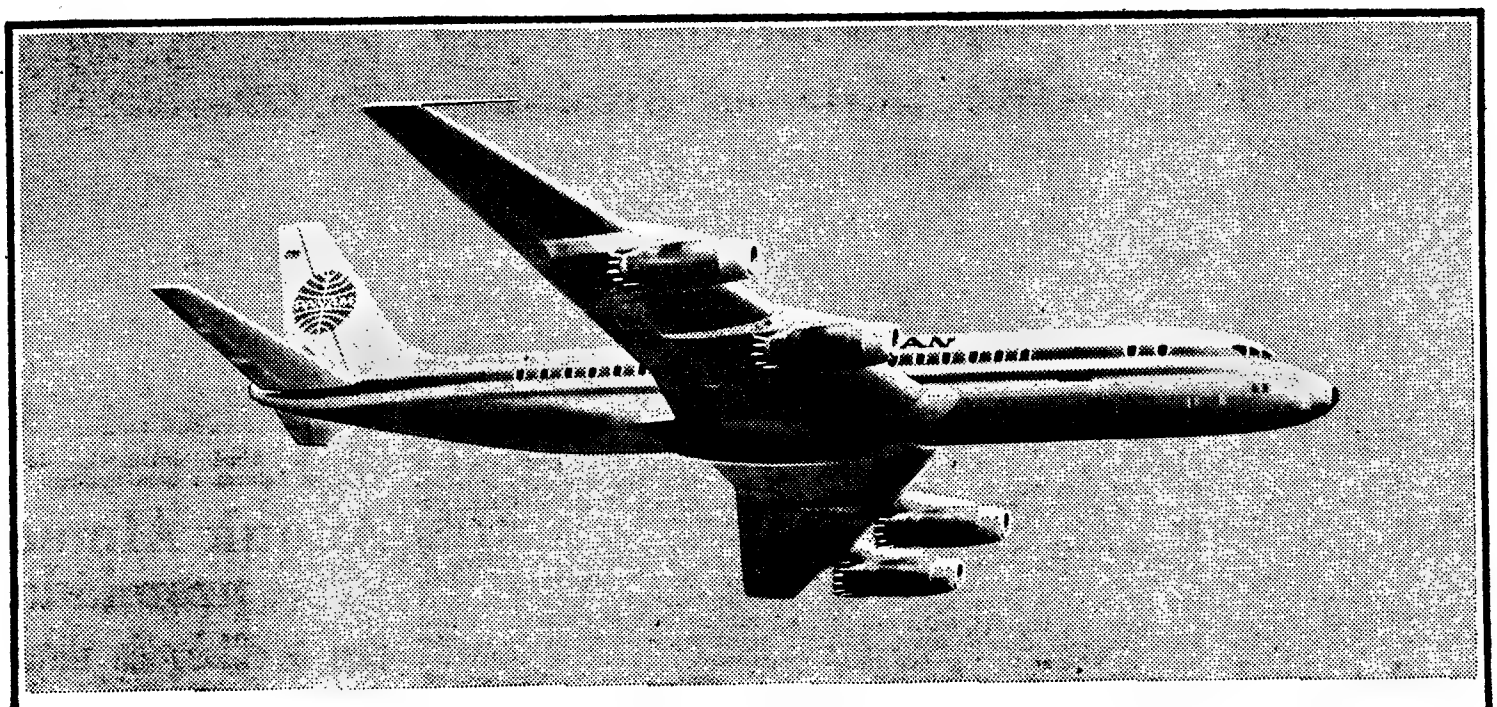
NA SAPATARIA
ZEBÚ
NÃO PAGA LUXO...
PAGA SÓ QUALIDADE
RUA DA ASSUNÇÃO, 51

ZEBÚ

ZEBÚ

NOS CAFÉS
BRASILEIRA

um novo e óptimo BACALHAU
6.ª-feira



Uma viagem à volta do mundo não custa uma fortuna nem leva uma vida inteira!

PAN AM

A sua viagem à Volta-do-Mundo nos gigantescos Clippers a Jacto da Pan American equivale ao preço de uma ida e volta ao exótico Japão. Custa tão pouco — apenas Esc. 37.555$00 * em classe económica — e pode ser paga com facilidades, utilizando o nosso plano de prestações.

Partindo de Lisboa para o Japão, terá a oportunidade de conhecer de perto as cidades fascinantes do Próximo e Médio Oriente como Istambul, Ankara, Beirute, Teerão, Karachi, Rangoon, Bangkok (com ligação para Timor) e Hong Kong (com ligação para Macau).

Regressando pelo Atlântico *sem qualquer aumento de preço*, visite S. Francisco e aprecie demoradamente outras cidades maravilhosas dos Estados Unidos, incluindo Nova York.

Terá assim a satisfação de ter dado a Volta-ao-Mundo GRATUITAMENTE com a Pan American — A Linha Aérea de Maior Experiência. A viagem pode ser feita em poucas semanas ou durar até 1 ano, se assim desejar.

A bordo espera-o um serviço atencioso e magníficas refeições servidas pelo Maxim's de Paris e acompanhadas por óptimos vinhos. Sentir-se-á feliz sabendo que escolheu o melhor.

Consulte o seu Agente de Viagens ou a Pan American, Praça dos Restauradores, 46. Serviços de Reservas 362591 (5 linhas).

A Linha Aérea de Maior Experiência no Mundo

PRIMEIRA SOBRE O ATLÂNTICO • **PRIMEIRA** SOBRE O PACÍFICO • **PRIMEIRA** NA AMÉRICA LATINA • **PRIMEIRA** À VOLTA DO MUNDO

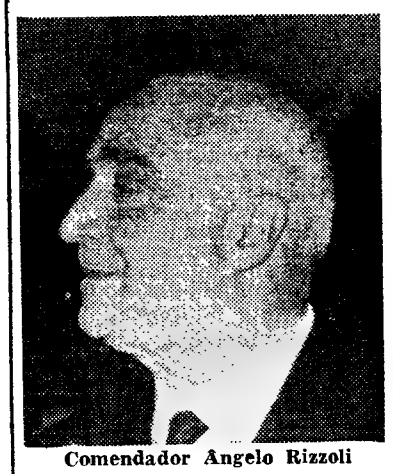
* *Não inclui a taxa de imposto de selo.*

Termina no dia 28

o prazo de entrega dos originais concorrentes ao Prémio Rizzoli de Publicidade

Termina no próximo dia 28 o prazo de entrega de originais concorrentes ao 5.º Prémio Europeu Rizzoli de Publicidade.

São aceites anuncios a preto e branco ou coloridos, publicados tanto na Imprensa diária como em revistas, durante o ano de 1966. As entidades concorrentes deverão enviar duas provas, em papel «couché», de cada anuncio, tratando-se da Imprensa diária, ou dois exemplares da publicação, tratando-se de revistas, juntamente com a data



Comendador Ângelo Rizzoli

de publicação e indicação dos respectivos veículos, para o Secretariado do Prémio — Via Civitavecchia, 102, Milão.

Os trabalhos serão apreciados por um júri internacional altamente qualificado, composto pelos srs. Julien Behagel (Bélgica); Borge G. Christensen (Dinamarca); Maurice Collet (Suíça); Miklos Csillag (Hungria); Sverre A. Daehli (Noruega); Harald Gutschow (Alemanha); Desmond B. O'Kennedy (Irlanda); Hayrettin Ozkul (Turquia); Manos B. Pavlides (Grécia); Mihailo Petrov (Jugoslávia); D. Salvador Pijoan Noguerola (Espanha); dr. José Maria Mesquita e Carmo (Portugal); F. Saalaste (Finlândia); Per A. Sjogren (Suécia); Paul Soisson (França); A. L. Summer (Inglaterra); Dino Villani (Itália); Carel Vorstelman (Holanda); Ricardo Ricas (secretário do Prémio).

O Prémio Europeu Rizzoli de Publicidade, instituído há cinco anos, destina-se a galardoar os melhores anuncios publicados na Imprensa europeia e goza hoje de um prestígio e de uma projecção ímpares no actual panorama publicitário.

A categoria internacional do certame é, por si própria, garantia de grande prestígio não só para as entidades concorrentes como para a sua representante entre nós, a organização Propagandas Belarte, que detém esta honrosa missão há cerca de quatro anos.

Tertúlia «Festa Brava»

No almoço de sábado da Tertulia «Festa Brava» será convidado de honra o cavaleiro tauromáquico Manuel Conde.

TERRENOS EM CASCAIS

PARA PRÉDIOS DE RENDIMENTO

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no próximo dia 25 do corrente, pelas 15 horas, procederá à venda, em hasta pública, de 3 lotes de terreno situados no Bairro da Assunção, junto da Avenida do Ultramar, em Cascais, com as áreas de 227.5 m2 cada, pelo preço base de licitação de 2.200$00 cada metro quadrado, e de um lote de terreno situado na Pampilheira, também em Cascais, com a área de 432 m2, pelo preço base de licitação de 700$00 cada metro quadrado, todos destinados à construção de prédios de rendimento com 6 fogos cada.

As condições de praça, anteprojectos e plantas encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis dentro das horas de expediente.

Cascais e Paços do Concelho, 13 de Fevereiro de 1967.

O Presidente da Câmara,
António Azevedo Coutinho

Ataque anfíbio americano a posições do Vietcong

SAIGÃO, 16. — (R.). — Um porta-voz militar disse que fuzileiros navais americanos apoiados por uma força da Sétima Esquadra desencadearam um ataque anfíbio contra posições do Vietcong nas terras baixas centrais, na província de Quang Ngai.

Os fuzileiros desembarcaram perto do porto de Sa Huynh, a 96 quilómetros a Sul da base de fuzileiros de Chu Lai.

O porta-voz disse que os objectivos dos assaltantes são fortificações e trincheiras do Vietcong.

O porta-voz disse que os fuzileiros, que desembarcaram ás 9 e 30, hora local, ainda não tinham estabelecido contacto com os guerrilheiros.

A operação tem o nome de código de «Dockhouse 6». A ultima operação da série «Dockhouse» foi um ataque anfíbio desencadeado o mês passado no delta do Mekong, a 88 quilómetros a Sul de Saigão.

PEDIDO DOS E. U. A. AO ADVERSÁRIO

Entretanto, os E. U. A. pediram ao Vietcong que ajude a encontrar a pista de dois prisioneiros americanos que os guerrilheiros afirmam ter libertado durante a trégua do Ano Novo Lunar.

Rádio Hanoi divulgou ontem o nome dos dois homens — o soldado Charles Crafts e o sargento Sam Womack — dizendo que eles tinham sido libertados no dia 7.

As autoridades militares americanas manifestam a sua preocupação pelo facto de os dois homens não terem ainda aparecido e pediram informações mais precisas sobre o local da libertação.

NOVE HELICÓPTEROS ABATIDOS NO DELTA

SAIGÃO, 16. — (A. N. I.). — Nove helicópteros americanos foram derrubados na batalha que há vinte e quatro horas está a travar-se no delta do Mekong entre tropas sul-vietnamianas e os «vietcongs» — anunciou um informador do Governo de Saigão.

BAIXAS DOS GUERRILHEIROS

SAIGÃO, 16. — (F. P.). — Foram mortos 250 «vietcongs» e aprisionados cinco, durante um violento combate ontem travado a 170 quilómetros a Sudoeste de Saigão, em pleno delta do Mekong.

As tropas governamentais estavam em acção desde a véspera. Os combates travaram-e, com o apoio da artilharia e da aviação, num sector de arrozais e de coqueiros.

As baixas, entre os governamentais, são consideradas «ligeiras».

A Arábia Saudita participou à O. N. U. que é alvo de ataques aéreos

NOVA YORK, 16 — (R.) — A Arábia Saudita avisou, a noite passada, as Nações Unidas de que a repetição dos ataque ao seu território, levados a efeito por aviões da Republica Árabe Unida, poderá provocar um conflito, envolvendo outros Estados do Médio e Próximo Oriente.

Jamil Baroody, delegado da Arábia Saudita, pediu ao secretário-geral U Thant que informe o Conselho de Segurança acerca dos ataques e utilize os seus bons ofícios para impedir novos ataques.

Contudo, Baroody não pediu a reunião do Conselho.

O delegado saudita, numa carta ao secretário-geral, acrescentou que o ultimo ataque ocorrera no dia 27 do mês passado, contra a cidade de Najran, a 80 quilómetros da fronteira saudito-Yemenita, tendo morrido dez pessoas.

DIA A DIA

O MERCADO COMUM

Segundo um perito qualificado, Jean Rey, vice-presidente da Comissão Executiva do Mercado Comum, na melhor das hipóteses serão precisos três anos para que a Grã-Bretanha fique em condições de entrar naquele organismo. As palavras de Rey, de nacionalidade francesa, dão a entender que, no exame exigente a que vão ser submetidos, os ingleses precisam de ter paciência e perseverança. Duas condições prévias considera ele imperativas para se alcançar o objectivo que, depois de ter sido dos conservadores e do seu chefe, Heath, é actualmente dos trabalhistas e do primeiro-ministro, Harold Wilson. A primeira será a aceitação dos acordos agrícolas que os Seis assinaram e a cujas exigências se submetem; a segunda será a aceitação das exigências financeiras que, implica o cumprimento daqueles acordos. Em resumo, para Jean Rey, que não deve desconhecer o pensamento e intenções do general de Gaulle, a Grã-Bretanha só entrará no Mercado Comum, como deseja, desde que renuncie a qualquer tratamento especial ou preferencial, que esperava tendo em conta a importancia e significação dessa entrada, a qual, a verificar-se, representa um acontecimento de significado histórico para aquele país e o continente europeu.

Os três anos previstos pelo categorizado perito francês seriam assim gastos: um ano para completar as negociações actualmente em curso, e conseguir a aprovação de todos os membros do Mercado Comum para a entrada da Grã-Bretanha; outro ano para discussões e ratificações parlamentares, exigidas pelas instituições políticas dos países do Mercado Comum, especialmente da França e Grã-Bretanha; finalmente o terceiro ano seria gasto em negociações com o executivo daquele organismo, as quais, provávelmente, serão também morosas e delicadas. Que serão, dentro de três anos, o Mercado Comum, a Grã-Bretanha e a Europa, é a grande incógnita com que legitimamente pode argumentar-se quando se prevê uma tal lentidão nas negociações.

EDWARD HEATH

Wilson regressa hoje a Londres

(Continuação da 1.ª pagina)

tempo na esperança de demorar por mais dois anos a entrada da Grã-Bretanha.

Segundo o «Daily Mail» (Conservador), o Governo federal aconselhou Wilson a «protelar, pelo menos por seis meses, qualquer tentativa no sentido de a Grã-Bretanha ser admitida no Mercado Comum». Os alemães — diz ainda o jornal — nada desejarão fazer antes do encontro marcado para Julho entre o presidente de Gaulle e o chanceler Kiesinger.

DE GAULLE CONTINUA A DETER A CHAVE DA SITUAÇÃO

BONN, 16 — (A. N. I.) — Ao princípio da tarde de hoje, o primeiro-ministro Harold Wilson regressa a Londres, depois de efectuar novas conversações com o chanceler Kiesinger e de dar uma conferência de Imprensa.

Entretanto, acentua-se em Bonn que a chave da porta do Euromercado continua na posse do presidente da França, pelo que, se o general de Gaulle não ceder, será muito pouco provável o ingresso inglês na Comunidade Económica Europeia.

MANIFESTAÇÃO EM BONN

BONN, 16 — (F. P.) — Cerca de vinte estudantes manifestaram-se ontem, diante da embaixada da Grã-Bretanha nesta capital, contra um eventual reconhecimento da linha Oder-Neisse pelo Governo inglês.

Em cartazes que levavam, os estudantes pediam o direito de autodeterminação para todos os alemães.

Recuo católico e socialista nas eleições holandesas

HAIA, 16. — (F. P. e R.). — Jovens eleitores, votando pela primeira vez, infligiram grandes perdas aos partidos católico e socialista, que têm governado a Holanda desde a segunda guerra mundial.

A maior surpresa na eleição geral de ontem foi o avanço sensacional do novo partido D 66 (Democracia 66), que obteve sete lugares na nova Camara Baixa.

Esse partido é a favor de uma reforma do sistema eleitoral holandês e pretende reduzir os actuais 13 partidos a um sistema de dois ou três, no estilo britanico.

Os católicos perderam nove dos seus 50 lugares na Camara e os socialistas seis dos seus 43

O Parlamento tem 150 lugares.

Calcula-se que os católicos tenham perdido cerca de 20 por cento do seu eleitorado nas principais cidades. As perdas trabalhistas nas grandes cidades foram calculadas em 14 por cento.

O partido dos agricultores, da ala direita, causou outra surpresa ao aumentar a sua representação de quatro para sete lugares.

O avanço dos pequenos partidos na votação de ontem, combinado com a recusa do primeiro-ministro cessante, Jelle Zijlstra, de voltar á política, pressagia a formação mais difícil de um Governo holandês desde o princípio do século.

Pela primeira vez na história parlamentar holandesa, os partidos religiosos cristãos, não poderão dispor de uma maioria na Camara. Dissipadas as suas esperanças de uma união cristã-democrática, segundo o modelo alemão ocidental, parecem agora obrigados a cooperar com partidos não religiosos.

O novo partido Democracia 66, dirigido por um jornalista de 35 anos, Hans Van Mierlo, e que se compõe de jovens dirigentes, tecnocratas e funcionários, conduziu a sua campanha tendo por tema a inadaptação dos velhos partidos, a neutralidade do Vietnam e uma conferência conjunta dos países da N. A. T. O. e do Pacto de Varsóvia.

O marechal Costa e Silva entregará a partidários da «linha dura» os ministérios militares

—prevêem jornais do Rio

RIO DE JANEIRO, 16 — (A. N. I.) — O Gabinete do presidente eleito Costa e Silva vai incluir oito elementos conservadores — anunciam «O Globo» e o «Jornal do Brasil», dois dos principais órgãos da Imprensa do Rio de Janeiro, que mencionam listas quase iguais dos ministros a nomear.

Os três ministérios militares, Guerra, Marinha e Força Aérea, serão ocupados por amigos pessoais de Costa e Silva, considerados partidários da «linha dura» — assim chamada pela importancia que atribui á segurança nacional, ao anticomunismo e á necessidade de fiscalizar a democracia brasileira. Indicam-se respectivamente o general Lira Tavares, o almirante Augusto Rademaker e o brigadeiro Márcio de Sousa e Melo.

O principal conselheiro de Costa e Silva, o coronel Mário Andreazza, é indigitado para ministro dos Transportes e dois coronéis do Exército. Jardas Passarinho e Costa Cavalcante, devem tornar-se ministros do Trabalho e Minas e da Energia, enquanto o general Afonso Lima ocupará o ministério dos Organismos Regionais.

A presidência do novo Gabinete pertencerá ao general Jaime Portela, que chefiou a comissão de inquérito ao papel do Partido Comunista nos Governos anteriores ao do presidente Castelo Branco.

O antigo governador do Estado de Minas Gerais, Magalhães Pinto, está também indigitado para chefiar um ministério no novo Governo.

EVADIU-SE NO CARRO DO DIRECTOR DA PRISÃO

RIO DE JANEIRO, 16 — (R.) — O preso Fernando Pereira fugiu da prisão no próprio carro do director. Escondeu-se no porta-bagagens para sair do ed fício e, quando o director deixou o carro á porta de sua casa, fugiu com ele, para parte incerta.

Pereira estava a cumprir uma pena de três anos, por roubo de automóveis.

Suharto poderá assumir a presidência dentro de semanas

DJAKARTA, 16 — (A. N. I.) — Tudo indica que o general Suharto assumirá interinamente a presidência da Indonésia logo que o congresso deponha Suharno o que se deve verificar dentro de poucas semanas.

O deputado muçulmano Djamaluddin Malik propôs ao Congresso que autorize Suharto a assumir a presidência até ás eleições gerais do próximo ano.

«Guarda vermelha» na Albânia

(Continuação da 1.ª página)

volucionário juvenil nos moldes dos «guardas vermelhos» da China.

O órgão do Partido Comunista albanês, «Zeri i Popullit», diz que os jovens revolucionários na região de Durres desencadearam uma ofensiva contra «superstições religiosas e ideológicas e costumes retrógrados».

O jornal acrescenta que os jovens estão a empregar «estribilhos, cartazes, caricaturas e jornais de parede até um ponto nunca observado antes no país».

Por seu lado, Rádio Tirana anunciou que um jornal de parede na cidade de Lezhe anunciava uma decisão tomada no sentido de transformar uma igreja num centro de cultura.

PORTO ANDRESEN

Mais de um século de reputação mundial

ANDRESEN
PORTO

• TERRA SANTA
• TÚLIPAS EM FLOR
• ESPANHA E FRANÇA
• LOURDES
4 EXCURSÕES
NA PÁSCOA
AGÊNCIA ABREU
FUNDADA EM 1840
LISBOA — Av. da Liberdade, 160
PORTO — Av. dos Aliados, 207
COIMBRA — R. da Sota, 2

HIDRO ELÉCTRICA DO CÁVADO

S. A. R. L.

Sede
Rua Sá da Bandeira, 567
PORTO

Capital: 1 100 000 Contos

Delegação
Av. Sidónio Pais, 14-1.º
LISBOA

17.ª EMISSÃO DE ACÇÕES

PARTE OFERECIDA À SUBSCRIÇÃO PÚBLICA: 10 000 ACÇÕES

RATEIO

Tendo-se verificado que a subscrição atingiu 14 675 acções, excedendo em mais de 46 % o total da emissão, houve que proceder a rateio, que conduziu ao resultado seguinte:

ACÇÕES SUBSCRITAS	ACÇÕES ATRIBUÍDAS
1 a 10	Todas
11 a 15	10
16 a 20	15
21 a 25	18
26 a 30	22
31 a 40	28
41 a 50	36
51 a 60	45
61 a 80	55
81 a 100	65
101 a 150	85
151 a 200	100
201 a 300	125
401 a 600	230

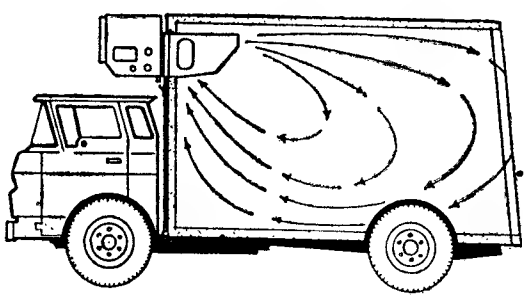
As percentagens médias atribuídas vão desde 90 %, nas subscrições de 11 a 15 acções, a 45 %, nas de 401 a 600.

Nestas condições, avisam-se os Senhores Subscritores de que, a partir do próximo dia 20, poderão receber as cautelas, bem como o excedente das importâncias depositadas no acto da subscrição, nos Estabelecimentos de Crédito onde aquela foi realizada, mediante a apresentação do respectivo documento de depósito.

Porto, 13 de Fevereiro de 1967

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

OS TRANSPORTES COM REFRIGERAÇÃO



ARTIC-KARGO

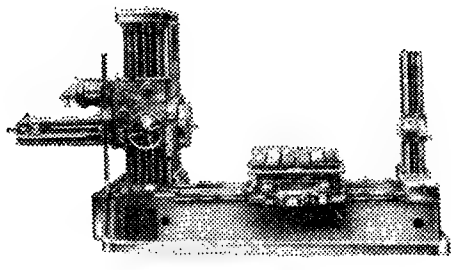
LEVAM ÀS POPULAÇÕES DISTANTES
O PEIXE, A CARNE E OS FRUTOS

FRESCOS COMO NA ORIGEM

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, LDA.
ROSSIO, 102-1.º — TELEF. 36 25 21

MÁQUINAS FERRAMENTAS DE QUALIDADE, MODERNAS E PRECISAS

«SKODA»



TORNOS — MANDRILADORAS — RECTIFICADORAS — FRESADORAS — MÁQUINAS DE FURAR — ESCATELADORES — PLAINAS-LIMADORES — MÁQUINAS DE AFIAR — SERRAS PARA METAIS — MÁQUINAS PARA CHAPA

EM ARMAZÉM, E DE UMA MANEIRA GERAL, TODAS AS MÁQUINAS PARA METALOMECÂNICA

MÁQUINAS DE PRECISÃO, S. A. R L.

LISBOA: R. DA BOAVISTA, 45-49, 1.º — L. DA ESTRELA, 3
PORTO: R. ST.ª CATARINA, 659

JACINTA BRIZ GARCIA

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

Maximo Gonzalez Briz, sua mulher Teresa Maria e filhos Jorge e Margarida; Eugénia Maria Gonzalez Briz Alvarez e seus filhos Eugénio e mulher, Maria Manuela, marido e filhos e Maria Isabel; Gregório Gonzalez Briz e suas filhas Maria Pilar e Ana Luisa; Maria Luisa Gonzalez Alvarez Rocheta, marido e filhas, Maria del Carmen Gonzalez Alvarez, Maria Eugénia Gonzalez Alvarez Alves Valadares, marido e filhos; German Gonzalez Alvarez, mulher e filhos, Maria Teresa Gonzalez Briz, participam que foi Deus servido chamar à sua Divina presença, no passado dia 11, a sua querida mãe, sogra, avó e bisavó.

Amanhã, dia 17, pelas 19.15 horas, no altar-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

EMÍLIA CÂNDIDA RÔMO

MISSA DO 30.º DIA

Emília Rômo da Rocha e Maria Graziela Rômo Marçal Serradas mandam celebrar missa por alma de sua saudosa mãe e tia amanhã, dia 17, ao meio-dia na igreja de S. José, Largo da Anunciada.

Maria do Pilar Forjaz

FALECEU

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

António José Pereira Forjaz Sua Mulher, Filhos e Parente têm o grande desgosto de participar o falecimento de sua querida Mãe, Avó e Parente, e que amanhã, pelas 19 horas, será rezada missa do 7.º dia na Igreja de S. Martinho, de Sintra, agradecendo muito a todos os que possam participar de tão piedoso acto.

Dona Belmira Rebelo Pereira

MISSA DO 30.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 17, pelas 12.30 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja Paroquial de S. Vicente de Fora.

Luís Guilherme Neto Kruss Gomes

MISSA DO 7.º DIA

S. A R. A Senhora Infanta D. Maria Adelaide, como Presidente da Fundação de Assistência D. Nuno Álvares Pereira, mandou rezar missa do 7.º dia, na Igreja dos Mártires, hoje, **quinta-feira, dia 16,** pelo **meio-dia,** por alma do **Sr. Luís Guilherme Neto Kruss Gomes,** pai da **sr.ª** D. Fernanda Kruse Gomes Remus, dedicada directora daquela Fundação.

Um Dostoievsky da juventude na Casa da Comédia

Fiódor Mikhailovitch Dostoievsky publica «Noites brancas» em 1848, dois anos depois do seu volume de estreia (que Nekrassov e Bielinsk tanto haviam apreciado). Em 1849, alinhavado «Nietotchka Nezvánov», a sua ligação com um grupo de jovens liberais vai valer-lhe a condenação á morte, oito meses de penitenciária e a comutação da pena em quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria; tudo tão rápido que o escritor ficará para sempre marcado por estes imponderáveis.

Obra da primeira fase, «Noites brancas» mostra-nos um Dostoievsky á beira do indizível. A sua transposição para o cinema, da responsabilidade de Lucchino Visconti, foi por isso mesmo uma empresa difícil. Que dizer agora desta adaptação cénica, forjada por Rachel Bastos e Norberto Barroca sobre a tradução de Maria Franco?

Aplaudir sem reservas seria demasiado. Diremos antes que as «Noites brancas» ontem revividas na Casa da Comédia possuem um cunho de dignidade iniludível, merecedora até de encómios — o nosso meio teatral, que todos sabemos paupérrimo, aceita bem as experiências dos «amadores» no verdadeiro sentido.

Mas a linguagem deste poema dramático sofre, por vezes, de um abaixamento de tom em relação ao texto original. Só a competência de Barroca, e, porque não, a adesão calorosa de Graça Lobo á figura de Nastenka, logram salvar *in extremis* os passos mais frágeis. Daí termos de louvar os intérpretes por oposição aos adaptadores. Uns e outros trabalharam afincadamente, mas com êxito desigual.

Barroca é credor de grandes elogios. Conhecíamo-lo do extinto Grupo Fernando Pessoa. No *diseur* escondia-se, afinal, um actor de primeiro plano, sensível e inteligente, senhor de uma sobriedade extraordinária. Os bons momentos da estreia de ontem têm quase sempre a sua assinatura. De Graça Lobo acrescentaremos que é um talento por aperfeiçoar. Presença eloquente, hesitações aqui e ali, sobretudo na movimentação. Mas ergueu-se a maior altura que os restantes intérpretes: Wladimir Franklin, Joaquim Cosme e Maria Ribeiro.

Excelente cenário (também de Norberto Barroca), sonoplastia agradável (de Fernando Pires), luminotecnia q. b., sem grandes rasgos. A Casa da Comédia tem espectáculo para muito tempo — se o publico acorrer como o espectáculo merece. Desde já o Fundo de Teatro apostou, e muito bem, neste jovem encenador. Gostaríamos que ambas as partes não ficassem por aqui. — *P.*

ASSEMBLEIA NACIONAL

(Continuação da página central)

cilitem a organização dos nucleos de mecanização, que se proceda á abertura de uma rede de malha apropriada de caminhos vicinais ligando as vinhas á rede rodoviária para permitir circulação das máquinas e o carrejo dos produtos por viação mecanica acelerada e económica, e que seja criado na Região Demarcada do Douro um Centro de Formação Profissional Acelerada para valorizar o trabalhador rural. São grandes as dificuldades da lavoura duriense que dia a dia vê reduzidos os seus efectivos de trabalho pelo abandono maciço da terra pela sua gente válida. Todos esperam que se ataque o problema frontalmente e confiam no apoio do Governo para definir e impulsionar as soluções necessárias.

Ainda no período de antes da ordem, usam da palavra os srs. drs. Valadão dos Santos, para tratar de assuntos de interesse para os portos dos Açores, e Santos Bessa, que focará problemas da saúde. Estão inscritos para intervir no debate da proposta de lei sobre o Regime Jurídico da Caça os srs. dr. Ferrão Castelo Branco e eng.º Melo Giraldes.

Hospital Termal das Caldas de Monchique

Um despacho do ministro das Obras Publicas diz que, encontrando-se concluído o edifício do Hospital Termal das Caldas de Monchique, deverá o mesmo ser entregue á Direcção-Geral da Fazenda Publica e simultâneamente cedido á comissão administrativa do estabelecimento termal daquela localidade.

Mercês honoríficas

Os srs. dr. César Moreira Baptista, almirante Henrique Tenreiro e dr. José de Sousa Barriga foram agraciados, os dois primeiros, com o grande oficialato de Cristo, e o terceiro com a comenda da mesma ordem.

Foram também agraciados: com a grã-cruz da Ordem do Infante e com a comenda da mesma ordem, respectivamente, os srs. drs. Baltasar Rebelo de Sousa e Carlos Trincão; e com a comenda do Mérito Industrial, a título póstumo, o eng.º Gilberto Freire dos Santos.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Jacinta Briz Garcia

Faleceu, no passado dia 11, a sr.ª D. Jacinta Briz Garcia, de 87 anos, viuva, natural de Santibañez de Bejar, Salamanca.

Amanhã, ás 19 e 15, no altar-mor da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, será rezada missa pelo seu eterno descanso.

Os serviços funebres estiveram a cargo da Agência Barata.

FUNERAIS

José Moléro Junior

ÉVORA, 16 — Da capela do Hospital da Misericórdia desta cidade, saiu para o cemitério local, com numeroso acompanhamento, o funeral do sr. José Moléro Junior, de 81 anos, viuvo, daqui natural. Era pai do sr. Manuel Moléro e sogro do sr. dr. Armando Carneiro.

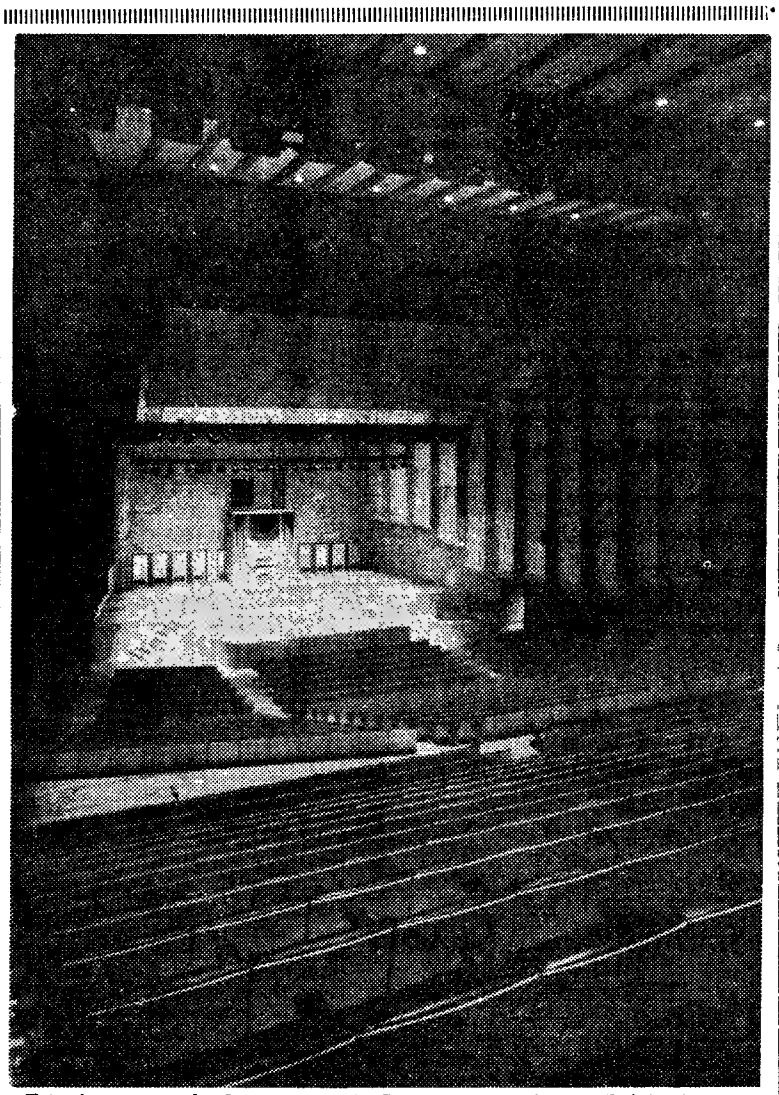
João Carlos Ramalho Casqueira

ÉVORA, 16 — Com grande acompanhamento, saiu da igreja da Misericórdia para o cemitério dos Remédios o funeral do sr. João Carlos Ramalho Casqueira, de 51 anos, natural de Arraiolos, funcionário da Brigada Técnica da XII Região Agrícola. Deixa viuva a sr.ª D. Inácia Rita dos Santos Casqueira; era pai do menino Francisco Ramalho Casqueira, e irmão do sr. António José Ramalho Casqueira.

SUFRAGIOS

D. Maria do Pilar Forjaz

Amanhã, ás 19 horas, na igreja de S. Martinho, de Sintra, celebra-se missa em sufrágio da alma da sr.ª D. Maria do Pilar Forjaz, no 7.º dia do seu falecimento. O piedoso acto é da iniciativa do filho da saudosa senhora, sr. António José Pereira Forjaz, e demais família.



Esta é a nova sala de concertos de Londres, denominada «Rainha Isabel», com uma lotação de 1100 lugares. Será inaugurada em Março deste ano

CRUZEIRO PARA 1967

Nos maravilhosos paquetes da LINEA "C,,

EM COLABORAÇÃO COM A KLM, SWISSAIR e VARIG

ATÉ 31 DE OUTUBRO
PODE ESCOLHER O SEU CRUZEIRO PARA:

AMÉRICA DO SUL
VISITANDO A
ILHA DA MADEIRA, BRASIL, URUGUAI e ARGENTINA

AMÉRICA CENTRAL E DO NORTE
VISITANDO A
VENEZUELA, MARTINICA, ILHAS VIRGENS, PORTO RICO e os E. U. A.

MEDITERRÂNEO
VISITANDO A
ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA e ÁUSTRIA

PAGAMENTO:
A PRONTO E A PRESTAÇÕES
PEÇA FOLHETOS E INFORMAÇÕES NAS AGÊNCIAS:

WAGON-LITS
AV. DA LIBERDADE, 103
TEL. 36 15 21

OREI ANTUNES
P. DUQUE DA TERCEIRA, 4
TEL. 32 22 71

OU À SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

†

D. MICAELA FIGUEIREDO FERREIRA

FALECEU

José Carlos Ferreira sua mulher Ana Amália de Sá e Mello Ferreira e filhos Carlos Miguel, Maria de Fátima e Francisco José, Margarida Figueiredo Santos, Marcelino Figueiredo Junior e sua mulher, Judite Augusta Ferreira, Tomás da Silva e filha Julia Ferreira da Silva e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua divina presença a sua muito querida mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e parente.

Amanhã ás dez horas será rezada missa de corpo presente na igreja S. João de Deus (capela A) realizando-se o funeral ás 12 horas para jazigo, no cemtério do Alto de S. João.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO

PUBLICAÇÕES

«SEARA NOVA»

A edição de Fevereiro corrente (n.º 1456), distribuída com impecável pontualidade, da revista de cultura e crítica «Seara Nova», abrange um amplo leque de colaborações de marcada oportunidade: «A Proposta de Lei de Meios para 1967», por Santos Paiva; «Das limitações ao movimento cooperativo português», por Blasco Hugo Fernandes; «Parques Infantis», por R. M.; «Acesso ao ensino», por S. Ferreira Ribeiro; «Trabalho, tempo livre e desporto», por Fernando Correia; «De Leste a Oeste — 1966: um balanço», por A. Barros, J. Sampaio, J. Santos e N. Brederode Santos; «Picasso, invasor vertical», por Lima de Freitas; «João Barreira, prosador-poeta simbolista», por Pedro da Silveira; críticas de livros por M. Cublán, de cinema por M. Machado da Luz e de treatro por Artur Ramos; «Manuel do Nascimento», por Manuel de Azevedo; «Diário Imperfeito», por Augusto Casimiro — e as habituais secções de Factos e Documentos, noticiário e notas diversas de oportunidade.

No fecho deste numero de «Seara Nova» prossegue Humberto Lopes a sua esclarecedora e objectiva análise do novo Código Civil.

«GUIAS DE CAMIONAGEM E DOS CAMINHOS DE FERRO»

Estão publicadas as edições de Fevereiro do «Guia Geral de Camionagem» e do «Guia Geral de Caminhos de Ferro». Este insere a partir deste mês um suplemento com horários de aviação internos e internacionais.

A casa editora—Tipografia Aliança, Ld.ª, da R. Passos Manuel, 134-1.º, Porto — permite a aquisição das duas publicações mediante o envio de 5$00 em selos para expediente e porte.

«Revista Bancária» — N.º 6 (Outubro-Dezembro 1960) — Do sumário: «Política monetária e financeira», por António Julio de Castro Fernandes; «Alguns aspectos da coordenação do crédito em Portugal», por Fausto J. A. Figueiredo; e «A cobertura bancária da Metrópole», por Xavier Pintado e Alves Serra.

Marinha de Guerra

COMODORO PINTO SOARES

O ministro da Marinha assinou um significativo louvor ao comodoro da administração naval Fernando Pinto Soares, a quem concedeu a medalha de ouro de Serviços Distintos, tendo em atenção a «inteligência, competência profissional, lealdade, espírito de cooperação, bom senso e dedicação com que serviu a Armada durante a sua notável e longa carreira, classificando-se os serviços prestados de muito importantes, distintos e relevantes».

O comodoro Pinto Soares deixa, por imperativo de saude, as funções de director do Serviço de Administração Naval.

VIDA MUSICAL

Concerto de piano em Setubal

O Círculo de Cultura Musical promove amanhã, em Setubal, no salão nobre da Camara Municipal, o seu segundo concerto da presente temporada, com a colaboração do grande pianista espanhol Rafael Orozoco, o qual, além de outros prémios, obteve o segundo no Concurso de Virtuosismo de Piano de Jaen.

GRANDE CAMPANHA DE TROCAS

FRIGORÍFICOS — TELEVISORES — RÁDIOS — GIRA-DISCOS — FOGÕES — PANELAS DE PRESSÃO — ESQUENTADORES
MÁQUINAS DE LAVAR — ASPIRADORES — ENCERADORAS E FERROS ELÉCTRICOS

GRANDE GAMA DE ARTIGOS ELECTRODOMÉSTICOS
GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO
VENDAS ATÉ 36 MESES

CASA J. F. RIBEIRO
RUA VITOR HUGO, 2-B — Telefs. 72 09 43 - 72 76 82 — (AREEIRO — Lisboa 1)

CONTINUA

A FESTA MINHOTA EM ALVALADE

SALDOS!!!
SALDOS!!!

Sedas, Algodões, Rendas, Tecidos, Confecções, Lanifícios, Camisaria, Fatos, Gabardines, Malhas, Colchas, Cobertores, Pano para lençóis, Marquisetes, Reps, Meias, Peugas, etc

Os verdadeiros! Os únicos! Milhares de contos de todo o nosso «stock», vendidos ao desbarato, por falta de espaço. Recebemos tudo directamente das Fábricas do Norte!

Um brinde a toda a nossa querida clientela!

Apareça e verá! Se não é cliente, ficará!

Não precisa comprar roupas usadas, com perigo de contágio! Americanas ou suecas, alemãs ou francesas.

OPAL FLORINHAS a	5$00
Popelines, linhos e sedas para vestidos a	12$50
Pano cru largo	5$00
Toalhas turcas a quilo	60$00
Retalhos para lençóis e vestidos, quilo a	40$00

COBERTORES COM DESCONTOS ATÉ 70 %

Cuecas em Nylon a	5$00

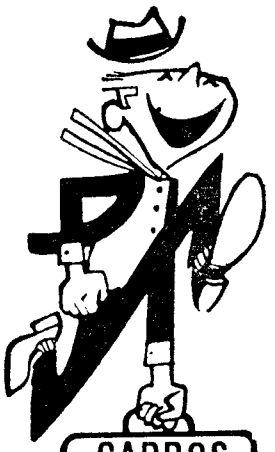
Vendemos Novo, ao preço das roupas usadas!

Defenda a nossa indústria!

Não se queixe da vida ao seu companheiro! Compre os Saldos dos Armazéns do Minho e poupa muito dinheiro!

ARMAZÉNS DO MINHO

RUA JOSÉ DURO — FRENTE AO MERCADO
ALVALADE — LISBOA-5
Telef. P. P. C 713476



CARROS USADOS

PROVENIENTES DE TROCAS

Taunus 20 H (de serviço) 1966
Taunus 12 M 1500 1965
Taunus 12 M 1964
Taunus 12 M 1963
Taunus 12 M Super 1961

e alguns carros de serviço

Facilita-se troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva, n 15 (Alvalade)

Ford

para a compra de um
TELEVISOR
de categoria

escolha a casa há 18 anos consagrada pelo público

aproveite a campanha comemorativa da inauguração de

ultraLar

PRAÇA DE LONDRES, 7-A e B LISBOA

MAIS UMA LOJA Bardo

BOAS MARCAS * MENORES PREÇOS * MAIORES FACILIDADES

fatos
confecções
mobílias
electro-domésticos
a prestações

ARMAZÉNS Cancela

Calçada do Combro, 21-23

TERRENOS EM CASCAIS
Bairro do Rosário

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no próximo dia 25 do corrente, pelas 15 horas, procederá à venda, em hasta pública, de um lote de terreno situado na Avenida Infante D. Henrique, no Bairro do Rosário, em Cascais, com a área de 1.396,5 m2, pelo preço base de licitação de 400$00 cada metro quadrado e destinado à construção de uma moradia obedecendo aos condicionamentos estabelecidos para as zonas HB do Plano de Urbanização da Costa do Sol.

Deste lote, dada a sua privilegiada situação, desfruta-se um belo panorama da baía de Cascais.

As condições de praça e planta encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis dentro das horas de expediente.

Cascais e Paços do Concelho 13 de Fevereiro de 1967.

O Presidente da Câmara,
António Azevedo Coutinho

TERRENOS EM CASCAIS

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no próximo dia 25 do corrente, pelas 15 horas, procederá à venda em hasta pública de 2 lotes de terreno situados no Bairro do Rosário, Zona Norte, na Rua D. Francisco de Almeida, com as áreas de 384 m2 cada, pelo preço base de licitação de 500$00 cada metro quadrado, destinado à construção de moradias obedecendo aos condicionamentos estabelecidos para as zonas HD do Plano de Urbanização da Costa do Sol e de um lote de terreno situado na Pampilheira, com a área de 280 m2, pelo preço base de licitação de 500$00, destinado à construção de uma moradia obedecendo aos condicionamentos estabelecidos para as zonas HE do Plano de Urbanização da Costa do Sol.

As condições de praça e planta de lotes encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis dentro das horas de expediente.

Cascais e Paços do Concelho, 13 de Fevereiro de 1967.

O Presidente da Câmara,

António Azevedo Coutinho

PRÉDIO

EM BELÉM

Construção em cimento armado, revestido a marmorite, entrada em mármore, composto de 9 inq. tendo cada habitação 3 casas soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa e hall. Rendimento 110.040$00. Preço 1 900 contos. Facilita-se parte.

«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5/6

GR. TERRENO NA AV. DA LIBERDADE, EM LISBOA, C/3 FRENTES P/ GR. CONSTRUÇÃO OU 3 IMÓVEIS INDEPENDENTES

LEILÃO

Por c/ e ordem dos respectivos proprietários, será posto em praça no **N/ ESCRITÓRIO, no dia 18 de Fevereiro próximo,** ás 14 horas, o imóvel em epígrafe, que se recomenda especialmente para **Banco ou Auto-Banco, cinema, hotel, auto-parque, sede de gr. empresa, edifício publico ou habitação, etc., etc.**

Av. da Liberdade, 119 a 125

c/ frentes também para a TV. DO SALITRE, 2-4 e PR. DA ALEGRIA, 61-63

MEDIDAS APROXIMADAS: Area 1000 m2; frente para a Av. da Liberdade, 20,41 mts.; para a Tv. do Salitre e Pr. da Alegria 50 mts.; Fundo 33 a 41 mts.

Está descrito s/ o n.º 4171 a fls. 14 do L.º B-5 da 7.ª Cons.ª do Registo Predial de Lisboa. **Todos os esclarecimentos, consulta de plantas, etc.,** terão lugar no n/ escritório, das 10 ás 13 horas, recomendando-se a confirmação das n/ informações nos respectivos organismos oficiais, a fim de que qualquer duvida não obste á licitação no acto da praça.

TRATA E PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES:

SOC. DE LEILÕES

Sede e escritório: **Av. Duque de Loulé, 1**
Telefs. 51478/532929/532446 — LISBOA

AFRA FILHOS, LDA.

Cie Gle TRANSATLANTIQUE
French Line

Para:

SOUTHAMPTON E LE HAVRE

Nos maravilhosos Paquetes

FLANDRES E ANTILLES

A 25 de Fevereiro, 14 de Março e 4 de Abril

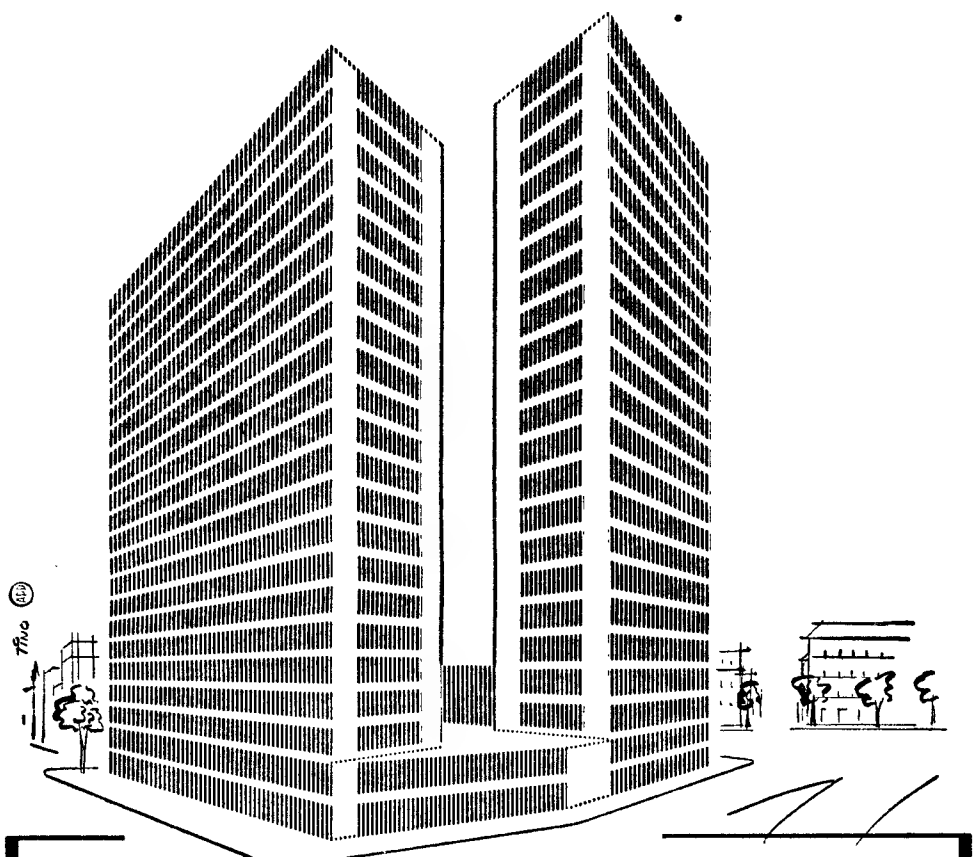
OS AGENTES GERAIS

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA. LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 — TEL. 322271/32255/361267

AGENTES PORTO
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE LDA.

Em BEJA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na PRAÇA DOS DUQUES, NA AGÊNCIA DE EDUARDO & ALVARO.

edifícios AVIZ



O MAIS IMPONENTE CONJUNTO
RESIDENCIAL E COMERCIAL DE LISBOA

- 21 pavimentos acima do solo
- Construção Anti-Sísmica
- Isolamentos térmicos e acústicos
- Independência total dos acessos
  ascensores diferenciados para os escritórios e para as habitações
- Acabamentos de harmonia com a imponência da construção
- Estacionamentos privativos
  10.000 m² de garagens

LOCALIZAÇÃO

☐ No centro geométrico da urbanização de Lisboa
Av. Fontes Pereira de Melo
Av. 5 de Outubro
R. Viriato
R. Tomás Ribeiro

☐ Fáceis ligações a todos os pontos da cidade
Metropolitano e Autocarros

Aberta a inscrição para a venda de escritórios e habitações em regime de PROPRIEDADE HORIZONTAL

Tecnical

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES, S.A.R.L.
R. Rodrigues Sampaio, 146 · 3.º · D.º
Telefone 53 51 11 - 53 51 14 - LISBOA

LEVERKUSEN, FIBRAS SINTÉTICAS

(Continuação da pagina central)

receu por completo. Temos, a nossos pés, Leverkusen. É, a perder de vista, o cenário do «Deserto Vermelho» de Antonioni. Não é sem um arrepio de solidão que contemplamos todo aquele imenso complexo fabril. A perspectiva que nos oferece o vigésimo quinto andar do arranha-céus da Bayer ficará para sempre em nossos olhos. Tudo, lá em baixo, é diminuto. Os homens são pontos. Os automóveis são mini-carros. As árvores (que as há...) parecem fósforos. Mas é precisamente essa insignificancia que nos esmaga. Ali está um mundo de pesquisa, de invenção, de produção — um mundo que passa o Reno, que transborda no horizonte, que se esfuma ao longe... A sua pormenorização, dada pela perspectiva, grava-se-nos na memória e nos olhos. Quando cerramos estes, a panorâmica mantém-se, nítida, recortada, geométrica, como que gravada no solo lá muito em baixo. É um mapa em relevo, cujos pontos e traços de quando em quando se deslocam. E há o rio, uma fita suja, que mais parece aço a correr vagarosamente...

De repente, damos com os olhos num jardim japonês. Também diminuto, demarcado todo: os lagos, as pontes, os arbustos... E' uma nota discordante (mas agradável) no cenário sombrio, funcional, matemático. Quem o mandou construir? Uma história sentimental: a mulher de um dirigente da empresa que um dia sentiu a solidão de Leverkusen. .

● Monika, Nandja e Marlène

Passagem de modelos.

Três jovens os apresentam: Monika, Nandja e Marlène. Tudo em «dralon» e outras fibras. Mini-saias. Cores de choque: amarelo e azul; rosa e branco; verde e amarelo; preto e branco; vermelho-bordéus e branco; verde e bege; roxo, preto e verde.

— Moda juvenil.

«Herr» Römmer, tradutor e intérprete, apresenta os modelos.

Nandja entra envergando um conjunto vermelho e verde.

Há logo uma pergunta:

— Homenagem a Portugal?

Risos.

— Pura coincidência!

Surge Monika, de amazona.

Franz Linden, imediatamente:

— O meu reino por um cavalo!

Boa disposição em todos os presentes.

Mini-saias e mini-«pullovers» sempre e sempre.

— A mini-saia vence na Alemanha?

— Vence. A mulher alemã tem pernas altas bem feitas, não se torna ridícula quando usa a mini-saia. Quem ficou a perder foi a empresa: as mini-saias, como é óbvio, levam menos «dralon»...

As jovens desfilam, aparecem e desaparecem, posam, contraem-se, descontraem-se..
Monika, preto e branco:
— Bom dia, tristeza!
Marlene, verde e vermelho:
— Esplendor na relva!
Nandja, amarelo:
— Dia de sol!

● A fibra do futuro feliz

Novamente em Colónia. No dia seguinte eu regressaria a Portugal. Era quinta-feira de Carnaval. O ambiente da cidade era outro. Esfusiante. Outra a disposição dos seus habitantes. As cervejarias estavam repletas. As ruas eram um mar de gente mascarada.

O hotel em que me encontrava instalado transformara-se num imenso baile. Havia corpos semi-nus, havia corpos fantasiados. Os beijos descaíam dos lábios para os ombros...

Fomos até um cinema — e por acaso, surgiu-nos no «écran» o homem do futuro. O homem que veste fibras, e canta e dança, e arrasta atrás de si toda uma cidade para as alegrias e felicidade da técnica e ciência futuras. E foi assim mal a luz na sala se apagou ..

Quanto mais o elevador descia, mais alto o homem assobiava. Vestia um fato de fibra sintética, sem uma ruga, com reflexos. Tão depressa era azul, como roxo ou castanho. A gravata era uma tira de tom mais escuro, ultrapassava a fivela metálica do cinto... Quando o ascensor se deteve no patamar, e a porta se abriu o homem, muito alto, bateu o tacão no mosaico simétrico, o assobio sempre nos lábios. Ritmava todos os seus gestos, estalava os dedos, tinha luz nos olhos.

«Chove!» Fora a rua era macadame molhado. Acendiam-se, no alto, reclames azuis, verdes e vermelhos — e o «néon» espelhava-se na água dos passeios. A artéria, numa perspectiva longa, afunilada, assemelhava-se a duas linhas que, convergindo, sòmente pareciam tocar-se lá no extremo .. O homem, sem que o fato acusasse o efeito da água, ganhou a rua pelo meio, desprezando os passeios. Os transeuntes, abrigados á porta dos estabelecimentos, sob os toldos, olhavam-no, incrédulos. Em todos havia a mesma pergunta, o mesmo juízo: «Como era possível?».

Dir-se-ia que o assobio ritmava a chuva. Eram cordas frágeis, mas persistentes, tocadas pela cor do «néon». O homem, os sapatos muito lustrosos, batia o macadame com os tacões. Abandonou, repentino, o assobio — e era só aquele bater certo, rico, sonoro. Era um «tac-tac-tac» que ritmava todos os corações e fazia com que as mãos dos circunstantes se erguessem e batessem umas nas outras. O homem, a chuva multicor nos cabelos, não aparentava o mínimo cansaço. Descrevia ziguezagues, uma geometria variada sempre dentro do mesmo ritmo, do mesmo «tac-tac-tac»

Outra vez o assobio. Os transeuntes deixaram de bater palmas. O homem ritmava-se intimamente — e, súbito, simétrico tirou um par de patins dos bolsos do casaco. Eis-lo de rodas nos pés. Uma curva, uma circunferência, uma curva .. Subito — detém-se no macadame. Bate com os pés: «tac-tac-tac». As mãos dos circunstantes irrompem em palmas síncronas, certas, sonoras. O «néon» alterna-se e a chuva cai.

O homem do fato sintético esboça, dançando, um gesto de convite — e ei-lo, no entanto, que permanece só. A chuva constante isola-o dos transeuntes. Mas ele teima: quem, quem, quem (tac, tac, tac), vem, vem, vem (tac, tac, tac), dan dan, dan (tac tac, tac), car, car, car? Quem vem dançar? Tac-tac-tac! Tac-tac-tac!

Tac! Uma rapariga, de impermeável sintético rompe as cordas da chuva. Os saltos batem no macadame, o «néon» alterna as cores — e os dois descrevem curva, circunferência, curva... Vão e vêm. Outros pares se formam, e, sob a chuva num instante, toda a longa rua se movimenta. É agora um ritmo surdo, dezenas, centenas, milhares de pessoas — e o homem do fato sintético de patins nos pés, segue á frente da multidão que cresce e cresce, assobiando sonoro como quem desenha barcos na atmosfera húmida .. — *P. A.*

EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS
Alvara do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL para
ADMISSÃO INSTITUTOS INDUSTRIAL COMERCIAL
INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56 1.º Esq — Telef 536380

PRÉDIO A 6,5%

JUNTO À MARQUÊS DE FRONTEIRA

Grande volume, com 35 inquilinos, construção em cimento armado, tendo cada habitação 3 casas soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa e hall. Rendas de 1.110$00. Todo alugado. Rendimento 444.960$00. Isento 6 anos. Preço 6.850 contos. Facilita-se parte.

«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5/6

DESPORTOS

A magnífica exibição do Inter merecia mais que 1-0 sobre o Real

MILÃO, 16 *(Especial para o «Diário de Lisboa»)* — Lado a lado, a passo, iguais na entrada em campo, as equipas do Inter de Milão e do Real Madrid deram, desde logo, uma sugestão de empate neste desafio da primeira «mão» dos quartos-de-final da 12.ª Taça dos Campeões Europeus de Futebol, ontem jogada em Milão, no Estádio de S. Ciro.

O encontro, porém, haveria de terminar com a vitória da equipa italiana, por 1-0, resultado longe de corresponder á verdade do jogo e á manifesta superioridade global da turma do famoso treinador Heleno Herrera.

Façamos o comentário sincronizado da importante partida, jogada sob intenso frio, de temperatura ligeiramente positiva (dois dias antes fora, até negativa).

Pela disposição dos jogadores no terreno, ambas as equipas manifestaram imediatamente ideias defensivas. Mesmo jogando no seu terreno, o Inter não abdicou do seu célebre «catenaccio», entregando ao «capitão» Picchi a função de «líbero» atrás da cortina formada por Burgnich, Bedin Guarneri e Fachetti.

Por seu turno, os espanhóis surgiram, igualmente, adoptando um sistema de «ferrolho» diante da baliza de Betancourt (que substituiu Araquistain, magoado), recorrendo, também, á fixação de um jogador livre, que foi Colpe, a proteger a linha constituída por Sanchis, Pirri, De Filipe e Zoco.

JOGO EM MILÃO PARA OS QUARTOS DE FINAL (1.ª MÃO) DA TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

Através destas citações se pode imaginar o grau de preocupações que dominavam os técnicos, mostrando, mais tarde, os homens do Real bastante maiores cautelas, ao reforçarem aquele sector com o recuo de Grosso, deixando, por vezes, sómente a Amancio e Gento a missão de bater a defesa dos italianos. Impossível, como se verificaria no final.

Os primeiros minutos do desafio foram confusos. Aos poucos, os espanhóis acabaram por se mostrar com sistema de jogo mais clássico, mais colectivo, de uma ponta a outra da equipa. Os milaneses, sendo fortes no colectivismo defensivo, sempre que passavam ao ataque faziam-no caracteristicamente á base do lance de surpresa, vulgo, contra-ataque.

Ao quarto de hora de jogo já se podia vaticinar certo favoritismo ao Inter. Por duas ou três vezes Mazzola e Cappelini (um jovem que é o actual menino bonito dos «tifosi») tinham invadido a grande área do Real, mas a defesa espanhola, em bloco certo, unido e generoso, evitava com galhardia as iniciativas dos transalpinos.

Um tiro de Amancio, que embateu na barra, e cuja recarga o guarda-redes Sarti defendeu, aos 23 m., afirma que os madridistas nunca deixaram de pensar no ataque, mas a insistência do Inter em massacrar o seu meio-terreno fá-los-ia renunciar, praticamente, ás avançadas com organização.

Ao intervalo já o Inter merecia estar a vencer. O zero a zero era imerecido para os espanhóis e significava 45 minutos de luta viva, renhida e, até, com certa emoção.

A segunda parte, porém, desfez totalmente o aparente equilíbrio de forças do primeiro tempo. A turma italiana entrou a jogar fulgurantemente, impetuosamente mesmo, remetendo os espanhóis a porfiada defensiva, mas criando sérios problemas de infiltração pela floresta de pernas e corpos povoando a grande-área e imediações, dos actuais campeões europeus.

Contudo, a insistência dos italianos frutificou, aos 9 m. Na sequência de um «livre», marcado por Mazzola e superiormente concluído por Cappelini, de cabeça. Prova-se a dificuldade de penetração em jogada corrida ..

Houve luta depois, mas por breve espaço de tempo. Aos 15 minutos, era notório o abrandamento, ficando a duvida qual terá sido a origem. Quis o Inter defender a magra vantagem ou procuravam os espanhóis anulá-la? Cremos que a primeira é a hipótese mais aceitável, porque, aos 25 minutos, os italianos estavam senhores absolutos da situação, dominavam amplamente as operações, e os espanhóis não conseguiam entrar na área dominada por Picchi.

O esforço do Real, por volta da meia hora, para contrariar a supremacia do Inter só proporcionou subida de interesse pela contenda, oferecendo, então, as duas equipas, um belo espectáculo de luta viril, generosa e entusiástica, onde, mesmo assim, os italianos continuaram a mandar e onde, então, a sua defesa se portou de maneira admirável, retribuindo, desse modo, o esforço anterior dos atacantes em enfraquecer, minuto a minuto, a força da retaguarda espanhola para que o ataque ficasse sem apoio válido.

Naturalmente, os ultimos dez minutos do desafio arrastaram-se sem lances de continuidade técnico-táctica, salvo da monotonia por uma ou outra jogada envolvente.

A vitória do Inter não tem discussão. Foi sempre a melhor equipa no terreno, dominadora, lucida e inteligente. A defesa, a princípio, acusou certa excitação, embaraçada pelas mutações de posições dos dianteiros espanhóis. A sua supremacia territorial foi clara, mas revelou falta de rotina para jogar franca e declaradamente ao ataque, exibindo carência de afinação de movimentos colectivos na frente e mostrando hábitos de contra-ataque apoiados em 1-2 jogadores em rápida invasão do terreno adversário. Pensamos que só por isto a sua vitória não foi além de um golo.

Quanto ao Real Madrid, nunca deixou de mostrar que jogava em S. Ciro sob preconcebidas cautelas, sempre preocupado em ter mais homens no seu meio-campo que o adversário, perfilhando a táctica italiana do contra-ataque, por intermédio de Amancio e Gento. Queimou aqui a sua capacidade ofensiva, por esgotamento do primeiro a meio da segunda parte, e por manifesta carência de recursos do veterano «capitão» da equipa.

O recurso a demorar as reposições da bola em jogo prova, claramente, que o resultado lhe satisfazia, por certo pensando ultrapassá-lo, no dia 1 de Março, no Estádio de Chamartin. Recorde-se, no entanto, que, na época passada («meias-finais») conseguiu empatar em S. Ciro, depois de ter ganho, também por 1-0, em Madrid. Pode ser que o Inter pague na mesma moeda...

Como apreciação final, anotem-se as melhores exibições de Burgnich, Bedin, Mazzola e Cappelini, entre os italianos; Calpe, Pirri, De Filipe e Félix Ruiz, entre os espanhóis.

Excelente trabalho do árbitro hungaro, quer no aspecto técnico, quer no disciplinar. Oportuno nas intervenções, esquece-se fácilmente um ou outro pequeno erro.

•

Registo do encontro:

Arbitro — Szolt (Hungria).

INTER — Sarti: Burgnich, Guarneri, Picchi e Fachetti; Bedin e Suarez; Jair, Cappelini, Mazzola e Domenghini.

REAL MADRID — Bettancourt; Sanchis, De Filipe, Calpe e Zoco; Pirri e Velasquez: Amancio, Félix Ruiz, Grosso e Gento.

Golo: Aos 54 minutos, por Cappelini, de cabeça, na sequência de um «livre» marcado por Mazzola, do lado direito do ataque italiano.

NASCERÃO EM SÁ DA BANDEIRA OS «SPRINGBOKS» PORTUGUESES?

O facto de estar actualmente radicado, em Sá da Bandeira, o dr. Américo Caetano Nunes, fundador e impulsionador do Grupo Desportivo de Direito, elemento conhecido pela sua dedicação e conhecimentos do desporto da bola oval, veio trazer esperanças em que, num futuro mais ou menos próximo, os rapazes de Sá da Bandeira formem uma boa equipa de râguebi.

O mestre é dos mais competentes que há no nosso râguebi, mas precisa, naturalmente, de ser auxiliado no seu trabalho com o envio de material didáctico e ajuda financeira para o estabelecimento da modalidade no planalto angolano. Para já tem um elemento que o poderá ajudar, o dr. Álvaro Lara, antigo «três-quartos ponta», de Direito. Mais tarde terá o auxílio da Federação Portuguesa de Râguebi cujo presidente, dr. António Celeste, vai enviar para o «Tchinveliro Clube» de Sá da Bandeira cem livros de regras, logo que estes sejam editados.

Compete, agora, ao inspector da modalidade, dr. João Atayde, antigo discípulo do dr. Caetano Nunes, fornecer através do Fundo de Fomento Desportivo filmes didácticos, que facilitem a assimilação do «espírito do jogo» por parte dos cinquenta rapazes (actualmente), desvendando os segredos do râguebi.

As condições meteorológicas e climatéricas em Angola são excelentes, pois a temperatura média é semelhante á de Abril na Metrópole, óptimas, portanto para a prática dos desportos.

O índice físico dos rapazes de Sá da Bandeira, que o dr. Caetano Nunes conseguiu já captar, é muito bom. Segundo soubemos têm uma média de 1,75 metro de altura, com pesos á volta de 80 quilos e são, quase todos, longilíneos. Reunem, portanto, condições físicas excelentes para a prática da modalidade. Dada a proximidade da África do Sul poderá nascer, em Sá da Bandeira, um tipo de raguebista semelhante aos famosos «Springooks» da União Sul-Africana. Nisso cremos, firmemente, pois a persistência, a tenacidade e o ânimo inquebrantável são qualidades básicas do treinador dos rapazes do «Tchinveliro» de Sá da Bandeira e se os pupilos o ajudarem o râguebi será uma realidade em Angola.

VOLEIBOL

O Técnico terminou a primeira volta do campeonato regional sem ter perdido um «sete»

Terminou a 1.ª volta do Campeonato Regional da I Divisão, de voleibol, de seniores, tendo o Técnico averbado a dupla proeza de guia invicto e de nem um «set» ter perdido.

Os «engenheiros», que na época passada venceram todas as provas regionais e conquistaram também o Campeonato Nacional, cuidaram com afinco da sua preparação técnico-física, já que, além das provas nacionais, lhes cabia participar na Taça dos Campeões Europeus.

Nos primeiros jogos do calendário regional, realizados pelo Técnico, dada a inferioridade estrutural das equipas que lhe coube defrontar, não veio ao de cima a sua melhor valia. Entretanto, em menos de dez dias teve que jogar com o Lisboa Ginásio e com o Benfica e, entre estes dois jogos, efectuou também a 1.ª mão, dos oitavos de final, da Taça dos Campeões Europeus, com o Hispano Francês, de Barcelona.

A lesão do seu excelente rematador Carlos Poppe no 1.º «set» deste encontro, se deve, em parte, o menor êxito no final de cada um dos «sets».

O Lisboa Ginásio, esta época privado do concurso de José Borges, Vilar Moreira e de Jaime Duarte, apresentou nova formação, orientada pelo professor Moniz Pereira. Justifica-se, por aquele motivo, a sua menor eficiência neste início de época. Aguarda-se, porém, a sua breve eficiência.

O Benfica, que na época transacta, em constante progressão técnico-física, logrou vencer, pela primeira vez, a Taça de Portugal, continua a ser o difícil antagonista dos guias da classificação e mais apto a discutir o desfecho da prova.

Porém, o serviço militar tem-lhe impedido a colaboração assídua de alguns elementos de valor.

O Nacional de Ginástica continua na sua faceta de assinalável dedicação á modalidade e é sempre adversário difícil de vencer.

As equipas do Belenenses, do C. I. F. e do Dramático de Cascais, continuam, dentro das suas possibilidades, a manifestar a sua melhor dedicação á modalidade, dentro do seu mais puro amadorismo, lema de todos os voleibolistas.

Prevêem-se para a segunda volta, além do despique Técnico-Benfica, pelo título, ligeiras alterações na classificação das restantes equipas.

A classificação geral, ao fim da 1.ª volta é a seguinte:

	J.	V.	D.	S.	P.
Técnico	6	6	—	18-0	12
Benfica	6	5	1	15-6	11
L. Ginásio	6	4	2	14-7	10
Nac. Ginástica	6	3	3	18-10	9
Belenenses	6	2	4	8-12	8
C. I. F.	6	1	5	3-17	7
Cascais	6	—	6	3-18	6

Rui Cunha será o novo presidente da C. Central de Árbitros

Está finalmente resolvida a «crise» da arbitragem do voleibol ocasionada pela demissão do seu elenco directivo, em Setembro ultimo.

O antigo praticante e árbitro Rui Cunha, que representou o Nacional de Ginástica e o Benfica, aceitou o convite e apetrechou-se a sua breve posse, para a normalidade directiva daquele organismo.

O C. I. F. COMEÇOU A 2.ª VOLTA COM UMA VITÓRIA

A contar para a primeira jornada, segunda volta, do Campeonato Regional de voleibol, de seniores, realizou-se ontem, á noite, na Escola Josefa de Óbidos, o jogo C. I. F.-D. de Cascais.

Ganhou o C. I. F., por 3-1 (11-15, 18-16, 15-13, 15-12). Sob a arbitragem de Alberto de Sousa e José Veiga, alinharam: C. I. F. — Fernando Caldeira, Rui Marcelino, Luís Reiis, Vítor Melo, Fernando Guterres, Lyon de Castro e Madeira Correia. DRAM. CASCAIS — José Paiva, Artur Rebelo, Jorge Couto, António Filipe, João Silveira e Francisco Amaral.

Todos os «sets» foram disputados com o maior entusiasmo por ambas as equipas e o Dramático de Cascais, que logrou, com mérito, vencer o primeiro jogo, nos seguintes, mercê da sua apreciável aplicação, sómente nos desfechos, de cada um deles, cedeu a vantagem aos cifistas.

A primeira jornada termina amanhã, com os jogos Nacional de Ginástica-Lisboa Ginásio, no Liceu de Oeiras, e Belenenses Benfica, na Escola Ferreira Borges.

Para quando a posse dos novos corpos gerentes da A. V. L.

Conforme oportunamente noticiámos, por imposisbilidade de alguns

(Continua na página seguinte)

HOJE À NOITE

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — 26.º Campeonato Nacional de Ténis de Mesa (distrito de Lisboa), 1.ª categoria: Guérin-Sorefame, F. N. P. Trigos-Comp. Carris, Móveis Olaio-F. C. Regina e Simca-Lisgás, nas mesas dos primeiros, ás 21 e 15.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da III Divisão: Ateneu-Alunos de Apolo, Carnide-Santa Engrácia e Fac. Ciências-Desp. Santos, nos recintos dos primeiros, ás 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa (equipas), 2.ª jornada — 1.ª Divisão: R. Janeiro-Intendente, Sporting-Belenenses, Ávila-Benfica e C. Católico-F. C. Lisboa; 2.ª Divisão: G. I. P. Amoreira-Arroios, P. de Arcos-Ateneu, Arte e Sport-Armadorense e S. L. Amoreiras-A. A. Amadora; 3.ª Divisão: Bela Vista-S. L. Águias, Operário-Ferroviário, Lisgás-Desp. Operário e Mirantense-Combatentes. Todos os encontros, em 1.ª categoria, nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Torneio Início, II Divisão, seniores: C. F. Benfica-F. Ciências e Colégio Militar-Sintrense, nos recintos dos primeiros, ás 21 e 45.

ASSEMBLEIAS GERAIS — Do Casa Pia A. C., para apreciação e discussão de novos estatutos, ás 20 e 30.

ACTOS DE POSSE — Dos colaboradores do futebol profissional do Belenenses, na secretaria do clube, ás 18 e 15.

A F. P. F. castiga

Na sua reunião de ontem, o Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, decidiu aplicar os seguintes castigos:

I DIVISÃO — **Três jogos** — Carlos Adriano dos Santos, do Sporting, por agressão a um adversário; **repreensão por escrito** — Valdemar de Barros Pacheco, F. C. Porto, por atitudes praticadas com o fim de retardar o andamento do jogo.

II DIVISÃO — **Três jogos** — José Armando Figueira Santos, G. D. Peniche, por agressão a um adversário; Lino Augusto Sampaio Filipe, C. D. Montijo, por agressão a um adversário; **um jogo** — Alípio de Pinho Pinhal, Leça F. C., por ameaças de agressão a um adversário; Luís Filipe Coelho, Encarnação Higino, Sintrense, por ameaças de agressão a um adversário.

A CLUBES — **Multa de 1300$00** — Ao Futebol Clube Famalicão, por agressão a um elemento da equipa de arbitragem; **multa de 250$00** — Ao Grupo Desportivo de Peniche, por arremesso de objectos sem molestar os componentes em campo.

SPORTING
EM S. JOÃO DA MADEIRA
DIAS 18 E 19 DE FEVEREIRO
1.ª partida: sábado às 7 h. com dormida no Porto — 120$00
2.ª partida: sábado às 14.30 h. fazendo um lindo passeio pelo Vale do Vouga — 120$00
3.ª partida: domingo às 6 h. directa — 100$00
TURISMO LUSANOVA
AVENIDA JOÃO XXI, 9-A
LARGO MARTIM MONIZ, 5-A
Telefs. 726115-862194-726116

No CACÉM o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO.

O I «Rallye» dos Jornalistas — um acontecimento inédito

Os jornalistas vão ter, finalmente, o seu «rallye». Mais do que uma mera prova automobilística, ele representará, sobretudo, uma oportunidade de convivência, em sã camaradagem, da grande família da Informação.

Organizado pela Casa da Imprensa, com o patrocínio do Sindicato Nacional dos Jornalistas, o «Rallye» dos Jornalistas realizar-se-á no dia 1 de Maio, cabendo a organização técnica da prova ao Automóvel Clube de Portugal que, muito amàvelmente, se prontificou a fornecer toda a assistência à iniciativa

As inscrições, cujo produto reverte para a Casa da Imprensa, serão apresentadas nesta última, logo que se encontrem estabelecidos o regulamento, percurso e prémios da prova, sendo o seu custo de 50$00. Sublinhe-se, contudo, desde já, que este «Rallye» não faz parte de qualquer calendário desportivo, nem conta para qualquer campeonato, pelo que não exigirá especial «bagagem» técnica, não se prevendo que o desgaste das viaturas seja superior ao de um pacato passeio aos arredores...

Além dos profissionais da imprensa diária e desportiva ou especializada, serão aceites as inscrições dos elementos da Rádio, TV, Teatro e Cinema que desejem participar no «Rallye» e no almoço de confraternização que, após ele, está previsto, com a participação de todos os concorrentes.

O «Rallye» Arte e Sport disputa-se em 12 de Março

Começou a ser distribuído por todo o País o regulamento do «Rallye Arte e Sport», a realizar em 12 de Março. Como primeira prova do Critério de Iniciados de 1967, é reservada a automobilistas que nunca tenham tomado parte em «rallyes» de primeira categoria, sendo, portanto, de prever que o número de inscritos nesta prova atinja um «record», dado os inúmeros pedidos de inscrição já de posse da secção de automobilismo do Arte e Sport.

Prova destinada a fomentar o desporto automóvel, especialmente entre a juventude, o «Rallye Arte e Sport» terá início e fim no Parque do Estoril, durante a manhã de 12 de Março, sendo os prémios distribuídos no mesmo dia, no Casino do Estoril.

Prepara-se a XVIII Volta a Portugal em automóvel

A XVIII Volta a Portugal em automóvel, prova com o mais elevado coeficiente do Campeonato Nacional de «Rallyes», está a ser cuidadosamente preparada pelo Clube 100 à Hora e respectiva Comissão Desportiva

A organização com a colaboração da Junta de Turismo da Costa do Sol, fará revestir a partida para a Volta do maior sensacionalismo.

A verificação técnica, prevista para ser iniciada às 10 horas do dia 2 de Março, far-se-á no Estoril, que, para o efeito se encontrará embandeirado com um ar festivo. Após a verificação, os carros entrarão em parque fechado até às 18 horas, permanecendo dentro do recinto privativo, parque fronteiro à Junta do Turismo da Costa do Sol, funcionando nessa Junta o secretariado da XVIII Volta a Portugal.

Numa das vitrinas da sede da Junta de Turismo, serão também expostas as taças e prémios particulares a disputar. Proporcionar-se-á aí um bom convívio entre concorrentes, condutores, comissários desportivos, público e convidados.

Às 18 horas, os concorrentes e comissários, partirão em desfile para Lisboa, após terem dado uma volta de honra ao parque do Estoril. Os carros chegarão ao Campo Pequeno e aí continuarão em parque fechado, até às 22 horas, hora a que será dada a partida para a 1.ª etapa.

Na 1.ª etapa os concorrentes dirigem-se para o sul do País, percorrendo o Algarve e fazendo um troço cronometrado em Tavira, donde sairão para Portalegre, final da etapa.

A 2.ª etapa, sem dúvida a mais dura de toda a prova, irá terminar em Bragança, onde uma neutralização de 6 horas, permitirá um merecido repouso e uma sã confraternização. Daí partir-se-á para o Estoril, numa 3.ª e última etapa, um percurso que só deverá ter dificuldades, até Viana do Castelo. De Viana ao Estoril, os concorrentes não deverão ter dificuldades, atravessando importantes localidades, numa média fàcilmente cumprível, proporcionando ao público a possibilidade de ver de perto os seus volantes, podendo dispensar-lhes os seus aplausos.

A chegada ao Estoril está prevista para as 17 horas de 5 de Março. Aí se efectuará uma prova complementar de velocidade, nos arruamentos junto ao Casino.

Na terça-feira e também no Estoril, o Clube 100 à Hora, no decorrer dum «cocktail» para o qual serão convidados, concorrentes, comissários, rádio imprensa, televisão e outras individualidades que colaboraram na organização, fará a distribuição de prémios.

ESGRIMA

As equipas do C. D. U. L., A e B do C. Shell e do C. N. E. apuradas para a final do «Nacional» de florete

Realizou-se, no Centro Espanhol, a segunda jornada do Campeonato Nacional de Florete, por equipas

Apuradas, na 1.ª jornada, as equipas do C. D. U. L. e do C. Shell para a «poule» final, restava apurar as outras duas, para o que se procedeu a várias eliminatórias, em que se verificaram os seguintes resultados: C. D. U. L. «C»-Ateneu, 14-2; C. D. U. L. «B»-C. N. E., 11-5; C. D. U. L. «C»-C. N. E., 9-7; C. D. U. L. «B»-Ateneu, 10-6; C. D. U. L. «B»-C. D. U. L. «C» 12-4; e C. N. E.-Ateneu, 12-4.

Passaram á final as equipas do C. D. U. L. «B» e do C. N. E.

Para a «poule» final, realizaram-se só dois encontros, que terminaram com os seguintes resultados: C. N. E.-C. Shell, 10-6; e C. D. U. L. «A»-C. D. U. L. «B», 14-2.

O campeonato prossegue e termina na próxima terça-feira

CORPOS GERENTES do Caselas F. C., G. D. da Mouraria e G. C. de Arouca

Os corpos gerentes do Caselas Futebol Clube são presididos pelos srs Eduardo Barnabé de Almeida, Basílio Gouveia e Armando Esteves Cordeiro, na assembleia geral, direcção e conselho fiscal.

*

Também o Grupo Desportivo da Mouraria escolheu os corpos gerentes. Os srs António Baptista de Almeida Antonio Henriques de Almeida e José Baptista de Almeida presidem, respectivamente, á assembleia geral, direcção e conselho fiscal.

*

O Ginásio Clube de Arouca nomeou os corpos gerentes. São os seguintes os presidentes eleitos:

Assembleia geral — Carlos Neto de Oliveira Esteves. Direcção—Joaquim Brandão de Almeida. Conselho fiscal — Arménio Alberto Ferreira da Silva.

VOLEIBOL

(Continuação da página anterior)

elementos eleitos na assembleia geral ordinária da A. V. L., virem a desempenhar os respectivos cargos, nova assembleia geral se realizou para constituição definitiva e completa do elenco directivo

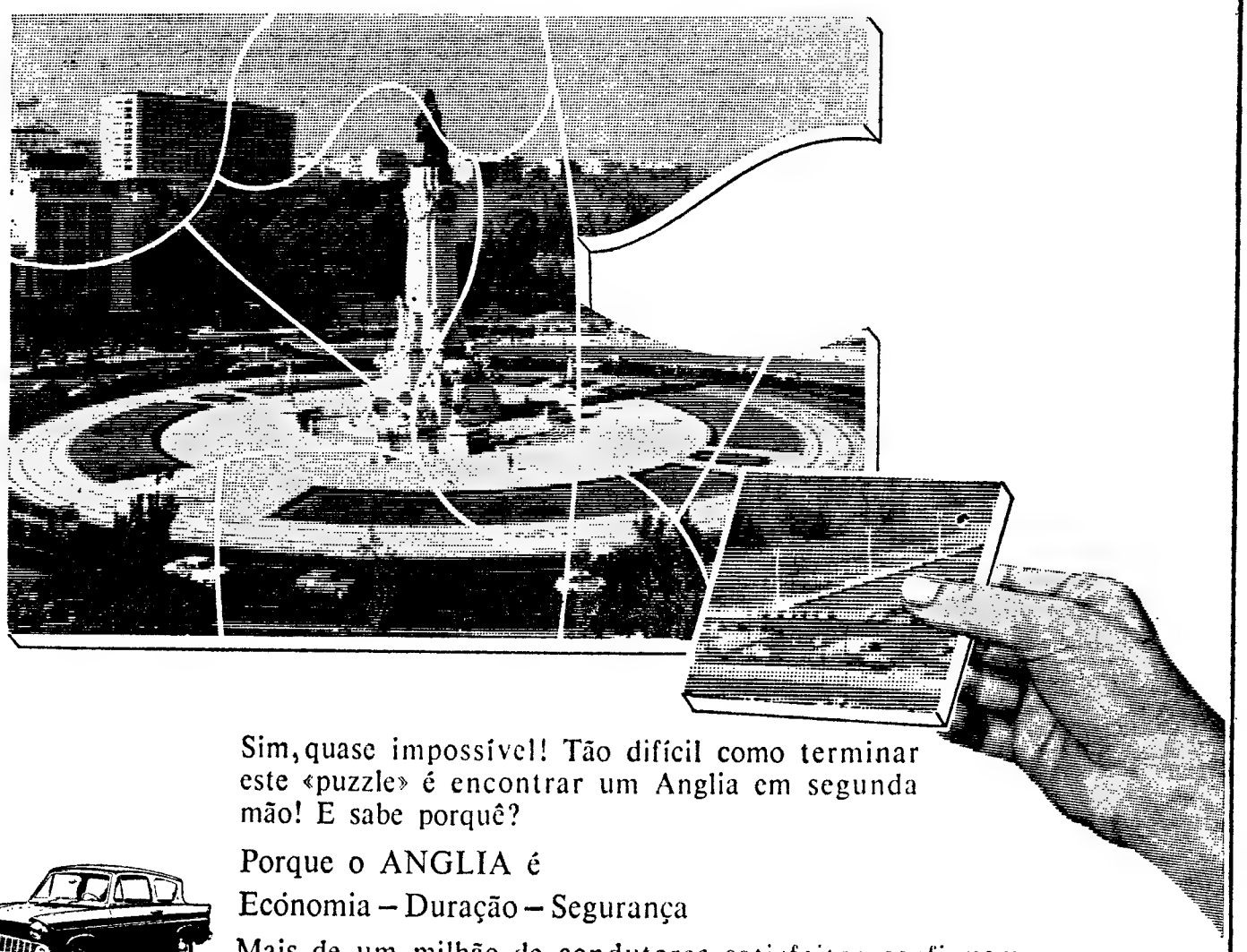
Entretanto até ao momento não foi possível, marcar a data da posse, porque «os documentos respeitantes a alguns elementos eleitos» não deram ainda entrada na A. V. L., para superior homologação.

Alguns antigos dirigentes que têm garantido a continuidade das actividades regionais, estão dispostos a depor o seu mandato no próximo dia 28 «se até essa data, não lhes for possível submeter os novos corpos gerentes á aprovação superior».

Após cinco meses de actividades da época em curso, impõe-se a normalidade directiva da A. V. L. e aguardando-se para tal que os novos eleitos se apressem a cumprir com as habituais formalidades.

L. C.

QUASE IMPOSSÍVEL



Sim, quase impossível! Tão difícil como terminar este «puzzle» é encontrar um Anglia em segunda mão! E sabe porquê?

Porque o ANGLIA é

Ecónomia – Duração – Segurança

Mais de um milhão de condutores satisfeitos confirmam, diàriamente, todas estas qualidades.

É por isso que o ANGLIA

CUSTA POUCO NA COMPRA • VALE MUITO NA TROCA

52.608$00
(Inc. Taxa F.F.E.)

este ano vá com Ford!

Anglia O CARRO QUE LHE CONVÉM
(quem tem um não o larga!)

Ford

Veja-o e experimente-o no seu Concessionário FORD

LISBOA: AUTO BOAVISTA, Lda.- R. da Boavista, 81-B
AUTO RALI, S.A.R.L.- Av. Almirante Reis, 130-A
Av. Eng. Frederico Ulrich - Cascais
J. MENDES COELHO, Lda.- R. Alexandre Herculano, 6-A

1-02

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇOES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º programa — 451 m 665 kc/s — As 16: Melodias; 16 e 15: Conjuntos vocais; 16 e 30. Noticiário — Programa da tarde 18: Noticiário; 18 e 10: Danças; 18 e 35: Rádio Mocidade; 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção Luanda!. 19 e 15: Instrumentistas; 19 e 25: A ciência e o homem: 19 e 45: Canções de Portugal; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21. Ballarico; 21 e 20: 4.º episódio do folhetim «Engrenagens malditas»; 21 e 40: Musica brasileira; 22: Ontem e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Espectáculo, magazine de teatro e cinema; 0: Noticiário; 0 e 50: Ultimas notícias; : Fecho.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Obras dos compositores brasileiros José Siqueira e Francisco Mignone; 16 e 50: «Rondó caprichoso», op 44, de Mendelssohn; 17: Interrupção. Às 18: Que quer ouvir?; 18 e 40: Musica sinfónica; 19 e 26: Musica de piano: 20: Noticiário — Boletim meteorológico; 20 e 5: Musica coral-sinfónica: 22 e 28: «Quarteto n.º 2 em dó», op. 36, de Benjamin Britten; 23: A Voz do Ocidente; e 15: Fecho

3.º programa — 94,3 m — Modulação de frequência 2 — Às 23: Festival de Nice de 1966 (1.ª parte): 23 e 30: «Outono», do ciclo de 8 canções, de Hermann Haller, pela meio soprano Barbara Geiser-Feyer; 23 e 47; Festival de Nice de 1966 (2.ª parte); 0 e 20: Musica sinfónica; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,1 m — 1034 kc/s — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Orquestras em foco; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 5: No mundo aconteceu; 19 e 30: Radiojornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Uma orquestra e um conjunto; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções romanticas; 21: Noticiário; 21 e 8: Uma orquestra; 21 e 15: Voz do Alentejo; 21 e 45: Musica das três Américas; 22: Noticiário; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: Meia-noite; 3 e 2: Sintonia-63; 6 e 2: Desculpe, mas já são horas; 7 e 3: Talismã.

Modulação de frequência — 90,4 mc/s — Às 16 e 30: Encontro no ar; 17: Noticiário; 17 e 55: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: A noite é Varig; 1 e 3: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,4 m — 782 kc/s — Às 16 e 4: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Noticiário; 19 e 3: Miscelanea; 19 e 17: Vozes de Paris; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20: Noticiário; 20 e 3: Rádio Placard; 20 e 25: Boletim de informações; 20 e 30: Variedades; 20 e 45: Página regional; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestras; 21 e 15: Só rádio; 21 e 30: Apenas musica; 21 e 45. Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 3: Andam cantigas no ar; 22 e 31: Conjuntos de ritmo; 22 e 45: O fado na voz de...; 23: Noticiário; 23 e 5: Clube da Juventude; 0 e 2: Meia-noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Canções em voga; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5. C. C. C. igual a C. C. C.; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Variedades; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Sucessos musicais que o mundo canta; 21 e 30: Vozes portuguesas; 21 e 45: Clave de sol; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Musica de filmes; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15. Noticiário regional e boletins de filmes e religioso: 18 e 30: Terço da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada: 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Programa de Lisboa; 20: Musica e acaso; 20 e 5: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário' 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico: 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Segundo «gong»: 22 e 30: Programa de Lisboa: 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — 188 m — 1594 kc/s (99,4 mc/s) — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Graça; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — Sapadores 322222 ❊ Voluntarios, 538524

AGUA GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ❊ Companhias Reunidas, 537021 ❊ Gazcidla 538821 ❊ Gazcidla (dom e feriados) **382069**

POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ❊ Segurança Publica, 366141 ❊ Judiciária, 735380 ❊ Marítima, 326456 ❊ Internacional 362721 ❊ Viação e Trânsito, 42205 ❊ G N R. (área rural). 36865)

SAÚDE — Cruz Vermelha 665342 ❊ Enfermagem permanente 766161 ❊ Enfermagem de urgência, 43738 ❊ Hospital de Santa Maria, 775171 ❊ Hospital de S. José, 860131 ❊ Sangue, oxigénio e soro, 771161 ❊ Transfusões, soros e oxigénio, 538524

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ❊ Caminhos de ferro (C P.), 869029 ❊ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ❊ Estação Fluvial (T Paço) 325345 ❊ Estação Mar de Alcântara 663195 ❊ Estação Maritima da Rocha 672445 ❊ Estação Fluvial (Belém) 638531

PROGRAMA DA TV PARA HOJE

Às 15, Curso Unificado da Telescola; 19, TV Educativa — Francês e Arte Portuguesa; 19 e 30, Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50, Harmonia e Bom Gosto — programa sobre decoração dedicado ás senhoras; 20 e 5, Programa da Junta da Acção Social: 20 e 30, Vamos Jogar no Totobola; 20 e 40, Filme Infantil — Carrocel Mágico; 21 e 05, Anguio Recto — apresentação de um documentário sobre Roque Gameiro, realizado por Luís Miranda; 21 e 25, Títulos de Caixa Alta; 22, Telejornal e Boletim Meteorológico; 22 e 25, Série de Aventuras — «O Maioral» (2.º episódio), com James Drury, Lee J. Cobb, Dong McClure, Gary Clarke e Roberta Shore; 23 e 40, Telejornal (ultimas notícias); 23 e 45, Meditação 23 e 50, Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 15, Curso Unificado da Telescola, 19, TV Educativa: Matemática; 19 e 30, Telejornal. 19 e 45, Agenda da Praça: 19 e 50, Os Vigilantes da Floresta — Série Juvenil; 20 e 15, Carta de Espanha — Bilbao e Sol e Neve; 20 e 40 Filme Infantil — «Carrocel Mágico»; 20 e 55, Sangue na Estrada — um programa apresentado por Filipe Nogueira; 21 e 10, Nos Bastidores da Aventura — programa para jovens; 21 e 25. TV Clube — com Alberto Ribeiro (Realização de Oliveira Costa); 22, Telejornal e Boletim Meteorológico; 22 e 20, Série de Aventuras — «O Barão» — com Steve Forrest, Sue Lloyd, Kay Walsh e Alan Mac (realização de Cyril Frankel); 23 e 20, Recital pela pianista Michele Boegner (realização de Jorge Listopad); 23 e 35, Telejornal (ultimas notícias) 23 e 40, Meditação; 23 e 45 Fecho.

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno D

(Ver pelos bairros das indicações telefones entre parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes, Calç da Ajuda, 224 (638256) ❊ **Tapada, Lda**. Calç da Tapada, 83-A (634727)

ALCANTARA — Ester Noronha. R de Alcântara, 5-A (637563)

ALMIRANTE REIS — Lusa, Av Almirante Reis, 99-A (41269) ❊ **Romano Baptista**, R Passos Manuel 6- 0 (50593) ❊ **Magalhães**, Av Almirante Reis. 4-D a 4-F (49479)

ALTO DO PINA — Dalton, Av Mouzinho de Albuquerque. RSV (84357)

ALVALADE—Lídia, Av da Igreja, 4-B-C (7168) ❊ **Nova Iorque**, Av Estados Unidos da América, 40-E (760658) ❊ **Celta**, R Mouro Girão, 3-B (71062)

AMOREIRAS — Amoreiras, Pr das Aguas Livres, 8 (6815 5)

AREEIRO — Marbel, Av de Roma. 13 -A (776235) ❊ **Lusitana**, Av de Roma, 18-A (725443) ❊ **Chinde**, R Agostinho Lourenço, 6-B (71033)

AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Av da Republica, 55-A (772132) ❊ **Providência**, R. D Filipa de Vilhena, 4-C (770324) ❊ **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36 (4196) ❊ **Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29, 29-A (48966)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, P Casas Novas, lote 66, lojas esquerda e centro (388172)

BAIXA — Simões Pires, R da Prata 5 (362350)

BENFICA — Benfiluz, Est de Benfica 444-A (782606) ❊ **Alegria**, Est de Benfica 180-A-B (7805) ❊ **Progresso**, R. A-da-Maia, 64-C (702..6)

CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta L Chafariz de Dentro, 36 (866126).

CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 25 (233446).

CAMPO DE OURIQUE — Maria Pia, R D Maria Pia, 5 4 (687949) ❊ **Linalda** Rua Ferreira Borges, 30 (660955)

CAMPO DE SANTANA—Peninsular Campo dos Mártires da Pátria 8 (53308)

CAMPOLIDE — Ronil, R Rodrigues da Fonseca, 53 (683438) ❊ **Zenel**, Rua A, 82 (Bairro da Liberdade) (65340). ❊ **Nova**, R de Campolide, 297-C (687475)

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Barbosas de Baixo Vila Paulo Jorge.

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R da Margem, 5-B (382470) ❊ **Zema**, R General Justiniano Padrel (à Calçada dos Barbadinhos) 21-A (832580)

ESTEFÂNIA — Fonseca Largo de D Estefânia, 4-5 (54808)

ESTRELA E LAPA — Alb., R de Santana, á Lapa 156 (663562)

GRAÇA — Almeida Dias, L da Graça, 38-A-39 (862909) ❊ **Hialénica** R Heliodoro Salgado, 20-A (844361)

LUMIAR — Patuleia R do Lumiar 122 (790332) ❊ **Douro** Al Linhas de Torres, 93 (79113)

MADRAGOA — Moderna. R Garcia de Orta 24 (66317)

MOURARIA — Ferrão. R da Mouraria, 2 (860464)

OLIVAIS — Higiene, Rua B 4, lote 43 (Olivais Sul) (388026)

PALHAVÃ — Canto. Est das Laranjeiras, 202 (780841)

PEDROUÇOS — Higilux, R de Pedrouços, 50-52 (610280)

PICEHELEIRA — Marlux, Calç da Picheleira, 40-B-C (720703-728395)

S. BENTO — Valentim, Lda. R Poço dos Negros, 88-90 (679453)

SANTO AMARO — Botânica. R da Junqueira, 38-40 (638132)

SANTA MARTA — Morais Sarmento, R. de Santa Marta, 5-A-B (44490)

SÉ — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2 (859831)

● Na Linha de Cascais

ALGÉS — Nito — Av Comb G Guerra, 64 (Tel 212070)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Telefone 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto 86 (Tel 2420034).

OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)

PAREDE — Alsir — Av Gago Coutinho — Bairro Caixas de Previdência (Tel. 2472948)

ESTORIL — Ostende — R de Espinho. 1 — Monte Estoril (Tel 260391); **S. João** — Est Nacional. 8 (Tel 26186)

CASCAIS — Marginal — Av Marginal (Tel 2800783; **A. Costa** — R Freitas Reis, 24-C (Tel 280214)

● Na Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av Marquês de Pombal, lote 9 (Tel 934589), **Campos** — R Elias Garcia, 185 (Tel 930072); — **Clobel** — R Ant Sardinha, lote 5, loja B (Tel 938551); **S. Jorge** — R. Pedro de Negro, loja 5 — Reboleira (Tel 938703)

DAMAIA — Confiança — Est Militar, lote D (Tel 971023)

QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117); **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia, 51 (Tel 950123)

CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)

MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Tel 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)

SINTRA — Marrazes — vila — L Rainha D Amélia, 20 (Tel 980155).

COLARES — Colares — Azoia (Tel. 299088)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 0 (Tel 234137)

ALHOS VEDROS — Gusmão — R Cândido dos Reis, 30 (Tel 224020)

ALMADA — Nuno Álvares — Av D Nuno Alvares Pereira, 39 (Tel 270504).

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Estrada Nacional, 74

BARREIRO — Pimenta — R Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (Tel. 2273012)

COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365).

MOITA — Silva Rocha — P da República, 16 (Tel 239029)

MONTIJO — Montepio — R Almirante Reis, 93 (Tel 230035)

SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Tel. 229025)

SETUBAL — Marques — R Arronches Junqueiro (Tel. 22783); **Bonfim** — Av. Rodrigues Manitto, 12 (Tel 24558)

SEIXAL — Godinho — L da Igreja, 51 (Tel 2218580)

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 % T. 10	—	—	550$00
Cons. 3 % T 10	600$00	—	600$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	—	—	740$00
Centenários 4 % 1940	1.600$00	—	1.600$00
Obg Tes 2 1/2 % 1942	—	—	—
Obg Tes. 2 1/2 % 1943	—	—	—
Obg Tes. 2 1/2 % 1944	—	—	—
Externo 1.ª série	—	1.200$00	—
Externo 1.ª série car.	—	1.200$00	—
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série car.	—	—	1.248$00
Externo 3.ª série	—	1.300$00	1.310$00
Externo, 3.ª série car.	—	285$00	290$00
Caut 3.ª série s/l.	—		
Obrigações			
Águas de Lisboa 5%	—	—	—
Norte de Portugal 5 %	—	102$50	105$00
Gás, Elect 3 3/4 %	—	—	—
Gás, Elect 4 %	800$00	800$00	820$00
Gás, Elect 4 1/2 %	915$00	915$00	920$00
Gás, Elect 5 %	925$00	—	—
U E P 3 3/4 %	78$00	—	79$00
U E P 4 % 1945	—	81$00	82$00
U E P. 4 % 1948	—	—	—
U E P 4 1/2 %	—	80$00	—
U E P 5 % 1951	83$00	82$00	83$00
U E P 5 % 1952	—	—	—
H do Douro	850$00	848$00	852$00
H E S Estrela	—	—	—
C P 4 1/2 %	950$00	950$00	955$00
Metropolitano	930$00	—	930$00
TAP	—	—	—
Sonefe	720$00	715$00	720$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	1.245$00	1.240$00	1.245$00
Angola	1.500$00	1.480$00	1.520$00
Burnay s/d	3.790$00	3.700$00	3.800$00
Espírito Santo	—	11.500$00	—
Lisboa & Açores	4.400$00	4.380$00	4.420$00
Portugal	2.980$00	2.960$00	3.000$00
Ultramarino	1.443$00	1.440$00	1.445$00
Agricultura	1.050$00	1.050$00	1.055$00
Crédito Predial	1.950$00	1.940$00	1.970$00
Português do Atlântico	—	6.300$00	—
Totta Aliança	4.500$00	4.480$00	4.550$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	290$00	290$00	295$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	—	1.900$00
C.as Ultramarinas			
Agrícola Cassequel	505$00	500$00	505$00
Agrícola das Neves	—	—	75$00
Agricultura Colonial	—	80$00	90$00
Açúcar de Angola	—	690$00	700$00
Boror	105$00	100$00	110$00
Cabinda	—	—	30$00
Cádá	1.430$00	1.410$00	1.430$00
Com. do Buzi	60$00	59$50	60$00
Ilha do Príncipe	—	—	400$00
Incomati	—	920$00	—
Moçambique	—	48$00	50$00
Zambézia	39$00	39$00	39$50
Diamantes	1.217$00	1.215$00	1.218$00
Lobito	—	410$00	420$00

Comp.as diversas	Efect.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	2.000$00	—
Cimentos Leiria	—	1.500$00	—
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	—	—	—
Nac de Navegação	—	1.070$00	1.100$00
Col de Navegação	560$00	560$00	570$00
Port de Celulose	—	3.900$00	.4100$00
Port de Pesca	—	940$00	—
Port de Tabacos	436$00	435$00	437$00
Tabacos de Portugal	—	930$00	1.000$00
Sacor	4.950$00	4.900$00	.4970$00
Socel	—	—	3.200$00
U F Azoto	1.090$00	1.085$00	1.095$00
Petroquímica	—	—	—
Águas, Electricidade e Gás			
Aguas de Lisboa 1934	480$00	480$00	—
Aguas de Lisboa 1936	—	—	—
Eléctrica das Beiras	1.725$00	1.720$00	1.730$00
Gás e Electricidade	421$50	420$00	421$50
H Alto Alentejo	212$00	212$00	213$00
H E Cávado	1.335$00	1.335$00	1.340$00
H E Zêzere	—	1.605$00	—
Nac de Electricidade	1.710$00	1.705$00	1.715$00
Termoeléctrica	—	—	—
União Eléctrica Portuguesa	218$00	217$00	218$00
Hidráulica do Douro	1.340$00	1.335$00	1.340$00
H E S	—	—	—
F. Invest Atlântico	—	173$80	179$00
F. I D E S	—	118$60	122$20

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul — Rand	36$00	38$00
Alemanha — Marco	7$10	7$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28$40	28$70
Dólares de 5 a 1000	28$60	28$90
Canadá — Dólar	26$20	26$70
Argentina — Peso	8$08	8$13
Austria — Shilling	1$10	1$15
Brasil — Cruzeiro	$01	$01,5
Espanha — Peseta	$47,2	$48,2
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	79$50	81$00
Itália — Lira	$04,55	$04,7
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Bélgica	$55,7	$57,7
França	5$72	5$87
Suíça — Franco	6$58	6$73
Dinamarca — Coroa	4$05	4$25
Noruega — Coroa	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra Isabel)	295$00	305$00
Inglaterra (1/2 Libra)	237$00	252$00
Portugal — barra fino	33$50	34$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papeis de crédito
Telef. 321273

Curso de Aperfeiçoamento para Internos dos Hospitais Civis

A exemplo do que vem a fazer há anos, o Serviço de Internato dos Hospitais Civis de Lisboa promove agora, novamente, a realização de mais um Curso de Aperfeiçoamento para Internos, o qual se inaugura na próxima segunda-feira, dia 20, ás 22 horas, na sede da Sociedade Médica dos H. C. L., no Hospital dos Capuchos.

As primeiras sessões deste Curso serão dedicadas á saude publica, e a sessão inaugural, a que preside o enfermeiro-mor dos referidos hospitais, dr. Jorge Silva Araujo, será preenchida com palavras do dr. Alfredo Franco, chefe dos internos dos H. C. L., e com uma Mesa Redonda subordinada ao tema «Conceitos de Saude Publica e suas Implicações», e que compreenderá uma conferência do dr. Arnaldo Sampaio e a intervenção dos drs. Nápoles Sacramento e Fernando Caeiro, sendo moderador o dr. Cristiano Nina.

No CARTAXO o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na agência PEDRO ALVES, SUC., Rua do Batalhoz

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef. P P. C. 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFONICAS 76 61 46

SONOTONE
É O MELHOR APARELHO PARA SURDOS
POÇO DO BORRATÉM, 33 - LISBOA

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.
Telef. 43738

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
GERTRUDES — no ESTUDIO 444
SURCOUF, O MAIOR DE TODOS — no POLITEAMA

TIVOLI — Telef 5 05 95
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)
Georpe Peppard, James Mason e Ursula Andress
num memorável acontecimento cinematográfico
AMBIÇÃO DE GLÓRIA
(«THE BLUE MAX»)

MONUMENTAL — Telef 55 51 31
Às 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
Um filme realista arrancado á vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!
ESPERO-TE NO INFERNO, QUERIDA!
com Stuart Whitman e Janet Leigh

QUINZENA DE TERROR
AMANHÃ — Adultos — 18.30 h.
O HOMEM QUE ENGANOU A MORTE (Terence Fisher)
Com Christopher Lee e Anton Diffring
Dia 20: **A Volupia do Crime** (W. Castle) Adultos

ODEON — Telef. 32 62 83
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30
2.ª SEMANA
Um filme corajoso em desvendar paixões proibidas...
RAINHA DO AMOR
A maior criação de SARA MONTIEL
Vibrante história de uma mulher vítima da fatalidade de ter nascido perigosamente bonita...
(Col.) CANÇÕES MARAVILHOSAS
(M. 17 anos)

ROMA — Plateia 72 77 78 — Balcão 72 91 92
Às 15.30 e 21.45
Petitia Roman e Paul Hubschmid
na história de dois casais que têm muito que contar!
CASA COMIGO, QUERIDA!
uma comédia divertidíssima
No programa: o magnífico documentário colorido, produzido pelo S.N.I. — «Encruzilhada Internacional».

LIZ — Telef. 4 85 60
As 21 horas (Adultos)
O GRANDE MORDOMO
AS MINAS DE SALOMÃO

IMPERIO — Telef 55 51 34
Às 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
Um monumento da realização cinematográfica
PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?
33 actores de renome internacional sob a direcção de RENÉ CLEMENT
Atenção: Devido á sua longa metragem o filme começa 12 minutos depois do início das sessões.

estúdio
As 15.30 — 18.30 — 21.45
11.ª SEMANA
(M. 17 anos)
Um filme fora de série com Sidney Poitier
UMA RÉSTIA DE AZUL

SÃO JORGE — Telef. 5 41 53/54
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA (Adultos)
Espectáculo moderno, contado numa linguagem fora do comum
UM HOMEM E UMA MULHER
com Anouk Aimee, Jean-Louis Trintignant

CONDES — Telef. 32 25 23
e 21.30 (Adultos)
Às 15.15, 18.15
Só o cinema pode apresentar um espectáculo como este!
MAJOR DUNDEE
com Charlton Heston e Richard Harris

estudio 444 — Telef. 75 00 95
Às 21.45 (Adultos)
Nina Pens Rode e Bendt Rothe
num excepcional filme!
A descrição ousada da luta de uma mulher pelo amor!...
GERTRUDES
Realização de Carl Dreyer
Prémio «Bodil — 1965»

TERRASSE
Telef. 32 09 17
Às 15 e 21 h. (M. 17 anos)
PARTY EM PIJAMA
EUROPA DE NOITE

SÃO LUIZ — Telef. 32 71 72
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA (Adultos)
Não confunda! Este filme não se parece com os outros do mesmo género!
MATT HELM — AGENTE MUITO SECRETO
com Dean Martin e Stella Stevens

EDEN — Telef. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
O grande êxito do Carnaval de Lisboa!
O GENDARME EM NOVA YORK
com Louis de Funès e Genevieve Grad

POLITEAMA — Telef 32 63 05
HOJE, ás 21.30 EM ESTREIA
Temerárias aventuras do mais famoso corsário
SURCOUF — O MAIOR DE TODOS
com Gerard Garin e Antonella Lualdi
TECNISCOPE — EASTMANCOLOR

MUNDIAL — Telef. 53 87 43
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
Um filme de classe
UMA ESTRELA SEM NOME
com Marina Vlady e Claude Rich

ALVALADE — Telef. 76 30 80
As 15.45 (p. r.) e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
De todas as armas que usava, as mulheres eram as mais perigosas!
MATT HELM — AGENTE MUITO SECRETO
com Dean Martin e Stella Stevens

AVIS — Telef. 53 23 00
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
4.ª SEMANA de enchentes de grande êxito!
Alberto Sordi na maliciosa e irreverente comédia
UM ITALIANO EM LONDRES
Techniscope — Eastmancolor

CINE-TEATRO LIDO — AMADORA — Telef. 937593
Às 21.30 (M. 12 anos)
Uma realização de Alfred Hitchcock, o mestre em filmes policiais!
O TERCEIRO TIRO
com Shirley McLaine e Edmund Gwen

EUROPA — Telef 66 10 16
Às 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
OS PROFISSIONAIS
com Burt Lancaster — Lee Marvin — Jack Palance

RESTELO — Telef 61 03 75
As 21.30 (Adultos)
ASSINATURA DO CRIME
com Patrick Wyhark — Margareth Johnston

CINEMA IDEAL — Telef. 32 41 94
Às 15.15 e 21 h. (M. 12 anos)
KINDAR, O INVULNERÁVEL
O CONDE MAX

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Mini-Saias» (17 anos)
AVENIDA — Às 21 e 45: «Senhora na boca do lixo» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 20 e 45 e ás 23: «Quem tem boca vai a Roma» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «De vento em popa» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A maluquinha de Arroios» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Exercício para 5 dedos» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O Ídolo» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: As noites brancas» (12 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «Intriga em Veneza» (17 anos).
BÉLGICA — Às 21: «O caso Ipcress» (17 anos).
BOM. V. LOURES — Às 21 e 15: «A queda da Casa Usher» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Nevada Smith» (17 anos).
IMPERIAL — Às 21: «A batalha das colinas de Whisky» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Traço vermelho 7000» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «A mulher detective» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Roma invencível» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «Matrimónio á italiana» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Flint, agente secreto» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O justiceiro» (17 anos).
REX — Às 21: «Bikinis ao sol» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Luzes sem ribalta» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Duelo no Rio Bravo» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Os 3 sargentos» (12 anos).

● Na Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Regresso das cinzas» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «F. B. I. agente implacável» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O senhor doutor» (12 anos).

● Na Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «A volta de Nick Carter» (17 anos).
DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Livre á quarta-feira» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «José do Telhado» (12 anos). LIDO — Às 21 e 30: «O terceiro tiro» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O terceiro dia» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Os heróis de Telemark» (17 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «A sombra do Zorro» (12 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Fabulosa troca de caixões» (17 anos); ACADEMIA — Às 21 e 15: «O homem mascarado» e «Romance no Luna Parque» (12 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «O grande espectáculo» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Um dia de vida» e «Passarinho da Ribeira» (17 anos).

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2º — TELEF. 369384

«Paris já está a arder?», no Império

(Continuação da 8.ª página)

muitos pontos na obscuridade e ilumina outros, com uma habilidade não isenta daquele «savoir faire» de que são capazes tantos homens maduros que conseguem agradar a gregos e troianos, beneficiando, ao mesmo tempo, dos favores de uns e de outros. Isto, o que nos ocorre quanto á delicada matéria que serve de base ao milme. O que não se compreende bem é se essa nova vaga parte dos homens de quarenta ou mais anos, que não esqueceram a sua juventude, ou vem daqueles que nasceram depois de 1939. A dar-se esta ultima dolorosa hipótese, é bem possível que «Paris já está a arder?» ainda deixe um dia os mercados, para não lembrar o preço das guerras, das odiosas perseguições ou dos sonhos de grandeza nacional, que não assentem nos mais elementares preceitos da Razão, da Moral, da Justiça e do Direito.

*

Qualquer espectador sente que a primeira parte do filme, ontem estreado no Império, está mais bem conseguida que a segunda. É, pelo menos, durante ela — embora o filme se siga todo com emoção — que nos sentimos levados pelo vigor da imagem e da narrativa. Há um crescendo de emoção, num clima de epopeia, que vem quase a terminar no final da primeira parte. A segunda é quase um desfazer do que foi feito, num descer da curva da narrativa.

Os planos de filmes da época, como a veracidade das imagens, actuais, são de excelente efeito e fundem-se com harmonia. Mesmo o preto e branco e a própria imagem têm um certo *carácter* que os distingue de outras obras. Bem entendido que não há grandes papeis, com excepção, talvez, do que é desempenhado pelo actor Gert Fröbe, no «general alemão». Todos os outros grandes nomes, alguns melhores que outros, alguns, mesmo, deslocados — como Leslie Caron, Alain Delon, ou Jean-Paul Belmondo, ao lado de Charles Boyer, Kirk Douglas, Simone Signoret ou Anthony Perkins, são simples figurantes, uma vez que as verdadeiras personagens aqui são a Resistência, Paris e a Guerra.

Num longo *fresco* de carácter documentarista, realizado com um vigor onde não faltam apontamentos humanos, ás vezes satíricos ou sarcásticos, René Clément logrou construir um filme que se segue com extraordinário interesse e com o qual muito se pode aprender. A nós ajudou-nos a compreender porque é que o Paris de hoje já não é o de ontem e porque é que a Frana, afinal, tem tanto medo da Alemanha.

L. d' O. N.

O filme «A Noite» na sessão do ABC Cine-Clube

Amanhã, pelas 18 e 40, no cinema Avis, exibe-se a importante obra de Antonioni «A Noite», para os associados do ABC Cine-Clube de Lisboa. Além da realização é de realçar neste filme a excepcional fotografia de Gianni di Venanzo e a interpretação de Jeanne Moreau, Marcelo Mastroiani e Monica Vitti. À entrada do cinema aceitam-se inscrições para novos sócios do cine-clube.

11.ª SEMANA

(211.º a 231.º sessões)

do filme que
pela sua espiritualidade
e profunda verdade
humana
atingiu a inteligência
e o coração
de milhares
de pessoas.

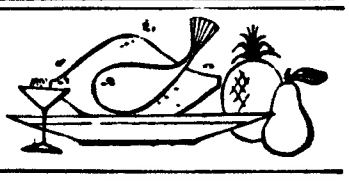
50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

Uma Réstea de Azul
"A Patch of Blue"
com
SIDNEY POITIER
ELIZABETH HARTMAN
SHELLEY WINTERS (OSCAR 1966)

Argumento e Realização: Guy Green
Produção: Pandro S. Berman
em PANAVISION

3.º MÊS
estúdio

bom apetite



RELÂMPAGO
RESTAURANTE — BAR
Se deseja almoçar ou jantar bem vá ao Relampago
Às 6.as-feiras
BACALHAU Á RELAMPAGO
R. Mouzinho da Silveira, 19
Telef 47255 (Aberto aos Domingos)

RESTAURANTE
MONTE ALENTEJANO
Diáriamente servimos os pratos de MIGAS com carne de porco, Ensopado de Borrego, Sopa de cachola, e mais pratos regionais
Rua D Luis de Noronha, 32-A
(A Av de Bemal — Telef. 778095

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - Tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condições social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

COZINHA ALENTEJANA
ESPECIALIDADES DO ALENTEJO ● ALMOÇOS E JANTARES
CLASSIFICADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
FOLCLORE REGIONAL
Av. do Aeroporto, 162 — Telef. 72 70 71 — (Encerra ás 2.as-feiras)

Um familiar do arrais do «Rainha das Estrelas» tentará identificar o corpo que deu à costa em Espanha

PORTIMÃO, 16 — São já conhecidos os nomes dos três tripulantes que, em 21 de Dezembro último, saíram deste porto a bordo do «Rainha das Estrelas», pequeno barco a motor cuja desaparecimento se rodeia de denso mistério. Eram eles o arrais Geraldo Lucio, de 50 anos, residente em Albufeira; o motorista António do Carmo Anacleto, de 42, natural de Portimão; e um terceiro homem, Jaime Gonçalves das Neves, de quem se sabe, entre outras coisas, ter a cédula marítima passada pelo porto de Lisboa.

Como ontem noticiámos, deu á costa no sul de Espanha, perto de Gibraltar, uma chata, que parece ter pertencido ao «Rainha das Estrelas».

Pormenor inquietante: amarrado a um banco da embarcação vinha o cadáver putrefacto de um desconhecido. Na suposição de que o cadáver, pelas indicações que a Polícia espanhola forneceu á sua congénere portuguesa, seja o do arrais Geraldo Lucio, seguiu, ontem, para Espanha um familiar do desaparecido, acompanhado por um agente da P. I. D. E., do vizinho posto de Vila Real de Santo António.

Nos bastidores

O «Rainha das Estrelas», pertença do sr. Mário Jõaquim Cordeiro, gerente comercial, residente em Lisboa, onde está ligado a um pequeno comércio de artigos de tabacaria, foi arrendado, no passado mês de Dezembro, a um negociante do Barreiro, sr. João Ricardo Venancio da Costa, caixeiro-viajante marítimo.

Este ultimo, por coincidência, é o mesmo indivíduo que transportou, há tempos, ao Hospital de S. José, um contrabandista atingido a tiro pela Guarda Fiscal, em Corroios, quando da apreensão de uma importante partida de tabaco, roupas e calendários eléctricos, proveniente, segundo parece, de Tanger e Gibraltar.

Nova coincidência, esta mais natural: o tripulante Jaime Gonçalves das Neves, do «Rainha das Estrelas», é tio do mesmo sr. Venancio da Costa.

Como quer que seja, do barco desaparecido nada sabem as autoridades. Ou melhor: sabem que ele não arribou a nenhum porto espanhol ou norte-africano. Aguarda-se, neste momento, a identificação, ou não, do corpo que deu á costa em Espanha. Talvez comece aí o fio da meada.

Tudo o mais, incluindo a hipotética ligação deste caso com o do contrabando apreendido em Corroios, é puramente especulativo. Só Só as investigações em curso poderão fazer luz sobre tão impenetrável mistério.

O funeral do comandante Ernesto de Vilhena

Muitas centenas de pessoas, entre as quais se viam figuras marcantes da vida nacional, acompanharam hoje ao jazigo de família do cemitério dos Prazeres o corpo do antigo ministro da Republica, comandante Ernesto de Vilhena, num préstito funebre que saiu da igreja de Santa Isabel ás 11 horas.

Pouco antes daquela hora já muitas centenas de pessoas se aglomeravam á entrada do cemitério. Entre os presentes viam-se o sr. comandante Guilherme Thomaz, em representação do Chefe do Estado; ministro de Estado, dr. Motta Veiga, que representava o Presidente do Conselho; o titular da pasta do Ultramar, prof. dr. Joaquim Silva Cunha; o subsecretário da Administração Ultramarina, dr. José Almeida Cotta; a sr.ª D. Vera Franco Nogueira, esposa do ministro dos Negócios Estrangeiros; brigadeiro Kaulza de Arriaga e conselheiro Albino dos Reis.

Entretanto, continuavam a chegar muitas pessoas, estando presentes também os membros do conselho de administração da Companhia de Diamantes de Angola, da qual o extinto foi presidente.

A' entrada do cemitério, a urna foi retirada do interior do autofunebre por legionários que envergavam fardamento de campanha.

Pouco depois, praças de Marinha transportaram a urna até ao jazigo onde, após uma breve cerimónia religiosa celebrada pelo prior da freguesia de Santa Isabel o féretro foi depositado.

Desfilaram então em frente do jazigo, centenas de pessoas que se haviam incorporado no préstito, e que apresentaram condolências ao sr. dr. Julio Manuel Porto de Vilhena, filho do falecido, bem como a outros familiares do comandante Ernesto de Vilhena.

Faleceu um dos militares vítimas do acidente ná serra do Buçaco

COIMBRA, 16. — Não resistiu aos ferimentos uma das vítimas do desastre na Serra do Buçaco, ocorrido com um camião militar a catorze quilómetros de Mortágua. Trata-se do soldado Fernando Rocha Soares, do R. I. 14, natural de Verdoejo, Valença do Minho, que fora internado em estado comatoso no Hospital Militar Regional desta cidade.

O outro ferido internado no mesmo estabelecimento hospitalar, primeiro-cabo miliciano Leonídio Carlos Pina, está livre de perigo.

O funeral do inditoso soldado Rocha Soares realiza-se depois de amanhã para o cemitério da terra da sua naturalidade, aonde se deslocará de Viseu uma guarda de honra do regimento.

Homem morto num desastre de viação

BRAGA, 16 — Em Cervães (Vila Verde), a motorizada na qual seguia o sr. Fernando Magalhães Reis, de 24 anos, agricultor, solteiro, da freguesia da Alheira (Barcelos), embateu no automóvel do sr. Manuel Alves, de Cervães, que era conduzido por seu filho, sr. José Bento de Sousa Alves.

O pobre homem veio para o hospital desta cidade, onde faleceu pouco depois de ali ter dado entrada.

O MEDITERRÂNEO
TODA A ITÁLIA
E P A R I S

Viagem de 27 de Abril a 16 de Maio (20 dias)

Passagens marítimas a bordo do moderno e luxuoso transatlântico N/M. «MICHELANGELO», de 43 000 toneladas, da Companhia de Navegação «ITÁLIA»

Programas, informações e inscrições na acreditada

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

EXCEPCIONAIS!!!

DROGAS MESQUITA — PORTO

DIÁRIO DO PORTO

Delegação:
Rua do Almada, 30, 2.º
T. 20954/5 ☆ Telex 782

Três raparigas (que vivem o drama da separação dos pais) passaram quatro dias e noites no fundo de uma mina — e foram entregues ao pai

O industrial Fernando de Castro Moura separou-se, há cerca de dois anos, de sua esposa, sr.ª D. Augusta Vitória; e, como o casal tivesse cinco filhos e ambos reclamassem o direito de ficar com eles, o Tribunal da Tutoria deliberou que a guarda daqueles fosse confiada ao pai, com o qual — segundo consta — nenhum deles queria viver, queixando-se de maus tratos.

Na semana passada, aconteceu o que se previa há muito: as três jovens, Filomena Maria, de 20 anos; Maria, de 17, e Maria Elisabeth, de 14, bem como o irmão, António Jorge, de 16, desapareceram de casa, no lugar de Vinhal, em S. Cosme (Gondomar), sem que alguém conseguisse dar com o seu paradeiro. Porém, na quinta-feira ultima, o António Jorge apareceu á mãe, a contar-lhe que, horas antes, ele e as três irmãs tentaram fugir, para solicitarem do tribunal que os albergasse, pois não queriam ficar com o pai. Contudo, enquanto planeavam a fuga, haviam sido surpreendidos, por um outro irmão, Manuel Luís, de 18 anos, o qual avisou o pai. As raparigas, com o medo de um correctivo, esconderam-se numa mina existente no quintal da residência, enquanto a mãe e o António Jorge iam á Tutoria, para resolverem a questão. Ali, porém, aconselharam-no a voltar para junto do pai, pois nada mais havia a fazer.

Entretanto, o sr. Castro Moura dirigiu-se á Polícia Judiciária, a comunicar o desaparecimento dos filhos, acusando a esposa de estar por trás de tudo aquilo.

A Polícia principiou a investigar o caso, mas, na madrugada de terça-feira, ultima, as três raparigas foram bater á porta de uma vizinha, pedindo que lhes desse abrigo. E então disseram que tinham passado quatro dias e quatro noites no fundo da mina, e não estavam dispostas a voltar para casa. A senhora que as acolhera telefonou á Polícia Judiciária, a qual entregou as jovens ao pai. Quanto ao António Jorge, ainda ontem não regressou. Está, segundo parece, junto de pessoa amiga.

O caso levantou grande celeuma em Gondomar. Trata-se de um problema muito melindroso para ser resolvido de animo leve. E, há no fundo o drama das raparigas e dos rapazes, separados da mãe por decisão judicial.

FOI PRESO um cadastrado autor de vários furtos

Foi identificado pela Polícia Judiciária o autor do asalto cometido, na madrugada de 15 de Janeiro findo, ao estabelecimento de máquinas de costura, de escrever e de tricotar, da firma Sérgio Castro & C.ª, Ld.ª, em Gaia.

O caso afigurou-se confuso, a princípio, pois o larápio deixara ali vestígios sangrentos, o que levava a crer ter-se ferido ao executar a proeza. Além disso, na mesma noite, apareceu a receber tratamento no Hospital de Santo António, desta cidade, um homem que disse chamar-se António da Silva, trabalhador, de 39 anos, Travessa Anselmo Braancamp 45. Não existindo este numero na referida artéria, os investigadores localizaram-no no local onde trabalha. Interrogado, disse residir na Rua de Camões, 21, e que o objectivo da falsidade das suas declarações no hospital era o de se eximir ao pagamento dos curativos.

As investigações levaram, depois, á captura do assaltante, o perigoso cadastrado José de Almeida Lucas, de 24 anos, solteiro, padeiro, morador na Rua Tenente Valadim, em Penafiel, o qual, negando, a princípio, acabou por confessar o roubo aludido, cujo montante ascendeu a 6000$00. Confessou-se ainda autor de dois roubos em automóveis estacionados na Foz. O processo foi enviado a tribunal e o preso recolheu á cadeia, sem admissão de caução.

Espectáculos para hoje à noite

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «A Sobrinha do Marquês» (12 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 30: «A rapariga do apartamento» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Doutor, tenha maneiras!...» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Sete dias em Maio» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Página de amor» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «De vagar, não corras!...» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «Os profissionais» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «A grande aventura de Marco Pólo» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O grande golpe dos dois homens de ouro» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Perseguição a um espião» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21 e 15: «O grande atirador» e «Rebelião dos escravos» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 15: «Labirinto de paixões» (17 anos).
CINE-VITÓRIA — Às 21 e 30: «Pamplinas, maquinista» (12 anos).
ODEON — Às 21 e 30: «O Gaúcho» (17 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «Cruzeiro de Verão» (12 anos)
CINE-ERMESINDE — Às 21 e 30: «Aventura na selva» (17 anos).
CINEMA-SÃO MAMEDE — Às 21 e 30: «Colt 45» (12 anos).

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Doutor, tenha maneiros!...» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Página de amor» (12 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «Devagar, não corras...» (12 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «Os profissionais» (17 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «A grande aventura de Marco Pólo» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «O grande golpe dos dois homens de ouro» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15 e 15: «Ao longo da fronteira» e «Coração de ferro» (17 anos).

AMANHÃ ANDA A RODA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

A MELHOR PINCELARIA DE SEMPRE

DROGAS MESQUITA — PORTO

Homenagem à actriz Isabel de Castro

Foi atribuído á actriz Isabel de Castro, pela Casa da Imprensa, o prémio para a melhor intérprete cinematográfica do ano, distinguindo a actuação no filme «Domingo á tarde», realizado pelo arquitecto António de Macedo.

Por tal motivo, colegas seus do Teatro Experimental do Porto promoveram, esta madrugada, uma homenagem, num restaurante de Espinho, á qual se associaram vários jornalistas portuenses.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

BILHAR — Campeonato regional de 1.ªs categorias (três tabelas) — a partir das 21 e 30, no Leixões Bilharista, em Matosinhos.

VOLEIBOL — Taça de Portugal — Fiães-Ac. de Espinho, Efacec-F. C. Porto, Ginásio de Santo Tirso-Ol. Douro, C.D.U.P.-Ac. S. Mamede e F. C. Gaia-Nun'Alvares. Jogos nos campos dos primeiros, ás 22 horas.

DIVERSOS — Palestra promovida pelo Serzedo, ás 21 e 30, no salão nobre da Associação de Socorros Mutuos de Serzedo.

NOTÍCIAS DIVERSAS

No domingo, o «Programa Festival» apresenta, incluído no seu elenco, o conjunto «Duo Ouro Negro», conhecida atracção internacional.

— Cerca das 6 e 30, manifestou-se incêndio, motivado por curto-circuito, numa fábrica de serração, no lugar de Marta (Vilar de Andorinho), pertencente ao sr. Bernardino Inácio dos Santos. Os Bombeiros Municipais de Gaia e Voluntários de Avintes e dos Carvalhos extinguiram o fogo, que causou prejuízos de pouca monta.

Conferência na Associação dos Jornalistas

Na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, o escritor e jornalista brasileiro dr. Leandro Tocantins faz amanhã, ás 21 e 30, uma conferência, subordinada ao tema: «Reveladores e intérpretes da Amazónia».

Farmácias de serviço esta noite (6.º turno)

ANTERO DO QUENTAL, R. de A. do Quental, 520 (T. 4-5048) ✲ AZEVEDO, R. do Meiral, 503 (T. 5-2344) ✲ CONSTITUIÇÃO, R. da Constituição, 93 (T. 490813) ✲ CORREIA DE ARAÚJO, R. Santa Catarina, 259 (T. 2-5644) ✲ CRUZ, R. Costa Cabral, 1084 (T. 4-0041) ✲ GUARANI, R. Pedro Hispano, 367 (T. 6-2250) ✲ HERCULANO, R. Alex Herculano, 390 (T. 2-7943) ✲ LIGA A. S. MÚTUOS, R. Bonjardim, 284 (T. 2-1711) ✲ MAGALHÃES, R. Serralves, 566 (T. 6-3561) ✲ NOVA DE MONSANTO, R. Monsanto, 148 (T. 49-0889) ✲ RIBEIRO JUNIOR, R. Firmeza, 99-A (T. 2-3849) ✲ SAMPAIO, R. Cedofeita, 636 (T. 2-1782) ✲ SANIL, R. Paraíso, 214 (T. 2-1782 ✲ VITÁLIA, Pr. Liberdade, 37 (T. 2-4133) ✲ GONDARÉM, R. Gondarém, 360 — Foz.

MELANIE
SALDOS
VERÃO E INVERNO
Preços de verdadeiros SALDOS
R. Saraiva de Carvalho, 16

«PÁSCOA NA TERRA SANTA»

EXCURSÃO EM AVIÃO E AUTOPULLMAN — 12 DIAS DE VIAGEM
Com permanência em Jerusalém de 4.ª-f.ª Santa a Domingo de Páscoa
Visitando ainda Atenas, Beirute, Balbeque, Damasco, Amman, Jericó, Monte da Tentação, Rio Jordão, Belém, Betânia, Tel Aviv e Roma.
PREÇO, TUDO INCLUÍDO: ESC. 13.125$00

PEÇA PROGRAMA À:
AGÊNCIA ABREU FUNDADA EM 1840
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 — Tel.: 320021 (10 linhas)
PORTO: Av. dos Aliados, 207 — Tel. 37921 (10 linhas)
COIMBRA: Rua da Sota, 2 — Tel.: 27011/27012

Vida literária e artística

2.º CADERNO
SUPLEMENTO SEMANAL DO Diário de Lisboa
N.º 446
16-2-1967

A QUERELA DA «NOVA CRÍTICA»

por JEAN LACROIX

A velhíssima questão dos «antigos» e «modernos» ressuscitou ùltimamente sob a forma dos problemas e debates da «Nova Crítica», ultrapassando de longe a pretensa oposição da crítica universitária e da crítica ideológica. A «Nova Crítica» tem a adesão de numerosos universitários, constituindo até, sob certos aspectos, a abertura por longo tempo diferida da pesquisa universitária em face do mundo contemporâneo. Essa abertura resulta menos de um choque exterior do que do desenvolvimento interno das ciências do homem. O escritor emprega uma escrita primeira, uma linguagem que incide directamente no mundo, nos outros, em Deus. A crítica, porém, é uma meta-linguagem, uma escrita segunda, uma escrita sobre uma escrita. Daí uma má-consciência: que direito haverá de se julgar uma coisa que não se é capaz de fazer? Em que consiste esse segundo grau de escrita?

Quando se sabe fazer uma coisa faz-se; quando não se sabe fazer, ensina-se — dizia Bernard Shaw. Um sugestivo estudo de Serge Doubrovski, «Pourquoi la Nouvelle Critique?», publicado há pouco nas edições do *Mercure de France*, põe precisamente em causa essa questão da legitimidade básica da crítica, desenvolvendo nesse sentido uma reflexão e uma auto-crítica de largas perspectivas.

Autor de um estudo excelente sobre «Corneille e a dialéctica do Herói», escrevendo num estilo vivo e apaixonado, de um critério muito pessoal mas que procura universalizar-se, Doubrovski põe logo a claro o seu desígnio na dedicatória do livro agora publicado: «ensaio de interpretação filosófica do estatuto actual da crítica numa perspectiva de reflexão existencial, em face do pensamento tradicional e das ciências humanas».

É certo que Doubrovski não toma francamente partido pela «Nova Crítica» — mas começa logo por recusar a antiga. Os seus argumentos aproximam-se dos que Roland Barthes propôs num livro denso e rigoroso: «Critique et Vérité», com a mesma denúncia da mitologia que a crítica «antiga» utilizou de maneira constante. Essa mitologia é a do realismo simplista, do materialismo do senso comum, que vê na obra um objecto, uma «coisa em si», de que cumpre desvendar a verdade objectiva. A crítica é o mecanismo de «contrôle», a polícia de que se serve a sociedade para fiscalizar a expressão do pensamento e a conservação dos valores. Defende-se uma certa linguagem para preservar uma certa sociedade. Com a «Nova Crítica», passa a ser impossível falar de literatura sem se interrogar sobre a linguagem; impossível falar da linguagem literária sem conhecer os trabalhos da linguística, da sociologia e da psicanálise. Nas ciências do homem, como nas demais, há uma nova razão em vias de ser conquistada. A Nova Crítica existe. Não se pode matá-la, contestando-a. É dela que se tem de partir — mesmo para a criticar.

Serge Doubrovski não se abs-

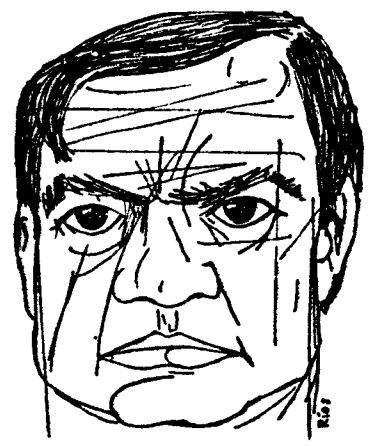
(Continua na página central)

Três figuras destacadas da «Nova Crítica» nos encontros de Cerisy: da esquerda para a direita, Serge Doubrovski, Gerard Genette e Georges Poulet

A EXTINÇÃO DOS «CAHIERS DU SUD»

A velha revista francesa «Cahiers du Sud», que foi o meio de divulgação de grandes figuras literárias, como Saint-John Perse, Senghor, Jean Cassou, Marcel Brion, Loys Masson e muitos outros, acaba de extinguir-se ao fim de 53 anos de existência. Nascida em Marselha, num modesto «atelier» do bairro do «Vieux Port», a revista chegou a reunir á sua volta uma vasta família de escritores vindos dos quadrantes políticos e literários mais diversos.

Jean Ballard, fundador dos «Cahiers du Sud», anunciou que a publicação cessava, não porque se possam considerar terminadas as tarefas a que se consagraram os seus colaboradores, mas porque «à chaque génération suffit sa peine ou son plaisir».



Ruben Dario visto pelo caricaturista Rios

Celebração de Ruben Dario

Tiveram grande repercussão oficial e pública as comemorações em Madrid do centenário de nascimento do poeta hispano-americano Ruben Dario. No Teatro Real realizou-se uma sessão de gala; na praça madrilena que ostenta o nome do poeta o «alcalde» descerrou um busto, mandado executar pelo «ayuntamiento», tendo assistido à cerimónia o embaixador da Nicarágua e outros diplomatas dos países de língua espanhola; no Instituto de Cultura Hispânica efectuou-se uma exposição intitulada «En torno a Ruben Dario», onde foram apresentados 172 manuscritos e autógrafos.

Ruben Dario esteve estreitamente ligado à vida espanhola, tendo visitado Madrid pela primeira vez na juventude, por ocasião das celebrações do 4º centenário de Cristóvão Colombo, como participante na missão oficial da Nicarágua. Em 1898 voltou a Espanha, como correspondente de «La Nación», de Buenos Aires, e permaneceu no país durante longos períodos, até morrer em 1916. Em 1909 foi nomeado ministro da Nicarágua em Madrid, tendo colaborado como escritor em numerosos jornais espanhóis. O hispanismo apaixonado de Ruben Dario foi assinalado nesta oportunidade com especial relevo nos meios oficiais e privados do país vizinho.

Uma poesia esquecida de António Botto

CANÇÃO MUTILADA

A tarde cai amaciando a terra
E enchendo-a de miragens tentadoras
Enquanto o Sol,
Nos últimos alentos,
Se prende aos galhos de um arbusto
Que, ressequido, à beira de uma ermida,
Parece o próprio símbolo da Vida.

De enxada ao ombro, alguns trabalhadores
Pisam o pó e as pedras dos caminhos
— Como bandeiras humanas
Movidas pelo infortúnio,
Sem alegria, sórdidos, curvados,
Mas enormes no seu frémito de luta!

Ah!, nem a Morte quer os homens
Quando eles são desgraçados!

As estrelas, lá no alto,
Riscam cintilantes brilhos.

E em bandos —
Os maltrapilhos,
Silenciosos e ateus,
Zombam do Amor
E até de Deus!

A miséria
Quando atola
O homem nos seus negros labirintos,
Dá-lhe, também, a loucura
Dos mais trágicos instintos...

Agora, neste momento,
A noite —
É uma imensa realidade...

E eu julgo ver a Justiça
Afundar-se na penumbra
Da sua inútil verdade.

Alentejo — 1936.

ANTÓNIO BOTTO

Que saibamos, nunca foi incluída em qualquer obra do autor das *Canções* a poesia ao lado transcrita e que saiu em apêndice de *Imagens do Alentejo — documentário da vida alentejana* (1936), do então jovem jornalista Henrique Zarco, que não tornaria a publicar trabalho algum. O livro constitui o 2.º volume da Colecção «Amanhã», editada em Lisboa por Miguel da Cruz (o 1.º, de 1934, fora *Dez Novelas, Dez Novelistas*, colaborado por José Rodrigues Miguéis, Augusto Ricardo, Fausto Duarte, Guedes de Amorim, Hugo Rocha, Julião Quintinha, Augusto Pinto, Artur Portela, Humberto Ribeiro e Artur Inez).

Retrato de António Botto, por Eduardo Malta (reproduzido na revista «Autores» — Colecção do dr. José Galhardo)

Imagens do Alentejo possui também a particularidade de ter sido a estreia, como ilustrador, do nosso saudoso Manuel Ribeiro de Pavia, que fez a capa e os extratextos.

O poema de Botto não tem comparação com os publicados nos últimos anos da sua vida no Brasil, em que os maus fados implacàvelmente castigaram o poeta que tivera, no seu país, na remota época de 1920, a audácia de ser o primeiro a desnudar com perfeita naturalidade, sem «nunca pedir desculpas» — como Fernando Pessoa sublinhou —, o seu complexo caso sentimental, e cujos versos são ora de exaltação

(Continua na 7.ª página)

Congresso internacional de literatura juvenil

Professores, escritores, editores e bibliotecários, vindos da Áustria, da Suíça, da Checoslováquia e da Alemanha, reuniram-se recentemente no Instituto Internacional na ilha de Mainau, no lago de Constança, para discutirem dois problemas: «Como se pode fazer chegar o bom livro juvenil ás mãos do leitor?» e «Como poderá o jovem leitor encontrar o caminho que o conduz a esse livro?».

Os participantes concordaram em que o caminho que leva ao bom livro não devia ser apenas o caminho do ensino, mas também a consciência de existir um tesouro inesgotável. Com a participação dos congressistas mais jovens, elaborou-se um catálogo das possibilidades que vão da actividade dos pais e da escola até á rádio e á televisão. Dez autores europeus e asiáticos escreveram em cooperação internacional o livro «O segredo do gato cor de laranja», apresentado como exemplo de uma coordenação internacional. A dr.ª Wilhelmine Lussnigg, de Viena, realçou que também no livro infantil e juvenil fantástico residia uma ampliação legítima das possibilidades de vivência.

DOIS AUTÓGRAFOS DE CECÍLIA MEIRELES

—A GRANDE POETISA DA LÍNGUA PORTUGUESA

por MARQUES GASTÃO

Cecília Meireles ao desembarcar no Aeroporto de Lisboa. Da esquerda para a direita: Rachel Bastos, a esposa de Diogo de Macedo, Cecília Meireles e Diogo de Macedo

Mexer, remexer em livros e em papelada antiga é um prazer, onde se mistura a saudade e a amargura. Uma palavra que se recorda uma imagem que regressa, um símbolo que se tracejou para um viver decepado pela maldade humana, e também palavras injustas que se leram de amigos injustos e precipitados ou palavras violentas e de ódio á solta, sem cadeias que a lei possa conter... e por entre tudo isto, uma madeixa de cabelos loiros entre duas páginas, a lembrar uma criança que se tornou mulher, uma carta amarelecida pelo tempo onde as letras esmaecidas nos falam de um amor perdido nos anos... e apontamentos vivos de coisas mortas e palavras mortas a falarem-nos de coisas vivas... o sonho e a grandeza da vida, por entre caricaturas humanas que estão diante dos nossos olhos a fazerem-nos arremedos, por entre olhares dos que nos perseguem e nos ameaçam e nos esperam á esquina de uma rua... a rua grande de todas as traições, mas ao fim da qual se ganha a serenidade que nos dá a qualidade de se ser Homem, na sua autenticidade e plenitude...

Tudo isto se baralhou na minha cabeça ao dar com dois autógrafos de uma escritora e poetisa — Cecília Meireles — que muito estimei e muito admirei e ouvi e entrevistei algumas coisas e aqui neste mesmo lugar deixei expresso o amargor pela sua morte, reconstituindo os diálogos que com Cecília tivera, tanto no Rio de Janeiro, na sua casa das Laranjeiras, como em Lisboa, lado a lado desse meu querido amigo José Osório de Oliveira, de sua esposa, a poetisa Rachel Bastos, e desse grande e magnífico escultor que se chamou Diogo de Macedo.

A vida é um dom precioso. Mesmo que no-lo queiram roubar servindo-se de todos os meios, de todos os pretextos, de todas as manhas e de todas as violências Vale sempre a pena viver. Mesmo que a tristeza nos tome, mesmo que a dor nos amargure, mesmo que percamos a alegria. O que importa é viver, estar de pé como as árvores e como as árvores morrermos de pé, depois de todos os temporais Mesmo quando caímos, sabermos o valor da queda, para exaltarmos a dignidade de se ser Homem. Homem, perante todos os pigmeus.

Pois eu bem posso dizer que me tem valido a pena viver. Há alegrias que a maldade não nos pode roubar. Como a de podermos remexer em papéis velhos reler palavras antigas, palpar o rosto de uma mulher na fotografia que nos ofereceu, tentar sorver ainda — mesmo pela imaginação — o perfume de uma flor que depositámos num livro antigo... Ou então, reler emocionado as palavras que essa grande poetisa — a maior da Língua Portuguesa —, que se chamou Cecília Meirelles, cujo marido, poucos dias depois da sua morte, me enviou uma formosa fotografia, em sépia, com amável dedicatória e autografada pela grande poetisa, — palavras, diziamos, que me escreveu, a despeito de tanto termos dialogado sobre problemas de Literatura, de Educação, de Arte e até de Política, Deus meu, e que arquivei em dois livros meus, como guardei algumas das fotografias em que a vejo, como agora, a meu lado, de belo sorriso e voz de tonalidades diversas, mas sempre tão profundas como a sua alma, cheia de ternura pelas crianças, cheia de afecto pelos amigos, alma sem ressentimentos, alma aberta a todas as belas coisas da Vida, desta vida que vale a pena viver, mesmo sofrendo, mesmo chorando, como ela me dizia, nas Laranjeiras... Pois vale, minha amável Cecília! E vale pelos encontros humanos que tivemos, pela compreensão viva de sentimentos e de ideias, sejam elas quais forem, que a tolerância é ou deve ser norma das relações entre os homens e não gume afiado de ódio e de perseguição, trapaceírice ou desvergonha, misériazinha moral a esconder-se no poderio provisório, seja ele o que for e esteja onde estiver...

Creio que, embora Cecília Meirelles tenha morrido há pouco, a revelação e publicação destes dois autógrafos se reveste de enorme importância, para o conhecimento mais detalhado do amor que a grande poetisa tinha a Portugal e do afecto que dedicava a todos os portugueses

O primeiro autógrafo tem a data de 15 de Outubro de 1951 foi escrito em Lisboa, no Aeroporto da Portela, na secretária onde então trabalhava, e nele se vêem as seguintes palavras: «Estes portugueses, com a sua ternura, já estragaram hereditàriamente o meu coração; e, ainda que me quisesse regenerar, não posso, porque continuam a estragar-mo cada vez mais.»

Cecília Meirelles agradecia, deste modo, a todos os seus amigos que a haviam acolhido em Lisboa, onde permanecera relativamente pouco tempo. E posso neste instante afirmar que Cecília Meirelles tinha os olhos marejados quando escreveu aquelas palavras, onde perpassava também um certo desapontamento por algumas pessoas não terem entendido as razões da sua partida repentina...

O segundo autógrafo tem a data incompleta: 9/XII/ e creio que o rabisco seguinte será um 5 ou um 6, embora me incline mais para o primeiro, faltando completar o número Não posso, neste momento, referir a data exacta dessa visita de Cecília Meirelles — visita ou passagem por Lisboa —, mas creio poder fazê-lo, em breve, quando puder reconstituir elementos espalhados e que melancòlicamente ando a joeirar nestas evocações de uma época não muito distante...

Eis o que escreveu Cecília Meirelles no seu segundo autógrafo:

«Foi uma pena que o Destino não me permitisse realizar em Portugal o que tanto sonhei: viver em festa com os meus amigos. Não compreendo por que não mereci tal favor, tendo sido sempre amiga tão fervorosa e leal desta terra e destes Poetas. Isso aumenta a minha saudade, ao partir, e só me resta a esperança de voltar outra vez, e de tudo ser então, diferente.»

Diferente era Cecília, essa magnífica poetisa que nos disse, um dia, o que pensava da Poesia:

«A Poesia é a coisa séria do Mundo! Muito séria, repare bem! Tudo o que é grande, belo, extraordinário, raro, invulgar, transcendente: tudo o que atinge o excepcional para roçar pelas barreiras do infinito quando lá chega, tudo isso é Poesia...»

Cecília Meirelles era uma Poetisa, na essência da sua Vida mais íntima O perfume da sua Poesia — que era a Poesia de nós todos, humanos — estava nas suas palavras, nos seus versos, na sua voz que cantava como no seu coração que chorava — mas aquele choro de serena e nobre evocação de penas que se cumprem para merecer a graça de se viver esta Vida que, apesar de dura, merece a pena ser vivida

MARQUES GASTÃO

Foi uma pena que o Destino não me permitisse realizar em Portugal o que tanto sonhei: viver em festa com os meus amigos. Não compreendo por que não mereci tal favor, tendo sido sempre amiga tão fervorosa e leal desta Terra e destes Poetas. Isso aumenta a minha saudade, ao partir, e só me resta a esperança de voltar outra vez, e de tudo ser, então, diferente.

Cecília Meireles

9/12/5

Éstes portugueses, com a sua ternura, já estragaram hereditàriamente o meu coração; e, ainda que me quisesse regenerar, não posso, porque continuam a estragar-mo cada vez mais.

15 de Outubro de 1951

Cecília Meireles

Lisboa

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Aven. Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

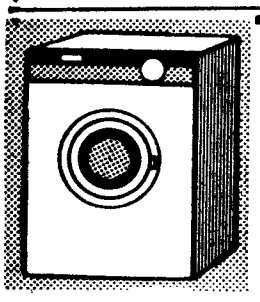
Telefones: 72 76 54 - 72 49 75

LISBOA

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av 5 de Outubro, 203 r/c — Telef 771639

(Ao Campo Pequeno)



MÁQUINAS DE LAVAR E ENXUGAR ROUPA

TOTALMENTE AUTOMATICAS

MAIS BARATAS DO QUE NUNCA

FRIGAS — R. MARIA, 43-C

BARROS

a qualidade à sua mesa

BRANDY

agente em Lisboa

FERREIRA & SILVA LDA

rua de S. João da Praça, 91

Tel: 86 95 49

ACTIVIDADE EDITORIAL

Um empreendimento cultural de grande oportunidade: — Os textos da «Questão Coimbrã» apresentados por Alberto Ferreira

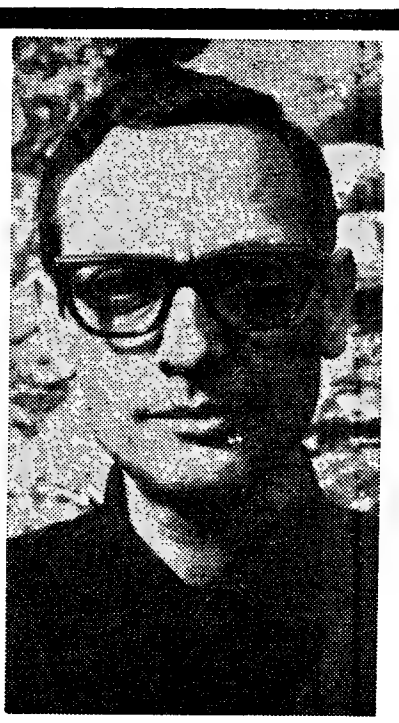
A Portugália Editora pôs á venda, recentemente, o 1.º volume da obra «Bom Senso e Bom Gosto — Questão Coimbrã, 1865», que reunirá os textos integrais da célebre polémica em que se demarcou uma fase fundamental da renovação da mentalidade e da cultura portuguesas. Na sequência em que se desenrolou esse relevante debate de ideias e de correntes estético-culturais, o volume inclui textos de António Feliciano de Castilho, Antero de Quental, Manuel Pinheiro Chagas, Manuel Roussado, Elmano da Cunha, Júlio de Castilho, Teófilo Braga, Rui Porto Carrero, A. Ferreira de Freitas, A. A. Teixeira de Vasconcelos e outros textos adicionais á polémica que vieram a lume em 1865. No segundo volume serão integrados os textos que se seguiram, no decurso de 1866.

A apresentação da obra foi confiada a Alberto Ferreira, ensaista e crítico filosófico-literário que já testemunhou em «Diálogos com a Realidade», «Ensaios — da Filosofia para a História» e «Diário de Edipo» a larguesa humanística da sua visão dos temas culturais decisivos do passado e do presente. O extenso ensaio de cento e vinte páginas que escreveu para esta edição é uma análise magistralmente construída, em que podem ser discutidas certas perspectivas ou escalas de valores culturais, mas que situa num enquadramento de vigorosa originalidade crítica e interpretativa as figuras e as tendências que se revelaram na «Questão Coimbrã».

Quanto á edição propriamente dita, assinalam Alberto Ferreira e Maria José Marinho, que trouxe a sua colaboração valiosa á pesquisa e reposição dos textos, que qualquer edição crítica de textos não contemporaneos põe, em Portugal, problemas de dificílima resolução, por vezes, mesmo, momentaneamente insoluveis». E acrescentam: «A falta de monografias que sirvam de apoio á investigação literária, o lamentável olvido a que se encontram votados autores e obras, a carência de elementos biográficos e bibliográficos recolhidos até agora, o caos da nossa Biblioteca Nacional, compensados, quanto é possível, por um ou outro funcionário dedicado e amável que vai ofertando, graças á memória atenta e privilegiada, informações preciosas ao investigador, doutra forma perdido ás cegas por ficheiros que desafiam a higiene e o bom senso, tornam a pesquisa uma aventura mais ou menos bem sucedida de acordo com o «faro arqueológico» do investigador e até com o factor sorte com que for grato aos deuses servi-lo».

Apesar de todos os obstáculos, o trabalho realizado é magistral, de uma oportunidade dificilmente excedível no panorama histórico-cultural que vem desvendar ou documentar e de uma pluralidade de sugestões intelectualmente criadoras que o largo publico interessado deverá consagrar.

Na nossa secção de crítica será feita, próximamente, a apreciação mais demorada que a edição e, sobretudo, o ensaio estimulador de Alberto Ferreira justificam.



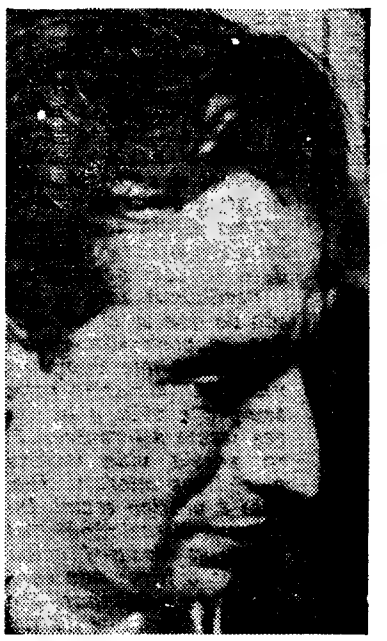
ALBERTO FERREIRA

«BASTARDOS DO SOL» DE URBANO TAVARES RODRIGUES EM 2.ª EDIÇÃO

Com pequeno intervalo, duas reedições de obras de Urbano Tavares Rodrigues — as de «As Aves da Madrugada» e «Bastardos do Sol» — vieram consagrar a presença viva e dinâmica do escritor na literatura portuguesa contemporânea. Essa presença não é apenas a que se impõe pela vitalidade criadora do autor, expressa numa obra extensa e vária, que a cada passo se renova.

Sob alguns ângulos fundamentais, a novela «Bastardos do Sol», que ressurge, agora, em 2.ª edição (a primeira data de 1959) assinala a constante e vigorosa renovação de estilo, no mais longo sentido do termo, que demarca os ultimos livros de Urbano Tavares Rodrigues. Luís Francisco Rebelo, no rasgado estudo «Uma nova consciência romanesca», que figura no limiar desta nova edição, acentua oportunamente que «Bastardos do Sol» surge «no início da polémica acesa em torno do «novo romance».

A reedição de «Bastardos do Sol» é uma autêntica e eficaz reactualização que esclarece mais vivamente o roteiro criador do novelista.



URBANO TAVARES RODRIGUES

«Hospital das Letras» — novo livro de ensaio e crítica de David Mourão-Ferreira

A presença literária de David Mourão-Ferreira como poeta, novelista e até, mais recentemente, como dramaturgo, não pode nem deve obliterar a qualidade do crítico e do ensaista que marca relevantemente a sua personalidade intelectual. O volume de ensaios críticos «Hospital das Letras», agora publicado por *Guimarães Editores*, vem consagrar em multiplas direcções de interesse de cultura esse aspecto da obra de um escritor a que não pode recusar-se, para além de quaisquer discordancias, a validade fundamental.

Em «Hospital das Letras» reuniu David Mourão-Ferreira estudos críticos sobre Sá de Miranda, João Xavier de Matos, Bocage, Garrett, Cesário Verde, Jaime Cortesão, Mário Beirão, Fernando Pessoa e Sá Carneiro, Almada Negreiros, Cecília Meireles, Vinicius de Morais, Cabral do Nascimento, Osório de Oliveira, Tomaz de Figueiredo, Pedro Homem de Melo, Carlos Queiroz, Natércia Freire e outras figuras literárias do presente e do passado — e sempre com a inteligência crítica, a arte ensaística e a fecundidade de conceitos a que neste Suplemento, em outras ocasiões, se prestou a devida homenagem.

«Há neste livro um pouco de tudo», escreve o autor no antelóquio: «A matéria, no entanto, não deixa de apresentar rigorosa unidade, pois que se trata exclusivamente, no fim de contas, de um livro sobre poesia portuguesa; ou melhor: sobre poetas portugueses; ou melhor ainda: sobre poetas de língua portuguesa. São vinte, no conjunto, e cronológicamente escalonados ao longo de cinco séculos». A aparente dispersão temática tem, afinal, a unidade que mais importa — a da personalidade intelectual vivaz, aberta e criadora de David Mourão-Ferreira, numa trajectória de que se espera sempre mais e melhor.

A crítica literária deste Suplemento dará, em breve, mais demorada e personalizada apreciação deste livro de multímodas sugestões.

DAVID MOURÃO-FERREIRA

LIVROS DE POESIA

Foram, ùltimamente, recebidos neste Suplemento os livros de poesia de que se dá a seguir a sumária resenha, sem prejuízo de futura crítica possível:

☆ «Chão Nosso», de Francisco Viana. Edição do autor. Distribuidores Prelo Editora, Lisboa.

☆ «Enquanto Cresce este Rio Audaz», de José Manuel Mendes. Edição do autor, Braga.

☆ «No Tempo e no Espaço», de Margarida Ofélia. Edição da autora, Lisboa.

☆ «Inquietação», de Celeste Nogueira e Silva. Colecção Parnaso, Editora Lux Lisboa.

☆ «Quotidiano», de António Filipe Neiva. Edição do autor, Braga.

☆ «Poema 2», de Ângelo Ochoa. Edição do autor, Coimbra.

☆ «Et Cetera», de Luís Lello. Edição do autor. Porto.

☆ «Exílio Voluntário», de Nuno Bermudes, Colecção Poesia Moçambicana, Beira, Moçambique.

ESCAPARATE

(De 30 Jan. a 6 de Fev. 1967)

Autores portugueses

Título—«O Galante Século XVIII»
Autor — Aquilino Ribeiro.
Editora — Livraria Bertrand.
Colecção — Obras Completas de Aquilino Ribeiro.
Número de páginas — 346.
Preço — 50$00

Título — «Notas para a História do Socialismo em Portugal» — Vol. II (1895-1925).
Autor — César Nogueira.
Editora — Portugália Editora.
Colecção — Portugália, 19.
Número de páginas — 296.
Preço — 45$00.

Autores estrangeiros

Título — «O Grande Circo» (Memórias de um piloto francês de caça na R. A. F.).
Autor — Pierre Clostermann.
Tradutor — David Augusto Ramos Filho.
Editora — Flamboyant (S. Paulo).
Colecção — Aventuras Vividas.
Número de páginas — 380.
Preço — 100$00.

Título — «O Preço da Guerra».
Autor — Hans Killian.
Tradutor — Valeriano de Oliveira.
Editora — Flamboyant (S. Paulo).
Colecção — Aventuras Vividas.
Número de páginas — 266.
Preço — 75$00.

UNION DES FOIRES INTERNATIONALES

VISITE A FEIRA DE FRANCFORT

De 26 de Fevereiro a 2 de Março

Quem quer vai! Quem não vai ... só tarde se apercebe!

O conhecimento directo do progresso do comércio e da indústria, abre ao moderno homem de negócios novas perspectivas.

A SABENA VOA NO RUMO DA SUA PROSPERIDADE

SABENA
BELGIAN World AIRLINES

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

ATILA-S8

ANOTAÇÕES

Um filme perturbador

PIERROT LE FOU: eis um filme que exerceu em mim uma sedução excepcional. Sem dúvida de um tipo e densidade diferentes das de O Deserto Vermelho *ou, sobretudo,* Oito e Meio. *Mas, de qualquer maneira, excepcional. Porquê?*

Primeiro decerto pela escrita muito pessoal, fresca, límpida que Godard nele revela. Depois (?) pela exemplaridade da história que nada tem de «louco».

Um homem extremamente desmembrado que anseia pela sua unidade perdida, eis o que explica a estranha aventura deste Ferdinand-Pierrot e desta Marianne e justifica todas as felizes surprezas duma linguagem que só a um olhar desatento poderá parecer arbitrária.

Ferdinand tem a impressão de que os olhos, os ouvidos, a boca são «máquinas separadas que deviam estar unidas». Marianne sofre por sempre a vida e os romances serem diferentes». Pintura, poesia, vida sentimental e códigos morais, filosofia, arte e prática social, tudo se afigura dissociado num mundo cujas circunstâncias históricas o filme não se cansa, aliás, de sublinhar. Mostrar o que internamente liga todos esses elementos, servindo-se, para isso, da própria agressividade que os contrapõe, é o intento de Godard.

Todo o filme é uma festa para os olhos. Inesquecível o enquadramento em que a cabeça de Anna Karina, em grande plano, à direita do écran, se equilibra com a pequena reprodução de Renoir, à esquerda, ao alto, separadas pelo belíssimo verde liso da parede que as une.

Mas nenhuma das reproduções de Picasso, Van Gogh, Renoir, Matisse estão ali como elementos linguísticos meramente acessórios. A utilização do retrato de Paulo vestido de Pierrot, *de Picasso, atrás da cabeça de Ferdinand (não Pierrot), os de* Sylvette e Jacqueline, *também Picasso, na cena violenta do hotel ou o de Rimbaud quando se fala do peso das palavras no silêncio, é surpreendente. E integra-se numa escrita que reconduz o objecto a uma visão objectiva que nada tem de exterior (nomeadamente na cor ou nos vários usos que Godard dela faz), com uma vivacidade conseguida por uma multiplicidade de opções inteligentemente articuladas: a narração elíptica, de cortes e saltos muito hábeis (o próprio* flash-back *é momentâneo e incisivo); o choque violento que não se explora mas marca (o morto de bruços na cama, por exemplo); as antecipações na descrição (o automóvel que corre antes de a fuga começar) e o humor. O humor, que vai da nota pungente («Ce que je voudrais vous dire...» diz Ferdinand ao público, mas suspende-se, não vale a pena, é inútil) à ironia sorridente sobre a própria história(Pierrot, ao volante, voltando-se para falar aos espectadores sobre a futilidade da companheira), à sátira mordente (o espectáculo improvisado para os americanos) ou à superficialidade «teatral» da cançoneta no paraíso transitório da floresta.*

Um homem e uma mulher diferentemente corroídos por uma sociedade irrespirável tentam fugir-lhe — ele, a uma vida familiar e social (mas muito mais que isso) que o algema por dentro; ela, à rede terrível do contrabando de armas (e muito mais que isso) em que está envolvida: «la vraie vie est ailleurs»... A convicção de que basta carregar no acelerador dum carro para apagar tudo o que fica para trás junta precàriamente estes dois náufragos que talvez se amem, guardando, contudo, a certeza de que esse amor «é uma coisa sem futuro».

Mas, mal a fuga começa («une saison en enfer»), a rede de que querem libertar-se mais e mais se aperta à volta e dentro deles. O tédio ronda. «Je ne sais quoi faire!», grita Marianne na imensa praia deserta transformada em prisão, enquanto o Ferdinand que permanece em Pierrot tenta encontrar-se, escrevendo.

Fugir para longe. Para mais longe. Mas, por mais longe que cheguem, os tentáculos do que só ilusòriamente fica para trás têm Marianne bem presa. E, com ela, Pierrot, que encontrara muito antes no espelho «a cara dum tipo que vai lançar-se num precipício a 100 à hora». «Sabes que romance devias escrever?», diz Marianne a Pierrot. «O de alguém que passeia em Paris e vê a morte; que foge para o Sul e quando chega ao Sul a encontra».

É durante a fuga que Ferdinand (não Pierrot) descobre que «nous sommes arrivés à l'âge des hommes doubles: il ne faut plus de miroir pour parler seul», que «nous sommes des morts en permission», que «nous sommes faits de rêves et les rêves sont faits de nous». E se enreda cada vez mais nas malhas do imenso bando de Marianne, que não são muito diferentes das dos bons lugares que ele recusara.

«Je m'en fiche de tout», diz-nos Marianne, «même de l'argent». E, no entanto, é ainda a teia do dinheiro, que ambos desprezam, e seus abismos que a arrastam. E de que se liberta Ferdinand? Depois de matar Marianne, no momento anterior a suicidar-se (e pintar na própria cara a máscara de Pierrot), Ferdinand telefona para Paris (onde toda a gente esqueceu o nome de Balzac) para saber da mulher e da filha. Mas já não é Ferdinand nem Pierrot: «Não é ninguém».

Pierrot le fou *é uma descrição crítica da realidade e uma fábula. Mas nem descrição do tipo da de um Luntz em* Les coeurs verts *nem fábula excessivamente à La Fontaine como* Farenheit 451. *de Truffaut.*

Descrição crítica da realidade, o filme de Godard mostra de forma imaginosa e muito bela, o homem rebelando-se contra o seu próprio desmembramento, mas estrebuchando apenas. É sedutor e terrível. Ao contrário, porém, do Cul-de-sac, *de Polanski, o que ele diz a esse homem (todos nós) não é que não há saída possível. Mas que a saída, se acaso (quanto a Godard) existe, não pode ser aquela.*

MÁRIO DIONÍSIO

«Canção da Rua», guache de José Penicheiro

JOSÉ PENICHEIRO

Pelo seu desprendimento de escolas ou de opções entre as correntes que disputam os caminhos válidos da arte no nosso tempo, José Penicheiro é um artista popular. Mas popular, verdadeiramente — e aqui por opção convicta—é também pela sua vocação deliberada de procurar nas figuras e nas cenas do viver do povo os seus temas de original desenho e de flagrante captação do real, mesmo na «charge» mais acentuada. «Zé» Penicheiro abriu há dias a sua exposição, com 34 trabalhos, não numa sala convencional ou galeria mas, sempre popularmente, num «stand» de automóveis da Rua Sá da Bandeira, 501, no Porto, onde numeroso publico tem apreciado a espontaneidade, o realismo claro e o sentido caricatural ou dramático da sua arte sem artifícios.

Reproduz-se, a seguir, a nota de abertura do catálogo desta exposição de José Penicheiro.

«Os meios artísticos andam muitíssimo debruçados sobre uma pintura ou eivada de academismos ou de epigonismos vanguardistas. Acontece, porém, que nem todos os artistas acham boa nem uma nem outra atitude. Alguns deles recusam-se, por igual, ao academismo dos valores feitos e estereotipados e ao epigonismo das «novas vagas». Sente-se que há algo de *diferente* a dizer — algo talvez não tão sensacional, oportuno e elaborado mas, de qualquer modo, talvez mais emocionante, genuíno e humano. E, por isso, reivindica-se um lugar ao sol. Um lugar de convívio com o publico, no qual possam confrontar-se uma pintura pessoal com os produtos de uma arte de salão, sofisticada e tantas vezes de «mensagem» frouxa ou mesmo estéril... porque se afasta do povo autêntico e dos seus dramas quotidianos. O gosto do publico da pintura deverá abrir-se para admitir uma arte bastante desprovida de rebuscamentos formais, uma arte de textura o mais possível singela mas que apreenda o nosso mundo real e as figuras humanas que o povoam. Convém ainda que a pintura saia dos salões e venha para a rua, para o «stand», para, enfim, toda a nossa vida. O artista está no mundo e em relação íntima com ele. Esta exposição compreende, significativamente, imagens captadas ao longo da faixa litoranea portuguesa, do Sul a Norte. Não se pretende negar nada a ninguém; pretende-se simplesmente ser *como* se é, descobrir a originalidade de um caminho pessoal, mesmo em risco de chocar com preconceitos mentais e modas artísticas do momento».

VINTE ANOS DE ARTE SUÍÇA

A pintura e escultura de autores suíços, de 1945 a 1965, constitui o tema de uma exposição organizada pelo museólogo Hans Curjel, de Zurich, que vai percorrer diversas cidades estrangeiras. O conjunto abrange 37 pintores e escultores, suíços natos, emigrados, assim como imigrantes, que expõem 120 trabalhos representativos da pintura e escultura suíça como reflexo da arte contemporânea. A exposição de trabalhos de três vultos de grande relevo, falecidos este ano, caracteriza a situação na Suíça: Alberto Giacometti não pertence apenas ao cantão de Chur; Le Corbusier emigrou para a França; e Zoltan Kemeny nasceu na Hungria. O crítico de «Welt» evidenciou o alto nível da exposição: «Sente-se um equilíbrio baseado na eficiência e na solidez — talvez um elemento tipicamente suíço».

«ADEUS A PICASSO?»

No artigo «Adeus a Picasso?», publicado no nosos ultimo suplemento, com o qual Mário Dionísio encerrou a série que dedicou á «Homenagem a Picasso», ocorreram os seguintes lapsos que merecem correcção pelos equívocos que podem suscitar:

Onde se lê: «Se acham que sim, em certos meios...» deve ler-se: «Se acham que sim, não o digam muito alto em certos meios...».

Finalmente, onde se lê «Pierre Reverdy» deve ler-se «Pierre Restany».

«PÁGINAS ESCOLHIDAS DE CRÍTICA E ESTÉTICA MUSICAL» – de Fernando Lopes Graça

Das celebrações do 60.º aniversário de Fernando Lopes Graça, que tiveram a presença e a audiência de tudo o que é intelectualmente e artísticamente válido no País, vai ficar lembrança perene e, além do mais, este livro revelador da personalidade do maestro e do escritor. A edição de «Páginas Escolhidas de Crítica e Estética Musical», agora apresentada pela *Prelo*, documenta em variadas perspectivas a trajectória criadora de uma figura sem paralelos na nossa cultura contemporanea — pela aliança do talento criador na musica com a inteligência do crítico e do intérprete na realização literária.

Em notas preambulares ao volume, João de Freitas Branco e João Gaspar Simões traçam, cada um á sua maneira e sob o seu angulo de visão pessoal, o perfil de Fernando Lopes Graça. Com a sua profunda e viva cultura de musicólogo, aqui particularmente enriquecida por um dom fecundo de compreensão humana, Freitas Branco desvenda penetrantemente diversas direcções do multifacetado prisma em que se desdobra a personalidade do maestro. «Sem duvida que Lopes Graça — escreve o comentador — pertence ao numero dos artistas cultores do racional. Mas o seu racionalismo inclui a consciência de que, em cada momento da evolução histórica, os limites do saber não constituem a fronteira da cognoscibilidade». E, a terminar:

«Como síntese final, direi que, ao contrário de muitos artistas contemporaneos, cuja mentalidade parece imbuída de medievalismo, Fernando Lopes Graça não abdica de uma das maiores conquistas da modernidade, a saber: a verificação por via empírica (na qual se inscreve a experiência vivencial) e a sempre que necessária correcção dos conhecimentos mais ou menos organizados em provisória teoria; e que aplica essas aquisições (nas quais incluo, evidentemente, as de natureza artística) segundo uma ética de progresso social, tendente a um clima de entendimento e de equidade. Uma

A QUEREL

(Continuação da 1.ª página)

tém de criticar a Nova Crítica. Acha que ela vale mais pelas suas perguntas do que pelas suas respostas. E é erradamente que a acusam de ser filosófica, tanto mais que pretende ser científica. Como a crítica «antiga», visa também a objectividade, mas interpretando esta numa acepção mais profunda e procura alcançá-la por diversas vias. A tendência de um estruturalismo á maneira de Barthes é para dar conta da obra por meio de uma combinação de figuras e de signos operatórios — afinal por uma espécie de álgebra. As relações de significação são estudadas no interior da linguagem como «válidas» na medida em que são coerentes e não por serem «verdadeiras» em relação a uma realidade exterior á linguagem. O tema é eliminado, como nas análises de Lévy-Strauss. O *eu* não é

Mais um acontecimento consagrador para Pierre-Henri Simon

Distinguido, há pouco, com a eleição para a Academia Francesa, o escritor e crítico literário de «Le Monde», Pierre-Henri Simon obteve agora um novo galardão consagrador: o Grande Prémio Literário de Seine e Oise, fundado há seis anos pelo Conselho Geral deste departamento da França, que foi atribuído ao escritor pelas referências que se incluem na sua obra á região de Seine e Oise. O prémio é de 6000 francos, ou seja, cerca de 36 contos.

FERNANDO LOPES GRAÇA

atitude essencialmente não dogmática e não apriorística, mas assente em postulados que, em ultima análise, são de ordem moral.»

João Gaspar Simões, por seu turno, põe em esclarecido destaque a relação entre literatura e musica que Lopes Graça tem contribuído, como ninguém o havia ainda feito tão poderosamente entre nós, para fortalecer e estreitar: «O seu nome quer nas letras, quer na musica, representa qualquer coisa de muito importante na transformação que se operou no estado da cultura musical portuguesa. Fernando Lopes Graça foi ao mesmo tempo um precursor e um paladino. Aproximou as letras da musica e a musica das letras. Grande criador musical, os escritos coleccionados neste volume antológico atestam de maneira concludente que ele é um extraordinário prosador e um penetrante ensaísta.»

A colectanea de textos de Fernando Lopes Graça inclui uma série extensa e eloquente de crónicas, artigos, ensaios breves, anotações circunstanciais ou perenes, sobre a evolução das formas musicais, a musica portuguesa, a língua e a musica, a personalidade artística e a obra de Hindemith, de Viana da Mota, de Schoenberg, de Falla, de Ravel, de Wagner, de Verdi, de Bartok, de Mozart, de Schumann, de Bach, de Stravinski, etc. Na própria diversidade dos temas, com a unidade do pensamento, da cultura e da força artística que os alimenta, se reconhece e admira mais longamente, neste livro, a extraordinária figura do Portugal de hoje que é Fernando Lopes Graça.

Exposição de «Guima» (António Guimarães) na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Abriu em 10 de Fevereiro corrente e estará patente ao publico até ao dia 19, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, uma exposição de pintura do artista nortenho António Guimarães «Guima», que apresenta dezasseis composições a óleo bem representativas do seu actual estilo. Nascido em Guimarães em 1928, o pintor fez os seus estudos artísticos na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis e na Escola de Belas-Artes do Porto, frequentou em Paris a Academia Raspail, sob a orientação de Goetz e expôs individualmente no Porto, Guimarães, Lisboa, Coimbra, Corunha, Madrid, Luanda, Lobito e Nova Lisboa e em certames colectivos de Guimarães, Porto, Aveiro, Antuérpia, Estoril, Lisboa, Pontevedra e Paris. Está representado no Museu Nacional Soares dos Reis, Museu Alberto Sampaio, Museu de Angola, Museu de Nova Lisboa, Museu de Ovar, Camara Municipal de Lobito e em várias colecções particulares nacionais e estrangeiras.

Combinando seguramente a mancha cromática e jogando subtilmente as sombras, consegue Guima nas suas telas uma figuração de grande expressividade que mantém as livres opções do abstraccionismo. É um artista que está a construir-se com personalidade e com persistente trabalho. Para o catálogo da exposição agora presente na Sociedade Nacional de Belas-Artes escreveu Flórido de Vasconcelos uma apresentação que a seguir se transcreve:

«A pintura de Guima é uma das mais concludentes provas que conhecemos do acerto do filósofo que disse ser a Arte uma intensificação da Vida. Se é verdade que a nem todas as manifestações artísticas se poderá aplicar esta definição (tão variado e extenso é o campo em que o Homem pode exprimir a sua capacidade de fazer Arte) neste caso a profunda e misteriosa ligação da imagem pictórica com o ritmo vital que a determina e impõe, assume um carácter quase obsessivo, no constante desabrochar e fluir de uma vitalidade insofrida, rebelde, mas subjugada.

Não se trata evidentemente, de uma imitação da Vida — esse impossível e insensato sonho de alguns. Mas sim de uma querer fixar e traduzir certos momentos, certos pontos de uma curva tumultante e fugitiva, certos lampejos do fulgor vital que cerca e banha o próprio Artista. E porque tem de haver escolha, premeditação, decerto terá de haver uma necessária, uma fatal intensificação da força luminosa desses relampagos da Vida. E quem conhece a pintura de Guima, fácilmente encontra no caminho andado, os sinais, os estigmas dessa luta, quase desesperada, em certas ocasiões, para agarrar a forma adequada — a forma em toda a sua complexidade: desenho, cor, luz, volume, matéria, composição...

E, também, não se trata de uma sujeição brutal dos elementos vitais a fórmulas sem significação orgânica, a esquemas impostos do exterior. A compreensão ou a intuição do Artista daquilo que convém ao seu modo de exprimir o seu conhecimento do Homem e do Mundo, vai-se tornando cada vez mais subtil, mais profunda, mais grave, mais amorosa, menos brusca.

É curioso notar como as formas da actual pintura de Guima são mais próximas das formas orgânicas (sem que isso implique qualquer tentação do realismo), menos agressivamente contraditórias e, por isso mesmo, mais fortes, mais sólidas, mais expressivas. E, ao mesmo tempo, mais acolhedoras, mais humanas, mais leves.

Paralelamente, a sua evolução cromática acompanha, com inteireza e felicidade, esse caminhar num sentido que, de algum modo, poderemos chamar lírico — um lirismo que se não aparta da força nem de certa rude frescura tão peculiar da pintura de Guima.

E este difícil casamento, que atinge agora dimensões verdadeiramente invulgares, faz-se com um pessoalíssimo sentido de luta e de rebeldia, uma tenaz busca de meios próprios, impaciente procura de um caminho que se não desvia de sacrifícios e de experiências. Mas, não o declarou já Étienne Sourian ao caracterizar a criação artística: «Dramática e perpétua exploração, de preferência ao abandono ao caminho espontâneo de um destino?».

FLÓRIDO DE VASCONCELOS

«Órfãos», óleo de Guima

«Pierrot», óleo de Guima

Um «auto» moderno em estilo vicentino de Armando Martins Janeiro

Armando Martins Janeiro, nosso brilhante colaborador que tem dado em sucessivas crónicas neste Suplemento a sua visão culta e eloquente da arte oriental, acaba de publicar (*Edições Ática*) o auto em três actos «A Grande Feira do Mundo». Em verso dialogal, com fluência rara e com humor que melhor ressalta os contrastes dos desconcertos do mundo. Martins Janeiro ergue uma estrutura teatral que conjuga hábilmente o satírico e o dramático e desmascara sem indulgências algumas realidades flagrantes do nosso tempo. Em muitos aspectos se afigura inesperada, no seu vigor e na sua originalidade esta criação que se gerou sob o signo de Gil Vicente — mestre das «virtudes lucidas do riso» ante um «mundo absurdo e triste» que continua sendo, como sempre. uma «Floresta de Enganos»

Na galeria de personagens que vão desfilando em diálogo e, por vezes, em monólogo de incisivas invocações, o próprio Gil Vicente abre o desfile expressivo, poeta e jogral que desafia para a feira das verdades os multiplos epígonos, grandes e pequenos, que enchem o tablado do mundo. A «charge» maliciosa ou até agressiva não perdoa, na singular composição teatral de Martins Janeiro, as falsas grandezas, as fatuidades, as ambições mesquinhas, as protérvias mascaradas de virtudes e de nobres intenções. E, no final, é a própria figura do Cristo que vem exprimir, entre, os ofensores e os ofendidos, a aspiração do resgate do homem entre as misérias que o aviltam. A cadência animada e flagrante em que se desenrola o «auto» e a naturalidade e facilidade da declamação rimada atestam a espontanea inspiração que fez nascer a peça e a trouxe audaciosamente ao apreço do publico.

Armando Martins Janeiro tomou, com «A Grande Feira do Mundo», o caminho difícil do teatro para leitura num estilo de melindrosas exigências. Sob muitos aspectos, a experiência é francamente positiva e de aliciante interesse.

A IRRADIAÇÃO DA OBRA DE FERNANDO NAMORA NA ALEMANHA

Foi há tempo publicada na Alemanha uma selecção de narrativas de Fernando Namora que reune textos escolhidos dos livros «Cidade Solitária» e «Retalhos da Vida de um Médico» (2.ª série). O volume, que se destina a um largo publico interessado na obra do escritor português, já representada em outras traduções alemãs, tem o título «Es hat an Vorabend Geregnet» e foi incluído na colecção *Biblioteca Universal*.

Entretanto, num significativo testemunho da projecção da obra de Fernando Namora, a Rádio alemã começou a difundir adaptações teatralizadas daquelas narrativas tendo já apresentado aos radiovintes as histórias intituladas «Tinha Chovido na Véspera» e «O Rapaz do Tambor».

É este o segundo livro de Fernando Namora adaptado á radiodifusão na Alemanha.

Luís Sobral

Histórias Maldosas

«O aparecimento de «Histórias Maldosas», de Luís Sobral, no fim de Dezembro, foi um acontecimento assinalável. Livro jovem, agressivo, desigual mas inteligente, incisivo, mental, revela a natureza de um moralista (não de um moralizador) e a pena de um ficcionista de futuro».

Urbano Tavares Rodrigues

(Pedidos a Atlântida Editora, Coimbra)

EREIA DA «NOVA CRÍTICA»

(página)

o *autor* mas o *lugar* da palavra. Segundo Freud, interpretado por Lacan, o discurso do inconsciente articula-se fora do tema. Em Mauron e Goldmann, que se inspiram respectivamente na psicanálise e na sociologia marxista, acontece a mesma coisa. Não foi Lucien Goldmann quem escreveu que «os verdadeiros temas da criação cultural são os grupos sociais e não os indivíduos isolados»?

Toda a dificuldade vem a residir, afinal, no facto de que os diversos métodos científicos são igualmente verdadeiros. A contribuição de Barthes é tão definitiva como a de Goldmann para a interpretação de Racine. O que não parece fácil é conceder situação de privilégio a qualquer desses métodos relativamente aos restantes. E não há uma Nova Crítica — mas várias Novas Críticas. A pior das soluções seria, todavia, pretender misturá-las num eclectismo. O que pode exigir-se de cada um é que se realize plenamente, que faça «render» á linguística, á psicanálise, á sociologia, tudo o que elas podem dar. Cada leitura terá de ir até ao fim das suas possibilidades. Mas não conduzirá este perspectivismo a um ceptícismo? A pesquisa da objectividade científica não poderá levar também a um outro subjectivismo? Esses são os perigos de uma visão puramente científica da literatura — visão que é preciso superar, não pelo imperialismo de uma ciência ou a justaposição de várias ciências, mas por uma finalidade filosófica existencial que não seja escrava de um sistema.

Não existe, evidentemente, um Racine *em si*, mas uma obra — e, sobre esta obra, uma multiplicidade aberta de perspectivas. Afirmar que a obra não é *uma coisa* equivale a demonstrar que é um projecto humano. Interrogá-la é o mesmo que pretender alcançar, através dela, o apelo de um espírito ao nosso próprio espírito. A crítica é aproximação — intenta aproximar-se do tema fundamental da obra. A crítica científica, por conseguinte, deve desembocar numa crítica temática, que a utiliza mas que a ultrapassa. O tema é a coloração de toda a experiência humana, no nível em que põe em jogo as relações fundamentais da existência, ou seja, a maneira particular como cada homem vive a sua relação com o homem, com os outros e com Deus — e é essa escolha de ser que se situa no centro de uma visão do mundo. A crítica faz falar esse discurso que é a literatura, não para a parafrasear mas para se lhe acrescentar. Revela o que se esconde e estabelece o acordo entre o que se entrega e o que se furta, referindo o explícito e o implícito á totalidade da expressão.

O crítico, afinal, é o parteiro do escritor, ao mesmo tempo que dá á luz uma verdade trans-histórica que se manifesta em formas históricas. A obra literária não é uma existência espacial mas temporal. Através de um sentido particular o autor visa todos os sentidos humanos possíveis. E a única marca segura de uma grande obra é o que se propõe nela de uma forma de experiência universalizável. À medida que a humanidade adquire maior experiência na sua história, vai descobrindo mais coisas nas obras-primas da arte — não o que não estava nelas, mas o que não tinha sido ainda compreendido e revelado. A história é sempre uma perspectiva do presente sobre o passado. Assim se percebe que, ao mesmo tempo que o livro de Doubrovski surja uma outra grande obra de Jacques Garelli sobre «La Gravitation Poétique», incidindo especialmente sobre a imaginação e o tempo e considerando a imagem poética como «expressão sonora do tempo que se vai fazendo a si-mesmo».

Tais livros vão, sem dúvida, ao fundo das preocupações contemporâneas. Para compreender a importância e o valor da Nova Crítica basta ler algumas páginas de Michel Foucault sobre «Don Quichotte» ou «Le Neveu de Rameau».

O interesse da obra de Doubrovski consiste, sobretudo, em situar essas «novas críticas», em demarcar os seus limites. Para quem não se colocar aquém das pesquisas modernas, mas sim no seu centro, toda a questão reside em saber se a linguagem literária não é mais que um sistema de sinais, sem a essência de qualquer mensagem e ùnicamente com uma estrutura formal. A tese de Doubrovski, que será paradoxal para muitos, não deixa de ser simples: os livros não *se* escrevem, alguém os escreve. E a filosofia do tema não está morta, decerto, porque um pensamento como o de Sartre inspira um tão profundo estudo.

Contra os exageros do estruturalismo, o autor demonstra que a linguagem não é absolutamente esgotada pela sua linguística e a significação pelo seu funcionamento. Escrever não é cindir-se do mundo para se encerrar na linguagem — é, pelo contrário, tentar encerrar o mundo na linguagem, *dizer o mundo*.

JEAN LACROIX

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Fevereiro de 1937 publicava:

«NOVA YORK, 16. — Foi presa a «mulher gangster», famosa ladra, que, desde o princípio do ano, sòzinha e de revólver em punho, entrou em quatro restaurantes de Broadway, roubando-os. A notícia da sua prisão causou sensação nesta cidade.

A «mulher gangster» é alta e loira. Entrava tranquilamente nos restaurantes, puxava de uma pistola e intimava o caixa a dar-lhe todo o dinheiro.

Assim, em pouco tempo, roubou cerca de 4 mil dólares. Trata-se de uma antiga dactilógrafa, Norma Parker, de 25 anos, que se encontrava actualmente desempregada.

Confessou ser autora dos assaltos, mas negou que tivesse a intenção de matar. Com efeito, apresentou a arma de que se servia — uma pistola do modelo das que costumam dar-se ás crianças. As munições para essa pistola eram de papel.»

ANEDOTAS

● **Um amigo visita o outro no seu escritório, e, mal entra, dispara-lhe:**

— Meu caro, estou desiludido contigo. Tinhas fama de ter secretárias bonitas. Mas esta...

— Pois é. Tinha realmente, mas casei-me com uma delas e agora...

★

● O visitante do jardim zoológico pergunta ao guarda da girafa:

— É verdade que uma girafa pode ficar doente da garganta quando tem as pernas molhadas?

O guarda olha-o e responde muito sério:

— Bem... Pode acontecer, mas uma semana depois da girafa molhar as pernas.

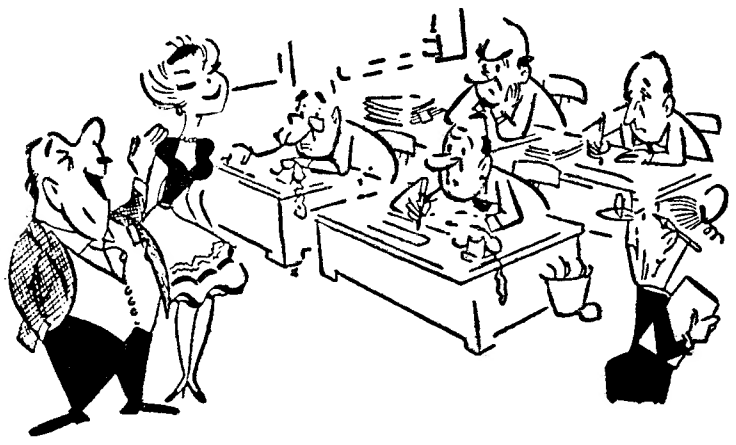
★

● **O filho chega a casa e mostra a caderneta das notas ao pai, que lhe diz:**

— Não tens vergonha? Olha que Napoleão, com a tua idade, era o melhor aluno da sua turma.

O filho:

— E com a sua, já era imperador...



— Espero que desistam do vosso pedido de aumento depois de eu trazer para a vossa companhia esta nova secretária

CURIOSIDADES

● Há mais azougue

A produção mundial de mercurio, que duplicou nos ultimos quinze anos, subiu de 143 000 frascos em 1950 para 275 000 em 1965. A procura desse metal líquido no chamado mundo ocidental, durante o ano findo, totalizou cerca de 260 000 frascos, e dessa quantidade os Estados Unidos da América do Norte consumiram 30 por cento.

As estatísticas internacionais indicam que o principal centro produtor é constituído pelas minas de Almaden. Assim, a Espanha tornou-se no primeiro país fornecedor de mercurio (ou azougue), seguindo-se a Itália e a Russia.

● A água que se consome

A água torna-se cada vez mais preciosa, dadas as exigências da vida moderna. Em tudo o que é necessário, desde a germinação do trigo, para fabricar um quilo de pão gastam-se 1500 litros do líquido vital; quase tanto para confeccionar um vestido de algodão e o dobro para se obter um litro de álcool.

E temos ainda o consumo individual, que é, por exemplo, nos Estados Unidos da América do Norte, de 1500 metros cubicos por ano, contra 5 apenas para a média dos habitantes dos países subdesenvolvidos. Na Europa, em França, o gasto não vai além de 501 metros cubicos anuais (1 para alimentação, 100 para as necessidades quotidianas e 400 para as necessidades industriais colectivas).

● Os nus de Renoir

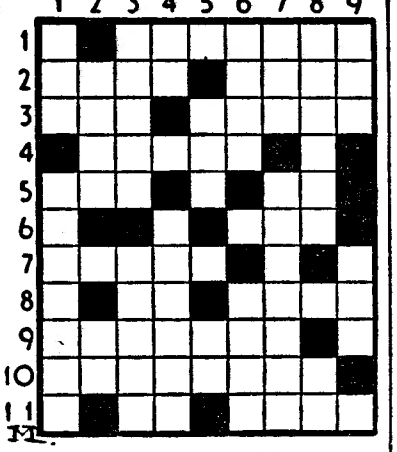
São impressionantes de vida palpitante os famosos nus de Renoir. Um dia alguém perguntou ao magnífico pintor como conseguia ele dar esse realismo, ao mesmo tempo no tom tão delicado e na expressão tão natural, aos seus nus. Resposta de Renoir:

— Pinto!... Pinto e continuo a pintar até sentir desejo de beliscar a figura na tela. Então sim: já sei que o quadro está bom!

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4374



HORIZONTAIS: 1 — Vacilante. 2 — Prendeu. Poesias. 3 — Ruído. Esconde. 4 — Medita. 5 — Preposição e artigo (pl.) Pronome pessoal. 6 — Incógnita. 7 — Mais cedo. 8 — Réis (abrev.) Igual 9 — Age. 10 — Designação do triângulo que tem os lados todos desiguais. 11 — Parecença. Filho do Sono e da Noite, deus da sátira e do riso.

VERTICAIS: 1 — Porém. Assentem arroial. 2 — Cimo. Réis (abrev.) 3 — Bebas. Permuta. 4 — Estrépito de desmoronamento. Perceber (pop.). 5 — Pega. Artigo antigo. 6 — Bolo de farinha de grãos de trigo torrado, usado nos sacrifícios da antiga Roma. O mesmo. 7 — Partida. Mar entre a Itália e a Sicília. 8 — Posteriormente. Antigo nome do rio Dão. 9 — Pegadeira. Cabelos brancos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4373

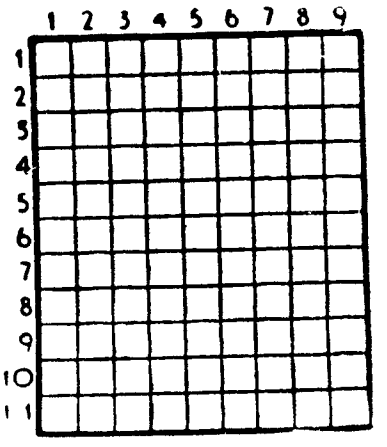
HORIZONTAIS: 1 — Tétis. Tá. 2 — Enrai. Aer. 3 — Moi. Calmo. 4 — QUEM 5 — Ténue. 6 — Afaima. 7 — Bólide. Os. 8 — Ir. Lata. 9 — NADA. Anca. 10 — Lá. Ar. Os. 11 — Rosada.

VERTICAIS: 1 — TEM. Robin. 2 — Eros. Oral. 3 — Tri. Dar. 4 — Ia. Refila. 5 — Sic. NADA. Ás. 6 — Aquietara. 7 — Aluem. An. 8 — TEME. Ao Coa. 9 — Aroma. Suas.

(Provérbio: QUEM NADA TEM, NADA TEME)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8219



HORIZONTAIS: 1 — Salário. Azáfama. 2 — Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Caminhar. 3 — Ninho. Sobeja. 4 — Compaixão. Costuravam. 5 — Pular. 6 — Artigo indefinido (pl.). Em partes iguais. 7 — Poisai no mar (o avião). 8 — Toleras. Mulo. 9 — Curas. Unidade monetária do Japão. 10 — Fecham as asas para descer mais depressa. Cidade da Roménia. 11 — Empunhei. Que tem muitos anos

VERTICAIS: 1 — Idiota. Tosta. 2 — Suco resinoso que se extrai da cápsula de certas papoilas. Assassinais. 3 — Atilho. Serviçal do Japão. 4 — Oferece. Emparelharam. 5 — Lista. Chefe etíope. 6 — Professoras. Prefixo de privação. 7 — Fecha as asas para descer mais depressa. Enguia. 8 — Olhara fixamente para. Medianas. 9 — Lavram. Espécie de gaiola.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8218

HORIZONTAIS: 1 — Vigo. Lesa. 2 — Ama. Sem. 3 — Ró. Ana. Li. 4 — Alugariam. 5 — Marã. Arma. 6 — Ror. Mãe. 7 — Sr. Ad. 8 — Pregarieis. 9 — Ea. Sós. Rã. 10 — Lis. Par. 11 — ózio. Leoa

VERTICAIS: 1 — Varam. Apelo. 2 — Imolar. Raiz. 3 — Ga. Urose. Si. 4 — Agarras. 5 — Una. Rol. 6 — Aramais. 7 — És. Irade. Pé. 8 — Salamé. Irão. 9 — Amima. Usara.

FACTOS REAIS — REVOLTA NA «BOUNTY»

13 — *Ao largo, as montanhas de Tenerife afundam-se no Oceano. Bligh convoca todos os homens e explica-lhes o objectivo da viagem. Não lhes lê as ordens do Almirantado, como fez para os graduados, á partida de Inglaterra. Fala com simplicidade, mas severamente, como é habitual nele. Tão severamente que os homens não ousam abrir a boca e ficam sem perceber nada. Ir buscar árvores de pão imaginárias e, para tal, estar condenado a dar a volta ao mundo com o satânico Bligh, detestado por toda a tripulação, isso era de mais, ultrapassava a imaginação dos mais dotados.*

Bligh termina o discurso prometendo benefícios a todos os que de tal se mostrarem merecedores no decurso da expedição. Benefícios? Os homens trocam do caso. Porque esta promessa não pode apagar os maus tratos infligidos pelo comandante, de que são diáriamente vítimas.

14 — *E o que conta para eles, acima de tudo, é essa carne dura como sola, embarcada em Santa Cruz, uma carne cheia de vermes. Bligh censura cruamente Christian Fletcher, que ousa dirigir-lhe a palavra sobre o assunto.*

Contudo, três dias depois, manda distribuir apetrechos de pesca aos marinheiros. E todos os que não estão adstritos a manobras são ocupados na pesca. Em breve, golfinhos vêm melhorar a ração. Todos pensam apenas em apoderar-se do que lhes cabe. Mas Bligh bem depressa manda confiscar todas as presas e estabelecer distribuições racionadas. Samuel, secretário do comandante, vigia a distribuição. Não sem tirar primeiro os melhores bocados para Bligh e para si próprio...

15 — *29 de Janeiro de 1786. O vigia assinala de subito:*

— Recifes!

Bligh vocifera ordens. Mas fica inquieto. Nunca foi assinalado qualquer escolho nestas paragens. E, no entanto, não muito longe, o mar agita-se com uma intensa efervescência. Bligh tenta evitá-la. Mas depressa se verifica que é um falso alerta. Aquilo é, afinal de contas, um enorme banco de peixes. E os marujos aprestam-se para uma boa pescaria.

No domingo, 2 de Março de 1786, após a missa, Bligh manda chamar Fletcher. Este, muito moreno, de cabelos negros, dirige-se ao capitão que lhe entrega uma ordem escrita. Fletcher desdobra-a: Os seus olhos relampejam de alegria: é a promoção a primeiro-tenente. Os homens, que adoram Fletcher, festejam alegremente este acontecimento. Mas esta manifestação de simpatia não é do agrado de Bligh...

16 — *Torna-se cada vez mais irritável e, no dia seguinte, o primeiro homem que se cruza com ele paga por todos. É um marujo chamado Mathew Quintal, trabalhador infatigável, mas de palavreado grosseiro. Acaba de responder bastante rudemente a uma ordem dada pelo mestre de equipagem. Bligh, que chega nesse mesmo instante, ouve-o.*

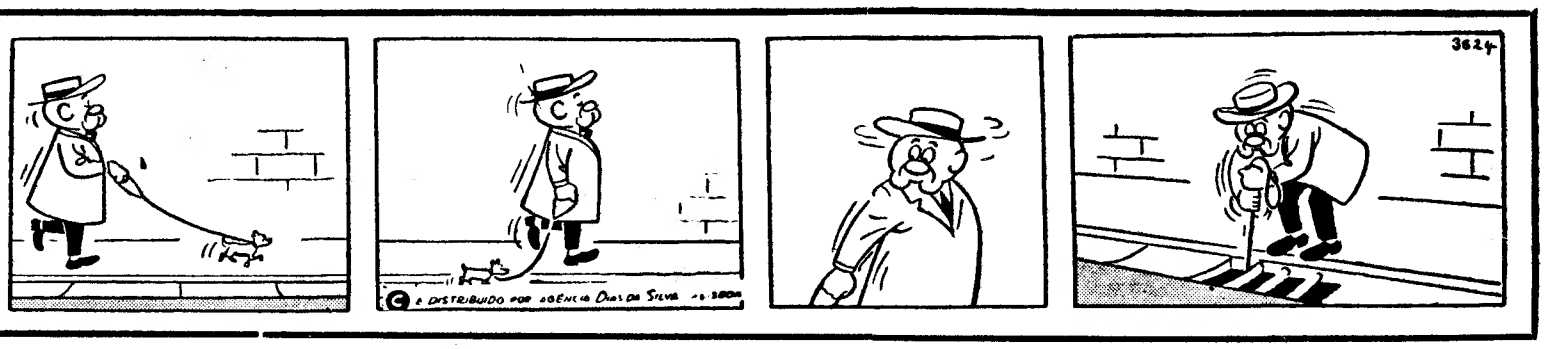
— Insolência! Insubordinação! — grita — vais saber o que é a disciplina. Vais receber doze açoites e verei se Morrisson cumpre como deve ser, senão acontece-lhe o mesmo que a ti...

Essa era a punição, desse tempo, nos navios ingleses.

E bastava uma pancada do chicote de nove pontas para deixar grossas marcas nas costas...

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



O «CASO WEBSTER»

Texto de **S. SAUVAN** Desenhos de **TOLDEAU**

RESUMO — Corre o ano de 1851. Em Boston, capital do Estado de Massachusetts, vive o prof. Websteh com a esposa e duas filhas. A cidade orgulha-se da aristocracia local, á qual pertencem os Webster. A 24 de Novembro, uma quarta-feira, dois oficiais da Polícia apresentam-se em casa do professor e pedem-lhe que os acompanhe, sem mais delongas á Faculdade de Medicina. Webster tenta exigir uma explicação para esse procedimento, mas os polícias fecham-se num mutismo exasperante.

10 — Webster fica enfurecido e esconde mal o seu estado febril. O oficial da Polícia mais alentado, que até aqui não abrira a boca, pergunta em tom neutro ao companheiro: «Alguma novidade sobre o desaparecimento do dr. Parkman? O inquérito tem progredido? Cá no meu entender, *cheira-me* a problema que pode muito bem ser resolvido...» Webster presta imediata atenção a estas palavras. Lamenta já ter-se dominado tão mal. Sente vagamente que a pergunta foi feita de propósito e que o interlocutor do colosso aproveitou a deixa para espiar as reacções do deido. Finalmente a carruagem mete pela Rua Leverett e pára defronte do Comissariado. Um dos oficiais desce, o outro empurra o professor para a saída. Comprimido entre os dois polícias, Webster avizinha-se do edifício e percorre um longo corredor mal iluminado, ao fim do qual há uma porta envidraçada com a seguinte indicação: «Comissário-chefe». Um dos polícias bate á porta. Responde-lhe uma voz peremptória: «Entre!»

11 — O professor é introduzido numa vasta sala, com a parede do fundo repleta de livros. Diante dele está o comissário-chefe, um homem de aspecto venerando, olhos risonhos e rosto simpático. Uma calvície precoce faz descobrir o crânio liso, reluzente como bola de bilhar. Um dos oficiais debruça-se sobre a secretária e diz-lhe qualquer coisa ao ouvido. O comissário acaba por despedir os dois subalternos, ficando sòzinho com Webster. Não o convida a sentar-se. O professor está lívido. Cotovelo apoiado no tampo da secretária, mão no queixo, o comissário folheia uma pasta. Webster diz para si próprio que por um terrível acaso não o conhece... Esta derradeira esperança esfuma-se-lhe na ideia. No decurso de uma vida profissional brilhante, como químico distinto da Faculdade de Medicina, jamais teve problemas com a Polícia. Mas agora entrou no mundo desconhecido da repressão legal. Sente-se tonto, tonto...

12 — A espera dura pouco, embora o suficiente para que Webster perca de todo o seu porte altivo. Por duas vezes mordeu a língua de pânico. Entretanto, espírito intuitivo como é, preferiu ficar calado. Passar ao ataque seria inútil... Além do mais não tem que defender-se de nada! Esperará o interrogatório e então poderá confundir os seus detractores. Finalmente o comissário-chefe levanta-se, dá a volta á secretária e poisa a mão no ombro de Webster: gesto terrível, confirmado quando o professor ouve o veredicto: «Está detido como presumível assassino do dr. Parkman!...»

(Continua)

Uma poesia esquecida de António Botto

(Continuação da 1.ª página)

vibrante — ainda que a sua voz se diga «*sóbria por natureza*» e tenha um cunho intelectual não puramente emotivo (1) —, ora de uma dolência elegíaca muito da nossa tradição lírica, que as *Canções* de algum modo enriqueceram. É incontestável a importancia deste livro na evolução da poesia pós-*Orpheu*, sendo fácil detectar a sua influência — do ponto de vista técnico-formal (2) — até em grandes poetas das décadas de 20 a 40, o que não significa que Botto seja maior («inovador» não é sinónimo de «o maior»...): trata-se de vozes pessoais, diferenciadas entre si e cuja temática geralmente nada tem a ver com a sua.

António Botto foi o que pode chamar-se um aristocrata, no gosto e na originalidade da sua arte, no requinte gráfico — que permanece inigualável — das suas edições (até a das *Canções* que reproduz, na capa, o busto do poeta por Diogo de Macedo, e á de *O Livro das Crianças*, de 1944, ilustrada por Julio de Sousa) e na corajosa altivez com que proclamava e defendia o seu esteticismo — apoiado e compreendido, aliás, por Fernando Pessoa, Jayme de Balsemão, Pascoaes, Mário Saa, Teixeira-Gomes, José Régio, Gaspar Simões, Aquilino Ribeiro e tantos outros, cujos testemunhos, datados, são indesmentíveis.

Não duvidamos que o próprio Julio Dantas tivesse escrito, decerto em carta particular: «canções de uma infinita espiritualidade, onde mal se sente o peso das palavras». Ter-lhe-ia Junqueiro chamado «príncipe de ritmos subtilíssimos»? Só a ilustre filha do Poeta da *Pátria* poderia esclarecer-nos. Mas já não é absolutamente de assegurar a autenticidade de muitas das opiniões laudatórias que enxameiam os seus livros, especialmente a ultima edição (1956) das *Canções*, típico documento da perturbação mental que a partir de certa época — talvez 1942-43, quando escorraçado do emprego de que vivia — lhe assinalou quase todas as atitudes. Na referida edição (a unica acessível, pois todas as anteriores são raridades bibliográficas de alto preço) alguns dos seus belos poemas foram, ainda, refundidos para pior, ou meramente estragados: numa arte rica de sugestões, límpidamente expressa, interpôs-se o discursivismo incoerente e palavroso que é para ignorar e esquecer e que, servindo embora os inimigos do poeta, não invalida o que há de perdurável — *eterno*, disse José Régio — na obra que nos legou até determinada altura.

Assente, pois, que, pelo menos a partir de 1947, data da sua partida para o Brasil, a «sífilis terciária» que já em Lisboa fora diagnosticada por psiquiatras seus amigos, como os profs. António Flores e Luís Navarro Soeiro, se lhe agravara progressivamente, é de aceitar a sua irresponsabilidade e de perdoar-lhe os inumeráveis desvios (claro que nos cingimos ao caso clínico, não ao que é intrínseco á biografia bottiana e, paradoxalmente, mal transparece nessa longa fase de decadência, cujo remate seria o ilegível «poema» *Fátima*). Mas alguém, no futuro, se encarregará de restituir o poeta á grandeza que lhe cabe, e expurgará a sua obra das excrescências que a maculam e porventura resultaram também do imperativo económico: Botto viu-se condenado a viver da pena e sonhara, sempre, com a popularidade e a fama, de que lhe adviesse o profissionalismo literário (fatal ilusão de quase todos os que escrevem). Para isso não hesitou em servir-se de vários meios (sejamos sinceros: de *todos* os meios); mas, apesar da simplicidade — exigente e *difícil*, segundo Jorge de Sena — das suas melhores páginas, nunca poderia ser um escritor, um poeta, para as multidões. E, no entanto, no Brasil (onde nem sequer encontraria editor) trabalhou infatigávelmente na «profissão» para que nascera dotado de raro talento, sim, mas para o exercício da qual lhe faltou (e logo quando mais precisava de se impor!) a lucidez indispensável a toda a criação artística digna deste nome. Não é, porém, de excluir a hipótese de o espólio, na posse da viuva, nos reservar surpresas.

A propósito do seu tão apregoado e «exclusivo» esteticismo: filho do povo António Botto não foi insensível aos conflitos sociais, como o não era ao encanto ou sofrimento das crianças. Isso — esse sentimento de humanidade patente em tantos dos seus poemas, como o que publicamos, e a imensa ternura pelos pequeninos, e o facto de ter sido um dos nossos maiores poetas do Amor — o absolve e purifica de tudo que desfigurou a sua vida de homem «impuro e desgraçado» (homens *puros* e venturosos, onde estais?).

Aproveitando o ensejo desta simples nota, podemos anunciar a abertura, ainda este mês, e precisamente em Alfama — que o poeta tanto amou e onde viveu na infância —, de uma exposição biblio-iconográfica em sua homenagem; e revelar estes dados biográficos, redigidos por um seu conterrâneo.

António era o filho mais novo do casal Francisco Tomaz Botto e Maria Pires Agudo, moradores em Concavada, freguesia de Alvega, concelho de Abrantes.

O António, bem como seus irmãos, Manuel e Carlos, nasceram na casa que era propriedade de seus pais, na Rua Direita do Casal de Baixo, casa térrea, que venderam e hoje se encontra completamente restaurada e modificada.

Como o pai trabalhava em Lisboa nas fragatas, a mãe viu-se na necessidade de mudar para a companhia do marido.

Assim, bastante cedo — crê-se que aos cinco anos de idade — o poeta passou a viver na Rua da Adiça, Castelo Picão, freguesia de S. Miguel (Alfama).

☆

António Botto — «príncipe sem vintém», tal como José Gomes Ferreira chamou a Ribeiro de Pavia — publicou o primeiro livro aos 16 anos: *Trovas*, dedicado «*ao primoroso poeta Afonso Lopes Vieira*». Afonso Lopes Vieira o teria protegido na adolescência e dele apreenderia Botto — em cuja individualidade há também algo de António Nobre, narcisista de superior estirpe — a lição rítmica que soube inflectir da modernidade que o tornaria um dos mestres da nossa poesia contemporanea; ainda que, dos pontos de vista ético e material, os dois poetas e antigos amigos — mais tarde, fatalmente, incompatibilizados — fossem tão opostos como o dia e a noite, Lopes Vieira, felizmente para ele, não justificou o verso «*vendem os deuses o que dão*»; Botto pagou demasiado caro (e está por narrar a sua odisseia, já antes de deixar Portugal!) a condição de poeta nato e o facto de lhe ter faltado quase sempre — repetimos: principalmente no exílio, apesar de, quando hospitalizado, constar ter tido toda a assistência —, de lhe ter faltado o que sobejou a Afonso Lopes Vieira: o desafogo material indispensável para se realizar como homem e como artista: ou, pelo menos, na angustiosa fase final, uma simples subvenção que lhe minorasse as privações.

Não se julgue, porém, que em toda a vida enfrentou dificuldades tamanhas: épocas houve em que lhe foi possível, realizar o instintivo pendor aristocratizante, quer editando-se com a rara elegancia gráfica que já destacámos (escasseavam então os editores «comerciais» de poesia) quer viajando demoradamente pelo estrangeiro. Nas leituras — que não deviam ser vastas nem profundas mas a que decerto era sumamente receptivo o seu espírito sensibilíssimo —, nas viagens e na convivência, desde muito jovem, com os melhores do seu tempo — o genial poeta da *Mensagem*, por exemplo, companheiro de tertulia diária e que lhe consagrou ensaios que, reunidos, podiam formar um volume —, alicerçou ele a sua cultura, que verdadeiramente consistia numa poderosa intuição.

Justificados, portanto, como estão, pela semiloucura, os ultimos anos de António Botto no Brasil deviam constituir um acusador remorso para todos os seus admiradores e para os compatriotas que, não lhe assegurando quaisquer recursos deixaram que «*um príncipe*» chegasse ao supremo vexame de estender a mão á caridade publica (mesmo que *só* acidentalmente tal acontecesse). Isso — e já não próprìamente o ter sido atropelado, por um carro do Governo brasileiro, quando, muito surdo já, atravessava uma rua do Rio — foi o que de facto vitimou o autor das *Canções*, que comovidamente recordamos, apesar de mal o termos conhecido: mas da sua insinuante presença humana (sempre «floreteando ironias», no dizer de Jaime Brasil) gravou-se-nos a imagem de um ser de excepção — para além do bem e do mal: simplesmente artista —, condizendo com a sua poesia de melhor timbre. A memória do poeta merece respeito piedade — e a consciente admiração que se deve aos que no mundo deixaram um rasto de beleza.

L. A.

(1) V. Fernando Pessoa: «António Botto e o ideal estético em Portugal», in **Contemporânea** («revista feita expressamente para civilizar gente»), n.º 3, Lisboa 1922, pp. 121-126

(2) V. José Régio: **António Botto e o Amor**, Porto, 1937, pp. 179-180; Jorge de Sena: «Tentativa de um panorama coordenado da Literatura Portuguesa de 1901 a 1950», in **Tetracórnio**, Lisboa, Fev.º de 1955, p. 16; e José Gomes Ferreira: **A Memória das Palavras**. Lisboa, 1965, pp. 106-107.

NOVAS LIGAÇÕES DIURNAS E QUOTIDIANAS

ENTRE

LISBOA E MADRID

A PARTIR DO DIA 2 DE MARÇO

PELO COMBOIO AUTOMOTOR

Lisboa-Expresso

(TER)

HORÁRIO

PARTIDA DE LISBOA (SANTA APOLÓNIA) ÀS	9.40
CHEGADA A MADRID (DELÍCIAS) ÀS	19.00
PARTIDA DE MADRID (DELÍCIAS) ÀS	10.45
CHEGADA A LISBOA (SANTA APOLÓNIA) ÀS	19.40

LUGARES EM 1.ª E 2.ª CLASSES

(AR CONDICIONADO)

CP

TURISMO E PUBLICIDADE

LIVROS & AUTORES

APRECIAÇÕES CRÍTICAS DE MÁRIO SACRAMENTO

«MARIANA ALCOFORADO — a freira de Beja e as LETTRES PORTUGAISES», revisão crítica e nova versão das cartas por ANTÓNIO BELARD DA FONSECA (Ed. Autor, Dep. Bertrand)

Pelo prestigio de um escândalo de amor e de um lançamento editorial francês, a freirinha de Beja é um dos nossos raros autores de repercussão internacional. Decorridos três seculos precisos sobre o romance que a ligou a Noël Bouton, futuro marquês de Chamilly, só pretendo homenagear a sua memória acolhendo á sombra tutelar do seu nome este punhado de histórias de amor.

Diga-se, sem mais preâmbulos, que o livro de António Belard da Fonseca é, no seu género, um trabalho exemplar. Vai ser muito difícil, depois dele, voltar a pôr-se em duvida a originalidade das cartas. E digo original porque sempre ficará de pé a questão de terem sido reescritas ou trabalhadas por mão alheia, antes de virem a publico. Mas os argumentos que impugnavam a própria génese das cartas são destrocados sem apelo pelo autor. Demonstrado fica não só que são exactas todas as suas referências locais e biográficas, mas que teria sido impossivel inventá-las alguém de longes terras. Não sei que mais louvar: se a erudição rigorosa mas desafectada, se a segurança da argumentação, se o bom gosto da escrita, que se lê com o agrado e a fluência — perdoem a imagem, que é, todavia, exacta! — duma dedução á Conan Doyle. Fecha-se o livro perante uma evidência. É raro ver-se um erudito tratar com esta elegancia, quase diríamos, este desfastio irónico, um assunto que escavou durante largos anos. Até como simples exemplo de metodologia crítica a sua leitura seria de aconselhar.

Ponto assente, portanto: a freira e o romance correspondem ao teor das cartas. Mas é de Mariana Alcoforado o texto que chegou até nós? A hipótese de haver sido escrito em francês pela própria freira é arbitrária, uma vez que o amante residiu cinco anos em Portugal, o que não pôde deixar de lhe dar um conhecimento da nossa língua superior ao que Mariana tivesse do francês. Resta, assim, a da tradução. Ora, o que levou á publicação desta foi o sucesso que obteve ao circular manuscrita. Depreende-se disso que já tinha interesse, á partida, como documento humano. Mas tê-lo-ia dum ponto de vista literário? Quem leia com atenção as cinco cartas pode ver que, a par do depoimento dramático e do acento fogoso, há pequenas subtilezas de auto-análise psicológica que denotam a interferência dum intelectual e, aqui e ali, um certo embutido do *morire di amore* pré-romantico, que por vezes desce ao próprio deleite da flagelação moral. Exemplos do primeiro tipo: «*Comment se peut-il faire que les souvenirs des moments si agréables, soient devenus si cruels? et faut-il que contre leur nature, ils ne servent qu'a tyranniser mon coeur? Hélas! vostre dernière lettre le réduisit en un strange état: il eut des mouvements si sensibles qu'il fit, ce semble, des efforts, pour se séparer de moy et pour vous aller trouver*». «*Je vous défie de m'oublier entièrement: Je me flatte de vous avoir mis en estat de n'avoir, sans moy, que des plaisires imparfaits, et je suis plus heureuse que vous, puisque je suis plus occupée*». «*Je vis infidelle que je suis, et je fais autant de choses pour conserver ma vie, que pour la perdre. Ah! j'en meurs de honte: mon desespoir n'est lonc que dans mes Lettres? Si je vous aimois autant que je vous l'ay dit mille fois, ne serois-je pas morte, il y a longtemps? je vous ay trompé, c'est á vous á vous plaindre de moy*».

E outros, do segundo: «*J'ay éprouvé que vous m'estiez moins cher que ma passion, et j'ay eu d'estranges peines á la combattre, après que vos procédés injurieux m'ont rendu vostre personne odieuse*». «*Il me semble que je vous parle trop souvent de l'estat insupportable où je suis, cependant je vous remercie dans le fonds de mon coeur du désespoir, que vous me causez*». «*Faites-moy souffrir encore plus de maux*». Nada obsta, está claro, a que Mariana Alcoforado tivesse sido uma excepção no seu meio, uma vocação de intelectual ultrapassando o seu tempo. Que sabemos nós, inclusivamente, do que terá lido por empréstimo do amante ou de outros oficiais do corpo expedicionário rfancês? Mas o mais plausível é que o documento humano que as cartas seriam na origem, suficientemente rico e tenso para suscitar a curiosidade e a admiração dos que as leram, tivesse sido respeitado no essencial, mas retocado, adornado e desenvolvido, antes de ir para o prelo, por quem sabia do ofício e conhecia o gosto do tempo. A carta mais artificial, quanto a mim, é a ultima. E não por ser a da ruptura: é nela que preponderam os aspectos que indiquei e que seria impossível transcrever ou comentar aqui. Não custa a crer que tivesse sido forjada, em parte ou na íntegra, a fim de dar sequência e desfecho ao conjunto, que sem ele perderia atractivo perante os leitores da obra impressa.

Mas tudo isto são conjecturas, se bem que legítimas. O precioso e preciso é que se estabelecesse, coroando o que Luciano Cordeiro renaturalizam-se portuguesas. E, avançara, a autenticidade original das cartas. Reescritas ou não, elas na primeira hipótese, é caso para perguntar: quantos *nègres* trabalharam, com nosso conhecimento ou sem ele, em obras que fizeram a glória dos seus autores de fundo ou de lombada? E não é verdade que o que nos dá um tom de época ás cartas é justamente o que nos parece artificioso ou «literário» nelas? Se a epistolografia pode ser, e é, a exégese dum género literário, teremos de admitir que este só existe porque algo se transpõe, nele, de documento *tout court* em expressão do humano. E é fora de duvida que tal transposição não reside no aliteratado que apontei, mas sim na *vis* emotiva que deu celebridade ás cartas logo na origem. Se a questão é de votos — e tem de sê-lo... —, direi: vá, pois — e sem chauvinismo —, por Mariana Alcoforado, escritora portuguesa!

Tendo entrado para o convento aos onze anos e professado aos dezasseis, a freirinha de Beja descobriu o amor de chofre e venceu todas as barreiras, morais e físicas que a separavam do amante, sucumbindo apenas ás que a distancia e a indiferença acrescentaram àquelas. É esse concreto que universaliza e intemporaliza as cartas, na medida em que barreiras morais e físicas, ausências e desencontros afectivos, são constantes sociais e humanas. A data transpõe-se em perenidade, o lugar em «habitat» humano indiferente ás latitudes e longitudes do acaso em que nascemos.

«AUTOBIOGRAFIA DE UMA MULHER ROMÂNTICA», romance de NATÁLIA NUNES, 2.ª edição (Portugália)

O romance de Natália Nunes também tem um assento baptismal. Direi, até, que é, a seu modo, coetâneo e conterrâneo do *Fogo na Noite Escura* de Fernando Namora. Se este ultimo nos dá a problemática, sobretudo masculina, dum escol de jovens intelectuais pequeno-burgueses a braços com o contexto dum mundo cujo devir os trouxe á consciência das transformações sociais que estavam em curso na época, a *Autobiografia de uma Mulher Romântica* é o «pendant» feminino dessa problemática, mas vista da vertente oposta. A auto-análise psicológica que, nas cartas de Mariana, nos levaram a suspeitar a intervenção dum homem, realiza-se, agora, em termos seguramente femininos — e isso pela simples razão de a carreira intelectual se ter aberto, entretanto, para a mulher também. Mas se ter aberto em circunstancias muito peculiares, em que persiste o que poderá designar-se por *complexo do pecado original*. Quer dizer: se a mulher já não é freira, como Mariana, é ainda moralmente católica. E digo moralmente porque o conteúdo histórico desse aspecto é diferente do do religioso. Há, assim, uma ideologia oculta, subterranea, latente, a separar a mulher da sua intimidade verdadeira. É ela que a conduz á idealização de si e da vida em geral, e a faz sentir um ressaibo de pecado em tudo o que seja espontaneidade humana. Dizendo-se romantica, ela mascara, apenas, e em termos literários, um idealis-

NATÁLIA NUNES

mo moral que o meio, a classe e a educação promoveram nela, o que talvez não possa designar-se já por católico, do ponto de vista especificamente religioso, mas o é, ainda, dum ponto de vista ético; tal como talvez não possa intitular-se já de pequeno-burguês, dum ponto de vista genéricamente social, mas o é ainda dum ponto de vista intelectual.

Quero eu dizer: entre o esboço de emancipação amorosa que as cartas de Mariana traduzem e, por exemplo, a *libertarização* que os contos de Clara d'Ovar reflectem, há todo um processo em que o romance de Natália Nunes é um dos elos de cadeia. Todos nós, os homens que vivemos, dum modo ou doutro e num lugar ou noutro, a época de *Fogo na Noite Escura*, conhecemos as mulheres que viveram, num lugar ou noutro, e dum modo ou doutro também, as inquietações da *Autobiografia de uma Mulher Romântica*. E o que é mais: namorámo-las — e casámos, até, com elas, nalguns casos. Do que resultou, não raras vezes, termo-las devorado ou termos sido devorados por elas, quando não pudemos ou não soubemos, uns e outras, ultrapassarmo-nos em nossas correlativas incapacidades e insuficiências. É que, se a uma ideologia se sucede sempre uma outra, mesmo (ou sobretudo?) entre aqueles que se supõem ou dizem libertos delas, a ideologia adoptada é um *tour de force*, ou um mero esquema mental, quando teoria e prática entram em conflito — e nas épocas de transição isso é inevitável. Se Filipe, o jovem que repudia o amor de Clotilde, a narradora, é uma figura esquemática que dificilmente nos convence, a verdade é que o seu esquema existiu. E só é pena que a autora não tenha podido aprofundá-lo, analisando-o em suas causas e efeitos. Direi mais: esse esquema não só existiu como foi necessário. (Deixo ao leitor o cuidado de passar, ou não, os verbos para o presente). Numa sociedade de luta de classes, o amor é antropófago; quem não devora é devorado, como já vimos. E a autora reflecte, em vários passos do livro, este problema, a que ora chama, todavia, sadismo, ora masoquismos femininos.

O romance de Natália Nunes é, assim, um documento também — e tanto literário como humano. Literário, porque exprime um dos passos da emancipação intelectual da mulher portuguesa; humano, porque testemunha sobre um dos seus momentos sociais. Que lhe falta, contudo, para vencer a barreira da perenidade e da universalidade? — Esse mesmo concreto que louvei nas cartas da freirinha de Beja. Sensações, sentimentos, imagens, conceitos, não rebentam espontaneamente perante nós, mediante a magia da reinvenção literária: são-nos *ditos*, *são-nos descritos* por forma abstracta e quase diríamos ensaística: Os namorados que Clotilde vai tendo são apenas genéricos «rapazes» que não se visualizam, não se singularizam perante nós. E o mesmo sucede com os parentes, as amigas, os passos autobiográficos da personagem central. A cidade não é, indiscutivelmente, *uma certa* cidade; o campo não é, indubitávelmente, *um certo* campo; a praia não é, seguramente, *uma certa* praia. E isto alastra para a análise psicológica, que se perde no vago e torna a leitura informe: «*dava comigo em dissolução, dispersão, decaimento e quase aniquilamento*»; «*tendia para uma solidificação, uma concentração, uma ascensão e quase plenitude*»... Daí que o estilo só resulte simples e directo na aparência, pois serve sempre de biombo a um pudor que se entrincheira por detrás dele. Claro está que isto mesmo é documental também. E Natália Nunes já o ultrapassou em obras posteriores, bem assim como a outros dos aspectos apontados. Mas, na medida em que este livro foi revisto para a presente edição e poderá vir a ser reescrito para outra, sinto-me no dever de dizê-lo. Um estilo aparentemente abstruso pode ser transparente se traz consigo o sinal certo do que pretende dizer. E um estilo singelo, directo, tu cá tu lá connosco, pode resultar rebarbativo, em caso contrário. Documento literário e humano duma sociedade em que o sexual é «*feio, repugnante*» e o complexo do pecado original transforma «*as alegrias que podiam ser simples em dramas com ressaibos de incipiente metafísica*», a *Autobiografia de uma Mulher Romântica* é um marco na história da emancipação da mulher portuguesa, nada e criada que foi ou é num mundo em que ainda se namora á janela e se noiva em serões de bisca caseira, — pelo que não só merece ser lido criticamente, mas retomado pela autora, se possível, com vista a uma edição definitiva.

«AS AMOROSAS», contos de ANDRÉ BAY, tradução de MARIA JUDITE DE CARVALHO e prefácio de URBANO TAVARES RODRIGUES (Início)

Segue-se, no meu rol, o livrinho de André Bay. Porque o incluí entre estas obras portuguesas? — Porque se trata não só dum autor que é amigo pessoal de escritores portugueses, mas dum autor francês que revive e reinventa, nestes contos, as suas recordações de amor: e, se foi francês o marquês de Chamily, franceses são,

«VÉRTICE»

Saiu mais um número (duplo): referente aos meses de Outubro e Novembro) da revista «Vértice», que assim prossegue a sua notável obra em prol da cultura portuguesa. Deste numero, recheado de interesse, fazem parte valiosos ensaios dos drs. Egídio Namorado e João Medina sobre «Camões: Poeta-Filósofo)?» e «Uma biografia de Maquiavel», e dos profs. drs. J. A. Serra e Luís Albuquerque sobre «Universidades Canadianas» e «Instrumentos, Ábacos e gráficos na náutica portuguesa dos séculos XVI e XVII, além de trechos de ficção subscritos por Sidónio Muralha e Mário Braga, e de uma narrativa de Jacques Alibert. No Panorama inserem-se algumas das habituais secções (Ciência e Técnica, Cinema, Economia, Literatura e Teatro), com a colaboração de A. J. Soares, Eugueri Fedorov (com um assinalável estudo intitulado «Na vanguarda da ciência), Julio C. Acerete, Fernando Assis Pacheco, Augusto Linhares e Temistocles Linhares, além de um oportuno ensaio de Armando de Castro sobre «A teoria económica moderna» e uma bem elaborada nota de redacção, acompanhada de um belo poema, a propósito da atribuição do prémio Nobel da Literatura de 1966 a Nelly Sachs.

Em CANTANHEDE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ CENTRAL, LARGO DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA.

em larga medida, os incentivos que têm conduzido as mulheres portuguesas pela estrada da redescoberta de si mesmas. Humor e amor — duas palavras que os duros de ouvido dificilmente distinguirão... No que mostram ouvir melhor do que os outros! Só o humor dá civilidade ao amor. Esse o encanto destes contos, cuja maturidade equivale á dum hábito necessário. E nunca um verdadeiro poeta deixou de sê-lo perante a banalidade rotineira dum nascer ou dum pôr-de-Sol, por exemplo. «*A realidade — o que é?*» É fazendo esta pergunta aparentemente insensata que a encontramos. Ou que fugimos dela...

«O ADOLESCENTE», novela de NITA CLÍMACO (Ed. Autora. Dep. Organizações)

Sim, que fugimos dela, porque uma realidade pode ser negada em nome de «outra». E é o que faz Nita Clímaco na sua novela, que poderia chamar-se *O Anti-Adolescente*. O verdadeiro herói do seu livro não é, de facto, Rui, jovem coimbrão apaixonado por uma turista francesa, mas o dr. Cruz, espécie de conselheiro Acácio do amor, a quem aconteceram, durante um estágio em Paris, todas as frustrações, equívocos e aberrações que o anedotário arquiva — e se tornou, em consequência disso, um paternalista da velha guarda. Não é a redescoberta juvenil da vida que o livro exalta, ao contrário do que o título insinua, mas o apego possidónio ao lugar-comum. Novela didáctica, escrita no estilo do moralista que diz: «vê bem no que eu caí e salva-te enquanto o podes!», faz lembrar o estardalhaço aparatoso da «Armée du Salut». Doi-me escrever isto, mas custa a compreender como é que uma escritora com qualidades, viajada e culta, tendo sem duvida um turbilhão de recordações para dar-nos — pois pressente-se, no que escreve, que a crónica ou o memorialismo seriam um caminho acertado para ela —, vem defender o filistaismo como que ensina o padre-nosso ao vigário. Tal moralismo é o contrário de moralidade; tal realismo, o inverso de realidade. Foi em escolas de adolescência como esta que se fizeram, no século passado, os Libaninhos.

Como não podia deixar de ser, a temática está inçada de contradições formais, sendo nodal, entre todas, a que faz o elogio das virtudes da mulher francesa, em geral, e põe nos braços do adolescente, logo por azar, uma que é leviana, caprichosa, lasciva e cínica. Todo o entrecho tem esta desenvoltura. É como se alguém pensasse que uma colecção de estampas pornográficas pode deixar automáticamente de sê-lo se for resguardada com a capa da *Virtuosa Benfeitoria*. Há momentos, todavia, em que esquecemos tudo isso: são aqueles em que Paris escreve pela mão da autora e levanta um restolho de folhas mortas na memória. E em nome deles e dum estilo escorrido, ágil, que por vezes se insinua ao ponto de velar e desarmar a vigilancia crítica, que me pareceu justo quebrar a norma que *tenho seguido de ignorar* as obras secundárias.

«HISTÓRIAS MALDOSAS», contos de LUIS SOBRAL (Ed. Autor. Dep. Atlântida)

O mesmo critério me leva, mas agora com a justificação especial de o autor ser um jovem de vinte e três anos, a mencionar as *Histórias Maldosas* de Luís Sobral. Trata-se dum estreante que sabe contar. E dialogar, sobretudo. Contos em *flash*, de influência norte-americana, desiguais mas limpos. E um estilo vivo, nítido. *Balada Op. 3* é um conto de adolescentes que não envergonharia um escritor feito. Como enquadramento, uma geração que se define assim: «*com vinte e um, vinte e dois anos, esgotámos o mundo, bebêmo-lo*»... Mas nunca houve juventude sem grandes frases!